



Isabela Carolina Santos de Sá dos Reis
Míghian Danae Ferreira Nunes

Para além do racismo, somos referêncial!
Trajetórias profissionais de professoras
negras de educação infantil.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

REITOR

Miguel Sanches Neto

VICE-REITOR

Ivo Mottin Demiate

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO E ASSUNTOS CULTURAIS

Beatriz Gomes Nadal

EDITORA UEPG

Jeverson Machado do Nascimento

**Para além do
racismo, somos
referência!
Trajetórias
profissionais de
professoras negras
de educação infantil**



Copyright © by Isabela Carolina Santos de Sá dos Reis, Mighian Danae Ferreira Nunes & EDITORA UEPG

EDITORA UEPG - EQUIPE EDITORIAL COORDENAÇÃO EDITORIAL

Jeverson Machado do Nascimento

REVISÃO

Emilson Richard Werner

PROJETO DA CAPA

Beatriz Vieira de Oliveira

PROJETO GRÁFICO

Andressa Marcondes

CAPA

Murilo Martins

DIAGRAMAÇÃO

Rafaela Koloda

p221 Para além do racismo, somos referência! Trajetórias profissionais de professoras negras de educação infantil [recurso eletrônico] / Isabela Carolina Santos de Sá dos Reis, Mighian Danae Ferreira Nunes (orgs.). Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2026. 155p.; PDF; [Reexistências].

ISBN: 978-65-86234-95-4

1. História oral. 2. População negra – Aspectos sociais. 3. Racismo na educação. 4. Racismo institucional. 5. Combate ao racismo. I. Reis, Isabela Carolina Santos de Sá dos (org.).

II. Nunes, Mighian Danae Ferreira (org.). III. T.

CDD: 320.56

Elaborado por Rodrigo Pallú Martins – CRB 9/2034/O

O Depósito legal na Biblioteca Nacional

EDITORA UEPG

Praça Marechal Floriano Peixoto, n. 129 - 84010-680

Ponta Grossa – Paraná - (42) 3220-3306

vendas.editora@uepg.br - www.editora.uepg.br

2025



COLEÇÃO REEXISTÊNCIAS

O trabalho para a organização do VI Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros e Negras da região Sul – COPENE Sul realizados na Universidade Estadual de Ponta Grossa em 2023, trouxe consigo uma uma necessidade de ampliação da luta contra o epistemicídio e pela visibilidade de pesquisas e ensaios produzidos por negros e negras, sobretudo no Brasil. Assim, desde então, trabalhamos na construção desta Coleção chamada Reexistências pela Editora UEPG. O nome da Coleção é uma leitura que fazemos do conceito de letramento de reexistências, cunhado pela pesquisadora negra Analu Souza (2009). O conceito ganha força ao buscar apreender, entender as práticas cotidianas de uso da linguagem que provocam releituras de identidades raciais, étnicas, de gênero, sexualidade, políticas, dentre outras (Souza, Jovino e Muniz, 2018). Utilizamos Reexistência como um conceito que visa mostrar os potenciais acadêmicos produzidos a partir de diferentes campos e áreas. Nesta perspectiva, reexistir é também resistir por meio da divulgação do conhecimento produzido. É lentificar, colocar em evidência, os potenciais, as inovações teóricas, metodológicas e temáticas na produção de negros e negras.

Ione da Silva Jovino

Coordenadora da Coleção Reexistências



PREFÁCIO

**Travessias e Atravessamentos
nas Histórias de Vida e
Trajetórias Profissionais
de Professoras Negras**

Aceitei o convite de prefaciar o presente livro com a alegria de quem ganha um presente de aniversário. Aprender com as histórias e trajetórias profissionais e de vida de colegas, professoras negras como eu, exige a rememoração de nossa própria trajetória e, dessa maneira, revigora nossa luta e fortalece nossas práticas.

O livro “Para além do racismo, somos referência! Professoras negras de educação infantil”, organizado pelas professoras Míghian Danae Ferreira Nunes e Isabela Carolina Santos de Sá dos Reis, socializa as entrevistas oriundas do projeto de iniciação científica de mesmo nome. A opção das organizadoras foi nos apresentar as professoras Caroline de Jesus, Cristiana Machado de Araujo, Jeane da Silva Alves Salles e Kátia Ribeiro Lima como autoras das entrevistas por elas concedidas durante a realização deste trabalho.

Iniciei minha vida profissional trabalhando numa creche comunitária. Assim, me senti convidada para fazer parte desta reunião de professoras negras, que refletem sobre sua atuação pedagógica e coletivamente buscam formas mais efetivas, humanas e prazerosas de seguir construindo uma educação antirracista.

Eu, uma mulher negra de origem pernambucana, habituada a atravessar as pontes do Recife, optei por usar as travessias e atravessamentos como eixos orientadores desse prefácio por dois motivos: o primeiro diz respeito aos tempos pandêmicos, período no qual o projeto que dá origem ao presente livro foi vivenciado. A

pandemia de COVID 19 constituiu-se uma difícil *travessia* para uma nova realidade, que produziu uma infinidade de *atravessamentos* (alguns dos quais ainda nem conseguimos identificar), com profundos impactos e aprendizados de ordens diversas em nossas vidas. Como afirma Paulo Freire (2015, p. 130): “quem faz travessia é atravessado pelo tempo-espaço que atravessa”.

O segundo motivo, mais conceitual, refere-se ao modo como percebo as trajetórias profissionais de vida e formação das professoras. Compreendo que a vida é uma travessia; a formação é uma travessia; fazer pesquisa é realizar travessias; e por isso na atuação docente realizamos travessias cotidianas. Como elas ocorrem na docência de professoras negras? Que *atravessamentos* orientam nossas travessias educativas? Significa que estou tomando *a travessia como processo de formação humana*. Por isso formação permanente, numa acepção ao pensamento de Paulo Freire. Também dialoga com a concepção de produção de conhecimento, conforme o mesmo autor. Um conhecimento gestado e produzido no movimento de descobertas, apropriação, invenção e reinvenção.

Na condição de uma professora negra são muitos os *atravessamentos* que nos impactam nas escolhas para empreender as travessias. São *atravessamentos* que se fundamentam na relação de gênero, na percepção de nosso pertencimento racial, na condição e posicionamento de classe que experimentamos. Aspectos que dialogam de forma estrutural com o tempo-espaço no qual estamos inseridas. Dependendo dos contextos de nossa existência, em muitos momentos esses *atravessamentos* podem fragilizar nosso trabalho docente. Entretanto, como perceberão por meio das entrevistas com as professoras, também podem ser concebidos como força vital na organização das vivências educativas.

Por outro lado, somos igualmente atravessadas, por atos, por palavras, por afetos diversos, por sentimentos... E aqui eu gostaria de destacar dois desses sentimentos, como *atravessamentos* importantes

que, penso, nos acompanharam nos tempos pandêmicos, mas que são permanentes em nossas práticas educativas antirracistas: o *medo e o amor*.

Em *Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis* (2011), Paulo Freire nos fala, entre outras coisas, sobre a educação de seus medos. Nos ajuda a compreender que o medo é inerente ao ser humano, mas pode ser tomado como um desafio a ser enfrentado, compreendido e superado. A leitura da obra mobiliza inquietantes questões: quais os ruídos que nos amedrontam hoje? Do que são feitos? Como são produzidos? Como podemos nos educar em relação a eles?

Certamente, o racismo e as desigualdades étnico-raciais que foram escancaradas no período da pandemia, mas que fazem parte da constituição histórica do nosso país, são mais que ruídos, que atravessam a concretude da nossa vida. E como o entendemos e enfrentamos na atuação docente?

Na minha compreensão, a mais poderosa forma de resistência é o amor... Sempre por meio do amor. Não o amor romântico, mas o amor que é forjado no comprometimento humano com sujeitos e sujeitos humanos. Paulo Freire afirma que: “É impossível ensinar sem essa coragem de querer bem, sem a valentia dos que insistem mil vezes antes de uma desistência. É impossível ensinar sem a capacidade forjada, inventada, bem cuidada de amar (Freire, 2015b p 28). A prática das professoras Caroline, Cristiana, Jeane e Kátia transbordam o amor pelo que fazem. E o amor possui muitas maneiras de manifestar sua existência. Nesse contexto educativo, compreendo que uma das formas de amar é compartilhar possibilidades de descobertas e reinvenções de si. Construir comunidades de aprendizado, como diz bell hooks (2017).

Assim, minha leitura das entrevistas que constituem o presente livro foi em busca desse movimento, dessa travessia, desse processo de descobertas e aprendizados das professoras de São Francisco do

Conde, por meio do disparador: como elas foram se tornando professoras comprometidas com uma educação antirracista? Ou dito de outra forma... Qual o itinerário pedagógico de suas práticas docentes, como professoras negras que se descobriram sujeitas de sua história? E, portanto, se perceberam com um ser sempre inacabado, porque sempre em busca de aprender mais (Freire, 2015).

Nesse movimento, minha leitura também foi rememorando aprendizados sobre o significado da presença das mulheres negras no magistério. As pesquisas sobre esta temática, que hoje já pode ser considerada como um campo de estudos, indicam que o magistério emerge como um campo de trabalho que, mesmo conferindo status profissional às mulheres negras, apresenta-se como um campo de inserção “permitido” em dado momento histórico. Por isso, a escolha pela profissão é um elemento da trajetória de luta e resistência dessas mulheres pela sobrevivência. Como afirma Nilma Gomes (1995, p. 154): “na tentativa de ocupar os espaços possíveis surge o horizonte do magistério”.

Em trabalho publicado em 2013, considerando um conjunto de estudos apontados por Patrícia Santana (2004) enumeramos alguns aspectos do significado da presença das mulheres negras no magistério.

Em primeiro lugar, considerando as condições de vida das mulheres negras em geral destacamos a perspectiva da mudança de vida. Tornar-se professora é uma forma encontrada por essas mulheres para melhorar de vida. Um segundo aspecto que pode ser enunciado é o rompimento com o lugar de subalternidade destinado à população negra. Ao tornarem-se professoras, essas mulheres passam a ocupar um espaço do qual a maioria de seus pares estão excluídos.

(...) Um último aspecto que apontamos é que mesmo continuando expostas às imagens estereotipadas sobre a população negra, ao assumir a docência as mulheres negras passam a vivenciar o preconceito e a discriminação a partir de um novo lugar. Um lugar que mesmo sendo considerado de pouco prestígio social eleva sua auto-estima,

porque melhora sua condição de vida. Este novo lugar, a depender de sua trajetória de vida, lhes possibilita questionar sua situação, ressignificar sua identidade e buscar novas estratégias para o enfrentamento do racismo (Silva, 2013 p. 117).

Significa que a presença das mulheres negras nos espaços antes considerados “majoritariamente brancos” termina por causar modificações, inclusive estéticas, nesses espaços. Ou seja, “a presença de mulheres e homens negros no magistério em escolas brasileiras inclui a dimensão étnico-racial nesse espaço de disputas sociais” (Silva, 2013 p. 117).

Naquela pesquisa descobrimos que a ação pedagógica de cada professora é fortemente influenciada pela percepção do seu pertencimento étnico-racial. Ou seja, os saberes mobilizados no processo de construção identitária é o elemento mediador, que ao despertar as professoras para o reconhecimento de seu pertencimento também as impulsiona para mudanças em sua prática docente. Se perceberem alguma semelhança com as histórias das professoras de São Francisco do Conde ou de outras professoras negras que conhecem, não se surpreendam. Não é coincidência!

São Francisco do Conde, cidade onde está localizado o Campus dos Malês da UNILAB, está situada no *Território de Identidade do Recôncavo* na Região Metropolitana de Salvador. Trata-se de uma cidade majoritariamente negra, conforme dados do IBGE, possui a maior população negra declarada do Brasil (maior que 90%). Entretanto, não está livre do racismo, do preconceito ou da discriminação racial que estrutura a sociedade brasileira. E desse modo, a despeito de ser uma cidade rica em virtude da extração, do refino e do processamento de petróleo, apresenta grandes índices de desigualdades sociais e educacionais.

Inserida nesse território, a UNILAB tem como compromisso social promover ações voltadas para o desenvolvimento de programas/

projetos de pesquisa e extensão articulados ao processo de ensino-aprendizagem, referenciados na realidade local, nacional e internacional, com vistas a contribuir para mudanças nesse quadro¹.

Desse modo, o projeto *Ser professora e negra na rede municipal de Educação Infantil de São Francisco do Conde (BA): trajetórias profissionais de vida e formação* é um dos projetos que colaboram com a missão institucional da Universidade, na perspectiva de conhecer e fortalecer o trabalho pedagógico antirracista que já vem sendo desenvolvido por professoras negra da educação infantil naquele território.

A primeira infância (os primeiros seis anos de vida), é um período considerado decisivo na formação do desenvolvimento da inteligência, das emoções e da socialização das pessoas. É um período que deve demandar muita atenção, pois requer um ambiente seguro, acolhedor e propício ao desenvolvimento de suas potencialidades. As experiências vivenciadas e os aprendizados construídos nesse período influenciam a criança e sua relação com as pessoas que a rodeiam por toda a vida. É também nesse período, que as crianças começam a perceber com maior interação as situações, práticas e vivências racistas e antirracistas.

Segundo os estudos disponíveis sobre o desenvolvimento infantil, a partir dos 02 anos de idade a criança inicia o desenvolvimento da consciência de si. De modo geral, já é capaz de referir-se a si própria como “eu” e pode conseguir descrever-se por frases simples, como “tenho fome”, “sou bonita” etc. Por volta dos 03 anos de vida, ela compreende a maior parte do que ouve e já produz um discurso compreensível para os adultos. Também nessa fase, utiliza bastante a imaginação, inicia os jogos de faz-de-conta e os jogos de papéis.

É significativo pensar que aos 04 anos, a criança já compreende as diferenças entre a fantasia e a realidade. Gosta de brincar com outras crianças, mas quando está em grupo, pode ser seletiva acerca dos seus companheiros. Nesse momento ela está a aprender a

¹ Conforme o Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia do Campus dos Malês, 2018.

partilhar, a aceitar as regras e a respeitar a vez do outro. Entre 05 e 06 anos de idade, a criança preocupa-se em agradar aos adultos. Um aspecto importante a ser destacado, que se relaciona com este, é o fato de que em todas as fases do desenvolvimento infantil a criança imita as pessoas adultas com as quais se relaciona.

Diante do contexto exposto, chamo atenção para a forma de relacionamento e de intervenção social que os adultos desenvolvem na presença das crianças. Nenhuma criança nasce racista. Elas são *imitáticas*, aprendem especialmente, por imitação e reproduzem comportamentos e ideias racistas, que são disseminadas de formas diversas na sociedade brasileira, causando prejuízos incalculáveis na formação das crianças, sejam elas negras, brancas ou de outra matriz étnico/racial.

O racismo é introjetado em crianças brancas e negras de forma direta e indireta. Os brinquedos, especialmente as bonecas com características brancas; os livros infantis, por meio de seus contos de fada, que ignoram a existência das pessoas negras ou as apresentam de forma depreciativa; os desenhos animados, os cartazes escolares entre tantos outros elementos que aqui poderiam ser citados, são formas utilizadas para manutenção das ideologias racistas.

Ser professora negra comprometida com práticas educativas antirracista, atuando na educação infantil exige a ativação das memórias da criança negra que cada uma foi e os processos pelos quais passaram para se tornarem a mulher e professora negra que hoje são. O debate sobre a questão étnico/racial no Brasil ainda é sinônimo de constrangimento, uma vez que gera um desconforto identitário.

A construção identitária da população negra brasileira é prejudicada pelo racismo e pelo silenciamento que estruturou as relações étnico/raciais aqui estabelecidas. Apesar de sua ampla manifestação e dos danos causados a população brasileira, o reconhecimento da existência do racismo, do preconceito e da discriminação étnico/racial é fato recente na História do Brasil.

Na pesquisa que realizamos com professoras negras da Rede Municipal de Ensino do Recife, sobre a construção de suas identidades étnico-racial, eram comuns os relatos das professoras sobre as situações de discriminação vivenciadas na infância no ambiente escolar, por elas próprias e por seus alunos. Discriminações que são praticadas pelas próprias crianças, mas também, por professoras e professores, bem como por outros atores da comunidade escolar (gestores, porteiros, merendeiras, pais, etc.). Tais situações levam as crianças a desejarem serem brancas para livrarem-se do preconceito ao qual estão expostas na escola. É o caso de uma menina de seis anos, que decidiu tomar banho de água sanitária pra tirar a cor. Um outro caso, é o de João², menino negro, que possuindo uma baixa autoestima, estava retido havia três anos no terceiro ano do primeiro ciclo (2ª série), porque não sabia ler. Contou-me a professora que:

Ele batia nos outros porque era maltratado... Ele era chamado de brinquedo do cão, de boneco de macumba, de suco de pneu, todas essas coisas pejorativas, que a gente sabe que existem. [um dia] Ele fez o desenho dele [próprio] e pintou de cor de pele³, não colocou os cabelos cacheadinhos. Depois eu descobri que ele disse: eu não gosto de ser assim. Todo mundo me maltrata porque eu sou preto e eu não queria ser preto, eu queria ser branco, eu queria ter o cabelo bom.

Estas e outras histórias expressam que a despeito dos dispositivos legais e dos esforços de alguns profissionais, a escola continua silenciando sobre a violência das relações étnico/raciais em seu espaço, tratando-a como uma ação inofensiva. Consuelo Silva (1995) mostra como a criança negra é estimulada por seus professores a “não ligar” e a não reagir à agressão contida nos apelidos e xingamentos de cunho étnico/racial. A criança branca não é punida e

² João é um nome fictício atribuído ao aluno.

³ Cor de pele é uma denominação utilizada para definir um lápis de cor, que possui uma tonalidade próxima à tonalidade da pele branca.

sua atitude é implicitamente legitimada, uma vez que é qualificada como “brincadeira”.

O racismo sob forma de brincadeira tem atravessado as relações étnico/raciais no Brasil. Entre as crianças, mas também entre os adultos, é muito comum ouvir-se piadas e gracejos que desqualificam a população negra. Tornar risível a condição étnico/racial da pessoa negra é contribuir para a internalização da sua suposta inferioridade e estimular a indesejabilidade dos traços físicos de seu grupo de pertença. Ao estimular as crianças a não reagirem a tais agressões, as professoras e professores desenvolvem uma atitude cúmplice de tais práticas, que as certificam como verdadeiras.

É a esta gama de situações, por vezes dolorosas, que as professoras negras da educação infantil, em São Francisco do Conde ou em qualquer outra parte do Brasil, necessitam enfrentar cotidianamente para dar substância e concretude a práticas educativas que combatam o racismo. Como afirmam as organizadoras deste livro, “elas utilizam o exercício do magistério para produzir enfrentamentos, conflitos que favoreçam a discussão e a mudança de postura com relação ao racismo estrutural encontrado em escolas públicas frequentadas em sua maioria por crianças negras, numa cidade que é majoritariamente negra”.

Por meio de suas histórias e trajetórias profissionais as professoras Caroline, Cristiana, Jeane e Kátia nos ensinam que o necessário caminho a ser trilhado para a superação do racismo na infância e no espaço escolar pode ser iniciado com pequenas coisas. Coisas simples que as professoras e professores podem começar a fazer e maiores que devem envolver toda a comunidade. Para mim, buscar apoio tanto dos colegas de trabalho que se disponibilizem a cooperar, quanto das próprias crianças é uma estratégia primordial para conferir êxito a esse propósito. De forma que, mesmo sendo uma tarefa que se inicia com esforços individuais, precisamos estar atentas e atentos, para a necessidade de transformá-la em uma ação coletiva.

A leitura de suas entrevistas fortaleceu meu entendimento a respeito de que ser professora e negra em qualquer rede pública de ensino, exige antes de qualquer coisa lembrar que já fomos uma criança negra, uma estudante negra e somos uma mulher negra, uma estudante negra e dar-se conta de como a percepção desse pertencimento racial influencia a nossa existência. Logo, também influenciará a nossa prática docente.

Neusa Sousa Santos (1983), afirmava que no Brasil não nascemos negros e negras... Nos tornamos negras e negros. E essa é uma ação política. Para quem optou pela profissão docente tornar-se uma professora negra é assumir o compromisso com uma prática educativa antirracista e em muitos momentos isso não é uma opção. É uma questão de sobrevivência nos espaços educativos nos quais estamos inseridas. Sobrevivência física e simbólica. Nossa e da população negra.

Em 1994, Azoilda Loretto da Trindade, uma professora negra, escreveu em sua dissertação de mestrado, *o racismo no cotidiano escolar*:

Imaginem o que poderia acontecer se a nossa escola, de repente, deixasse de ser racista, elitista, eurocentrista? O que aconteceria se, por exemplo, começássemos a nos olhar no espelho e gostar do que vemos? Se, enquanto brasileiros sentíssemos orgulho de nossa cor, da nossa cara, da nossa luta pela vida, ...? Qual o sentido disso para uma população que mira-se no exemplo do homem europeu e que começasse a se mirar nela mesma? Infelizmente, nada disso acontecerá sem principalmente a proliferação das microrrevoluções, aquelas do cotidiano das nossas vidas (Trindade, 1994 p. 141).

Pois é... São estas microrrevoluções no cotidiano da vida de seus estudantes e de suas escolas, que professoras negras comprometidas com práticas educativas antirracistas estamos fazendo em São Francisco do Conde e em várias partes do Brasil... Devagar, às vezes com muitos atropelos... Mas, sempre! Porque como dizia meu

conterrâneo Chico Science: “Um passo à frente e já não estamos mais no mesmo lugar”.

Desejo que a sua leitura seja reflexiva, inspiradora e instigadora. A superação do racismo é uma travessia que possui muitos atravessamentos, e por isso precisa ser construída cotidianamente, ainda que seja um passo a cada dia.

E você? Já deu o seu passo hoje?

Claudilene Silva, Salvador (BA), fevereiro de 2025

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. 2ª. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Professora, Sim; Tia, não**: cartas a quem ousa ensinar. 25ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015b.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**: reflexões sobre minha vida e minha práxis. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto**: o processo de construção da identidade racial de professoras negras. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

hooks, bell. **Ensinando a Transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo Martins Fontes, 2017.

SANTANA, Patrícia. **Professor@s Negr@s, trajetórias e travessias**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2004.

SILVA, Claudilene. **Professoras Negras**: identidades e práticas de enfrentamento do racismo no espaço escolar. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013 (Coleção Étnico-racial).

SILVA, Consuelo Dores. **Negro, qual é o seu nome?** Belo Horizonte: Mazza, 1995.

SOUZA, Neuza Santos. **Tornar-se negro:** as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

TRINDADE, Azoilda. **O Racismo no Cotidiano Escolar.** Rio de Janeiro: FGV/IESAE. Dissertação de Mestrado, 1994.

Sumário

APRESENTAÇÃO - NOSSOS PASSOS VÊM DE LONGE, SOMOS REFERÊNCIA!..... 22

CAPÍTULO I - “A EDUCAÇÃO AFROCENTRADA É SOBRE CURA, CURA ANCESTRAL” 37

CAPÍTULO II - “A GENTE PRECISA MUDAR A CURVA, EU NÃO QUERO SER PONTO FORA DA CURVA, EU QUERO MUDAR A CURVA” 61

CAPÍTULO III - “EU PERCEBI QUE MINHA TRAJETÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NÃO ERA SÓ ENSINAR ÀS CRIANÇAS, A GENTE TAMBÉM TINHA UM PAPEL SOCIAL QUE ERA ESTAR ALERTANDO OS PAIS QUE AQUELA SITUAÇÃO NÃO TAVA BEM PARA A GENTE [...]” 99

CAPÍTULO IV - “QUANDO EU VI OS PEQUENININHOS MESMO, AQUELE AFETO QUE ELES TINHAM, AQUELE CARINHO, AQUELE CONTATO, SABE? EU ME ENCONTREI ALI, QUANDO EU FUI PARA SALA DE AULA, QUANDO EU TIVE AQUELE CONTATO, EU PENSEI QUE AQUELAS CRIANÇAS PRECISAVAM DE MIM, ENTENDEU?”	126
--	------------

POSFÁCIO	153
-----------------------	------------



APRESENTAÇÃO

Nossos passos vêm de longe, somos referência!

A mulher negra já se sente inferior por pertencer à raça negra. É uma coisa que tem muito em mim, estou tentando vencer ainda, mas existe. É... esse negócio de inferioridade por pertencer a uma raça que é discriminada. Ainda estou tentando... já me reconheço como um mulher negra, tal (Ruth, 36 anos, negra) (NUNES, 2012, p. 101)

Este livro é um dos frutos do projeto de pesquisa intitulado *Ser professora e negra na rede municipal de Educação Infantil de São Francisco do Conde (BA): trajetórias profissionais de vida e formação*, submetido ao edital Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) no ano de 2020 (PROPPG 01/2020 PIBIC/FAPESB), através da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Campus dos Malês em São Francisco do Conde (BA). Tivemos o apoio da Fundação de Pesquisa do Estado da Bahia para a contratação de uma bolsista para este projeto, Isabela Carolina Santos de Sá dos Reis, que hoje é pedagoga e também organiza esta publicação.

O projeto de pesquisa em questão intencionou compreender quais são os sentidos de ser professora negra de Educação Infantil da rede municipal de São Francisco do Conde (BA), como e em que perspectiva suas trajetórias de vida as trouxeram de volta para o espaço escolar, como se tornaram professoras de Educação Infantil e, ainda, se e como elas utilizam o exercício do magistério para produzir

enfrentamentos que favoreçam a discussão e a mudança de postura com relação ao racismo - ou a reprodução dele, em suas mais variadas perspectivas - encontrado em instituições educativas públicas frequentadas em sua maioria por crianças negras, numa cidade que é majoritariamente negra¹. Por meio de entrevistas semi-estruturadas baseadas na metodologia da história oral temática (Meihy, 2010), a intenção foi, ao encontrar com estas mulheres, fazer o registro de suas trajetórias profissionais e pessoais e com ele produzir material teórico e reflexivo sobre a educação das relações étnico-raciais e a educação infantil, além de contribuir para o fecundo debate sobre a historiografia da educação da população negra brasileira.

Duas dissertações que lemos nos apontaram caminhos para a produção deste livro: uma delas foi escrita pela doutora em educação e escritora Waldete Tristão (2006), intitulada “Trajetórias de mulheres negras na educação de crianças pequenas no Distrito do Jaraguá em São Paulo: processos diferenciados de formação e de introdução no mercado de trabalho” e a dissertação intitulada “Professoras negras: construindo identidades e práticas de enfrentamento do racismo no espaço escolar”, esta escrita pela doutora em educação e professora universitária Claudilene Silva (2009). Apesar de utilizarem metodologias diferentes, estes trabalhos, assim como o nosso livro, ocuparam-se de revelar as histórias das mulheres negras professoras.

Além destas dissertações, a dissertação de mestrado² de uma das organizadoras deste livro, que versou sobre a trajetória profissional e de vida de professoras negras de Educação Infantil da cidade de São Paulo também é uma pesquisa que colaborou para o nascimento desta publicação: quando apresentou os achados iniciais da pesquisa numa turma de pós-graduação em educação na Universidade do

¹ Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Censo de 2022 registrou 94% de pessoas declaradas negras em São Francisco do Conde (BA). Destas, vale dizer que 49,9% se declaram pretas.

² CF. NUNES, Míghian Danae Ferreira. Histórias de Ébano: professoras negras de Educação Infantil da cidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de São Paulo, USP. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-04072012-125319/publico/MighianDanaeFerreiraNunes.pdf>. Acesso em: 07 mai. 2026.

Estado da Bahia (UNEB) em 2009, ela foi interpelada por um estudante, que disse: “Está na hora de alguém fazer uma pesquisa sobre as professoras negras de Educação Infantil em Salvador”. Esta frase ficou marcada na memória da autora e estimulou o interesse pela realização destes registros, partindo novamente de sua própria trajetória profissional, já que ela mesma também tinha sido professora de educação infantil em São Francisco do Conde, tal qual havia acontecido em São Paulo quando estudou sobre as histórias profissionais das mulheres negras.

Após organizar nossas intenções e objetivos, partimos para encontrar as professoras; relembramos aqui que o ano em que iniciamos o trabalho de recolha de suas falas foi marcado pela pandemia do Coronavírus e, por isso, a divulgação do nosso interesse em conhecer as histórias das professoras deu-se via um grupo de mensagens em que muitas professoras de Educação Infantil da rede participavam, visto que, nessa época, esse era um meio de contato bastante utilizado por elas para se comunicarem com relação ao trabalho. O cartão de divulgação que falava dos encontros indicava que o nosso interesse era conversar professoras negras, o que indicava, de saída, quem deveria nos procurar; a escolha de incluir no cartão essa informação foi intencional: gostaríamos de ser procuradas por pessoas que tivessem certeza de seu pertencimento étnico-racial³. Recebemos assim, cinco contatos e, destas, quatro professoras figuram presentes neste livro contando suas trajetórias profissionais e, porque não dizer, parte de suas vidas pessoais.

Realizamos os encontros durante o ano de 2021 e, apesar do período pandêmico, uma delas foi realizada presencialmente, tomando todas as precauções indicadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS) à época. Nosso interesse era encontrar professoras que se autodeclaravam negras e que eram efetivas no cargo de professoras

³ Mesmo com a mensagem do cartão solicitando o contato de apenas de professoras negras, recebemos o retorno de uma professora que aceitou participar mas que, no início de nossa conversa online, questionou se a participação dela estaria atrelada ao fato dela ser negra, o que rendeu uma conversa via plataforma virtual sobre raça; a professora optou não participar deste trabalho.

de Educação Infantil. Os encontros foram transcritos pela bolsista sob a supervisão da coordenadora e foram devolvidos às professoras, que revisaram e aprovaram a transcrição por duas vezes: uma, logo quando realizamos o encontro e outra, quando finalizamos a organização deste livro. O material em áudio está armazenado em uma pasta virtual compartilhada entre as organizadoras e assim ficará por, no mínimo, cinco anos; além disso, o áudio foi enviado para todas as professoras participantes do projeto.

A escolha de transformar as professoras em autoras começou a ser gestada durante o “tempo de pandemia” (Spohr, 2021), o que nos deu a oportunidade de ocuparmo-nos tão somente de oferecer às(aos) leitoras(es) as histórias que elas nos contaram, colocando ênfase na palavra dita, sem uma preocupação inicial em realizar análises ou reflexões dos encontros realizados. No primeiro livro sobre a história geral da África, publicado em 1982, há um texto que nos informa sobre a importância primeira da palavra para as sociedades africanas. Em “A Tradição Viva”, Hampatê Bâ cita seu mestre espiritual Tierno Bokar Salif, reafirmando:

A escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não é o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. A herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitem, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente (SALIF apud BÂ: 1982, p. 167).

Ainda segundo Bâ,

A tradição oral é a grande escala da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos. Pode parecer caótica àqueles que não lhe descortinam o segredo e desconcertar a mentalidade cartesiana acostumada a separar tudo em categorias bem definidas. Dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados. Ao passar do esotérico para o exotérico, a tradição oral consegue colocar-se ao alcance dos homens, falar-lhes de acordo com o entendimento humano, revelar-se de acordo com

as aptidões humanas. Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar à Unidade primordial (BÂ: 1982, p. 167).

É justamente porque vemos a tradição oral a partir dessa perspectiva que, neste livro, deixamos ecoar as vozes-professoras, estas que também são vozes-mulheres, como nos mostra Evaristo (2017) e que ousamos parafrasear, chamando-as também de vozes-mulheres-professoras-negras. Temos a certeza de que outras pessoas, ao acessarem este material, poderão realizar diversas análises, como já o fazem a pesquisadora que abre este livro - Claudilene Silva - e aquela que o encerra - Carla Almeida. Com esta publicação, abrimos espaço para que outras produções acadêmicas - dissertações, teses, artigos - possam incorporar as vozes-professoras aqui presentes em suas citações, reflexões e análises, percebendo-as como produtoras de conhecimento sobre sua profissão.

Nossa intenção é, assim, contribuir para o registro histórico de trajetórias educacionais de mulheres negras narradas em primeira pessoa, material este que, sob nossa perspectiva, soma-se às produções historiográficas sobre a educação da população negra organizadas até os dias de hoje (Romão, 2005; Fonseca & Barros, 2014; Carvalho, 2018) ou, mais especificamente, sobre a história da educação das mulheres negras no Brasil (Muller, 2014; Almeida, 2016); esta escolha representa ainda, um interesse político em associarmos-nos à ideia de que as mulheres negras podem contar a própria história e não apenas serem vistas como objeto de estudo, muito bem frisado por Lélia Gonzalez em toda a sua produção acadêmica (Rios & Lima, 2020). Aqui, apresentamos o material tal qual o coletamos, com ajustes muito pontuais no que diz respeito ao que foi gravado por Isabela Reis em todos os encontros. Lemos e revisamos por diversas vezes e decidimos conjuntamente eliminar palavras apenas quando estas se repetiam demasiadamente - expressões como “tá”

ou “né”, por exemplo, foram reduzidas, mas não eliminadas por completo das falas.

A escolha pela história oral temática não foi à toa; pensamos numa técnica que pudesse, ao mesmo tempo, abrigar nela mesma uma força teórica capaz de provocar o debate sobre as trajetórias das professoras envolvidas e, ao mesmo tempo, deixar espaço para que as pessoas que as leem façam inferências e conexões com as próprias experiências pessoais. Segundo Lourdes Carril (2017),

A perspectiva da oralidade vai ao encontro de questões de memória e identidade, buscando a partir de questões do presente o encontro com o passado. Segundo Mehy (2006, p. 194 e 198), na história oral o pesquisador “acaba compreendendo para explicar, explicando para transformar”. Nesse contexto, a história oral extrapola a condição de um simples instrumento e torna-se um objeto de análise central, tendo um propósito social definido, que possibilita o debate sobre um fenômeno, uma vez que sobre ele existem outras visões que ultrapassam a história oficial. Assim, pode-se dizer que: “formular outras relações que possam, em vez de ‘verticalizar’ as forças de dominação das memórias, ‘horizontalizá-la’ é mais do que ver ‘memórias dominantes’ ou ‘memórias dominadas’”. Ela seria produção da história, demonstrando que cada grupo cultural/social possui sua história, tendo a condição de guardar, transmitir e construir história. (p. 558)

A partir desta certeza, apresentar as falas completas, com todas as interferências, as contradições presentes na linguagem oral das professoras, as nuances do diálogo foi uma escolha na concepção deste livro. Na tabela abaixo, identificamos os símbolos que utilizamos na transcrição das falas das professoras, buscando ao máximo preservar aquilo que disseram e como disseram, de modo a fazer com que as(os) leitora(es) pudessem ter contato, o mais direto possível, com o material colhido, na tentativa de manter capturada “a aura do momento da gravação” (Meihy, 1991, p. 31); assumindo os possíveis erros na elaboração do texto que aqui apresentamos, realizamos algumas alterações para dar uma maior fluidez ao texto,

sobretudo na utilização da pontuação, que ajuda a marcar o tempo e a cadência daquilo que é dito⁴.

TABELA DE SÍMBOLOS UTILIZADOS NA TRANSCRIÇÃO DOS ENCONTROS

SÍMBOLO	SIGNIFICADO	EXEMPLO
reticências ...	Supressão de frases, palavras, gestos e silêncios durante o encontro	Daí ele chegou e... eu o cumprimentei
textos em aspas “ ”	Indica uma conversa entre a professora e outras pessoas, em diferentes momentos da vida	As crianças chegam todas empolgadas e falam “olha, aprendi isso, olha o que eu sei fazer”.
colchetes []	Inclui uma ou mais palavras, entre colchetes, para dar fluidez ao texto oral	Além disso, minha vó tinha que lidar [com] a dependência
[sic]	A palavra falada não concorda verbal ou nominalmente com a frase ou foi dita/grafada fora da norma escrita da língua portuguesa	Eles fica [sic] lá esperando a gente passar para conversar com a gente

Créditos: Elaborado pelas autoras, 2024

Entendemos as memórias de professoras negras como um dos muitos lugares ainda esquecidos por aquilo que se entende como história oficial da educação, e seguimos buscando compreender não

⁴Para dar um exemplo de como organizamos o texto neste livro, cabe a leitura do artigo “Ah, dona Wanda falou ‘Onde já se viu professora preta?’: História de vida de uma mulher negra professora”, publicado na Revista Oralidades em 2014. Cf. em <https://diversitas.fflch.usp.br/sites/diversitas.fflch.usp.br/files/2019-09/oralidades13.pdf>. Acesso em: 07 mai. 2026.

apenas os motivos que tornaram esse esquecimento uma presença na produção de nossa história, como também construir saberes sobre estas histórias, a partir da ótica destas profissionais, que, sendo mulheres presentes em “cor e corpo” (Nunes, 2012), possuem forma(s) específica(s) “de ser e estar no mundo, constituída pelas maneiras de enfrentar os desafios, de aprender os caminhos possíveis e descobrir os atalhos ocultos” (Bueno *et al.*, 1993, p. 313). Falando em “cor e corpo”, não poderíamos deixar de ressaltar de que modo o conceito raça é utilizado neste trabalho; segundo Nilma Gomes (1994),

[...] raça não é usado com um sentido reduzido e tradicional, que os grupamentos sociais com características biológicas semelhantes, geralmente transmitidas por hereditariedade e que são visíveis a olho nu como: a cor da pele, o tipo de cabelo, entre outros, são superiores ou inferiores entre si. Abandona-se o determinismo biológico que perpassa o tempo e o redimensiona como um conceito relacional, que se constitui historicamente e culturalmente, a partir de relações concretas entre grupos sociais em cada sociedade (p. 49).

Cabe dizer assim que este livro é marcado, assim como a pesquisa que o originou, não apenas por um contexto de gênero, mas também por um contexto racial: buscamos professoras negras pelo simples fato de que suas histórias foram por muito tempo rejeitadas ou entendidas apenas como parte de uma história maior que privilegiava somente vozes de sujeitos brancos, mesmo tendo sua presença massiva nos espaços de educação fundamental (Oliveira; Porcaro; Araújo, 1985).

Apesar da “arte da construção do invisível” (Fonseca, 2007) ser uma marca da história da educação brasileira, esta tem sido questionada por estudos sobre a história da educação da população negra, por exemplo, e nas últimas décadas vem passando por uma revisão no que diz respeito ao material sobre o qual se debruça e no modo como organiza seus métodos de pesquisa; podemos afirmar que muitas das questões importantes para compreendermos

a educação como a concebemos hoje foram em alguns momentos negligenciados e esquecidas, por motivos como exploração, colonização e escravização, todos eles ligados a uma ideia de dominação e sujeição de um (ou mais) grupo(s) em relação a outro(s), o que acaba por comprometer o registro das trajetórias profissionais de mulheres negras brasileiras.

No prefácio do livro *A história da educação dos negros no Brasil*, Marcus Vinicius e Surya Barros (2016) afirmam que

Finalmente, as questões relativas à população negra foram incorporadas à educação brasileira. Isso se deu a partir de um longo processo de reivindicação construído pelos movimentos sociais criados pela população negra durante todo o século XX. A partir dos anos de 1980, estas reivindicações começaram a encontrar ressonância em diferentes segmentos da sociedade, possibilitando a construção de dispositivos pedagógicos e legais que estabeleceram diretrizes para o tratamento das questões étnico-raciais na educação. Portanto, podemos atribuir tal transformação à persistência e capacidade do movimento negro de vencer as resistências apresentadas por setores que desconsideravam o racismo como elemento estruturante da sociedade brasileira. O campo educacional é um segmento que representa bem esta situação, pois, durante um longo período, ignorou as críticas em relação aos condicionamentos produzidos pela discriminação racial [...] nas últimas décadas encontramos diferentes iniciativas que concorreram para a elaboração e o fortalecimento das pesquisas sobre a história da educação dos negros no Brasil. Esse movimento produziu a superação do quadro de ausência que imperava nos anos de 1990, gerando a produção de trabalhos históricos que passaram a tratar dos diferentes aspectos da educação dos negros no Brasil. Com isso, hoje, podemos registrar um número significativo de pesquisadores que elegem os negros como sujeitos privilegiados das narrativas na área da história da educação. (p. 12 e 14)

Pouco a pouco, percebemos que para desvendarmos nossa própria constituição enquanto pessoas, devíamos inserir no elenco das

proposições de publicação de livros, estudos que em algumas linhas de pesquisa brasileiras ainda são consideradas menos importantes, não mensuráveis nos padrões quantitativos estipulados e consagrada cientificamente. Para entendermos de que modo os grupos sociais que passaram pela escola concebem o processo educativo, é necessário estudarmos não apenas sua organização e estrutura, mas as pessoas que por ela são constituídas e que a constituem.

Este livro, ao tentar olhar mais especificamente para um grupo bastante presente nas turmas de educação infantil, mas tornado invisível pela padronização dos trabalhos em educação, que por muito tempo privilegiou um lugar - a saber, o lugar do homem branco de classe média, heterossexual e cristão - para então a partir dele ditar modelos de sucesso ou fracasso, quer apresentar, a partir do compartilhamento dos encontros feitos com elas, como elas se tornaram professoras, a despeito do processo de exclusão que sofreram/sofrem no espaço escolar. Entendemos que muito de como estas mulheres se tornaram o que são hoje poderá ser registrado a partir de suas histórias de vida, e a partir da construção destes textos produziremos memórias que já contém, do invólucro ao substrato uma cor específica: a cor negra.

A Universidade Internacional da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus do Malês está localizada numa região com uma maior parte de população negra, a saber, São Francisco do Conde (BA), e pensamos que dar visibilidade aos grupos sociais que fazem parte desta comunidade é uma das missões da instituição, visto que ela deve, pelo seu papel de extensão e produção de conhecimento e também por sua finalidade quando foi criada (Gomes, Lima e Santos, 2018), conectar os saberes locais àqueles que estão presentes nos cursos ofertados. Especificamente sobre a pesquisa realizada para a confecção deste livro e a UNILAB, deve-se atentar que o curso de pedagogia presente no campus faz-nos ainda mais responsáveis por trazer à comunidade acadêmica e são franciscana os debates que na área da pesquisa em educação elegemos como importantes para tornar possível a qualidade na educação do município.

Para nós, organizadoras deste livro, é vital para a história da educação e para a história da educação brasileira apresentar e escutar as trajetórias profissionais de professoras negras de Educação Infantil em suas próprias vozes, porque esta ação nos permitirá, além de conhecer mais e melhor este grupo, nos dar suporte para a produção material teórico-reflexivo que possa amparar o trabalho pedagógico de professoras de Educação Infantil que tenham interesse de compreender sobre como a educação das relações étnico-raciais ocorre na Educação Infantil e como as professoras são importantes para sua constituição.

Ao propor reflexões sobre a condição das profissionais de Educação Infantil e suas trajetórias profissionais, além de tudo que já falamos, esperamos contribuir com o fortalecimento dos vínculos entre a universidade e as demais instituições públicas do território, para colaborarmos na construção de uma Educação Infantil que incorpore de fato a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) no dia a dia das instituições educativas.

Míghian Danae e Isabela Reis, São Francisco do Conde (BA) e Acupe (Santo Amaro, BA), março de 2025.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. São Paulo: FGV, 2007.

ALMEIDA, Giane Elisa Sales de. **História da educação escolar de mulheres negras**: as políticas públicas que não vieram... InterMeio: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação - UFMS, v. 15, n. 30, 7 nov. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/intm/article/view/2465/1638>. Acesso em: 07 mai. 2026.

BÂ, Amadou Hampatê. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (org.) História geral da África, volume 1- metodologia e pré-história na África. São Paulo: Ática; Unesco, 1982.

BUENO, B. O.; SOUSA, C. P.; CATANI, D. B.; SOUZA, M. C. C. C. **Docência, memória e gênero: estudos alternativos sobre a formação de professores.** Psicologia USP, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 299-318, 1993.

CARRIL, Lourdes de Fátima Bezerra. **Os desafios da educação quilombola no Brasil:** o território como contexto e texto. Revista Brasileira de Educação v. 22 n. 69 abr.-jun. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/L9vwgCcgyBY6sF4KwMpdYcfK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07 mai. 2026.

CARVALHO, Marcelo Pagliosa. **História da educação da população negra:** o estado da arte sobre educação e relações étnico-raciais (2003-2014). Educar em Revista, 34(69), 211-230, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/PSKSnRyjwfyTxmbYnHyJLXd/>. Acesso em: 07 mai. 2026.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos.** Rio de Janeiro: Malê, 2017, p. 24-25.

FONSECA, Marcus Vinícius; BARROS, Surya Aaronovich Pombo de (Orgs.). **A história da educação dos negros no Brasil.** Niterói: EdUFF, 2016.

FONSECA, Marcus Vinicius. **A arte de construir o invisível:** o negro na historiografia educacional brasileira. Revista Brasileira de História da Educação n° 13 jan./abr. 2007, p. 11-30. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/download/38616/20147/>. Acesso em: 07 mai. 2026.

GOMES, Nilma Lino; LIMA, Aristeu Rosendo Pontes Lima; SANTOS, Tomaz Aroldo da Mota. **Unilab - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira**: o desafio de uma experiência acadêmica na perspectiva da cooperação sul-sul. Rev. Novos Olhares Sociais, revista do PPGCS/UFRB. Vol 1, Número 1, 2018. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/index.php/novos-olhares-sociais/article/view/4457>. Acesso em: 07 mai. 2026.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censo Demográfico 2022. Rio de Janeiro: IBGE. 2022.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Memória, história oral e história. ORALIDADES**: Revista de História Oral. Ano 4 – Nº 8 – Jul.Dez./2010. Disponível em: <https://diversitas.fflch.usp.br/sites/diversitas.fflch.usp.br/files/2019-09/Oralidades%208.pdf>. Acesso em: 07 mai. 2026.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Canto de morte Kaiowá**: história oral de vida. São Paulo: Loyola, 1991.

MULLER, Maria Lúcia Rodrigues. **A produção de sentidos sobre mulheres negras e o branqueamento do magistério no Rio de Janeiro na Primeira República**. Interfaces da Educação, 2014, 5, 68-81. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/462> Acesso em: 07 mai. 2026.

NUNES, Míghian Danae Ferreira. **Histórias de Ébano**: professoras negras de Educação Infantil da cidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2012 <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-04072012-125319/publico/MighianDanaeFerreiraNunes.pdf>. Acesso em: 07 mai. 2026.

RIOS, Flávia; LIMA, Márcia. **Por um feminismo latino afro americano**: Lélia Gonzalez. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2020.

ROMÃO, Jeruse (Org.). **História da educação do negro e outras histórias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Disponível em: https://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/historia_educacao_negro.pdf. Acesso em: 07 mai. 2026.

SILVA, Claudilene Silva. **Professoras negras: construindo identidades e práticas de enfrentamento do racismo no espaço escolar**. Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado). Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pernambuco, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/4887>. Acesso em: 07 mai. 2026.

SPOHR, Martina. **Tempos de Pandemia** (Editorial). Estudos Históricos Rio de Janeiro, vol 34, nº 73, p.235-238, Maio-Agosto 2021. p. 235-238. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/vxLmbbrW76RhDLXZd9YH6bz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07 mai. 2026.

TRISTÃO, Waldete. **Trajetórias de mulheres negras na educação de crianças pequenas no Distrito do Jaraguá em São Paulo: processos diferenciados de formação e de introdução no mercado de trabalho**. Programa de Pós-Graduação em Educação: História, Política, Sociedade (Mestrado). Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica (PUC), São Paulo, 2006. Disponível em: <https://ariel.pucsp.br/handle/handle/10491>. Acesso em: 07 mai. 2026.



CAPÍTULO I

**“A educação afrocentrada é
sobre cura, cura ancestral”**

ENCONTRO COM A PROFESSORA CAROL ADESEWA

Tempo de gravação: 01h, 25 min, 09 seg

Data do Encontro: 25 de agosto de 2021

Isabela: Olá, Carol. Eu acabei de te mandar também, por *e-mail*, o termo de compromisso né?

Carol: Certo, eu vou assinar.

Isabela: Pronto! Mas assim... você pode começar falando um pouco sobre sua infância, onde... o lugar...

Carol: Eu posso apagar a luz? Eu quero ficar com a luz apagada.

Isabela: Pode, tudo bem. Fica à vontade.

Carol: A pessoa... peraí que vou acender a outra.

Isabela: Tá, fica tranquila.

Carol: Tá iluminando aí?

Isabela: Tá, tá ótimo.

Carol: E daqui a pouco vou ter que levantar, porque eu tô esperando uma encomenda, aí tá vindo pelo Uber *Flash*.

Isabela: Pronto.

Carol: Aí eu tô acompanhando aqui.

Isabela: Sem problema. Inclusive eu tô até com um problema em relação a isso...

Carol: Ele chegou! Ah, não, falta um minuto, é melhor aguardar, né, não?

Isabela: Então a gente aguarda chegar, aí a depois a gente inicia. Eu tô com encomenda pra chegar também, e aí eles indicaram que estava com o endereço errado, não sei o que vai acontecer, tô só esperando.

Carol: Vixi! Comigo também, é... são, o meu livro, né? Meu livro infantil. Eu pedi mais alguns exemplares, era para chegar hoje, eu toda ansiosa, quando fui olhar no site pra fazer o rastreamento, aí estava lá, que houve um problema, enfim... acho que meu endereço estava incompleto. Nossa..., mas acredito que amanhã vai chegar, aí eu tenho que comprar papel metro para poder...

Isabela: Embrulhar, né...

Carol: Olha o Uber chegou. Alô? É o Uber? Tô saindo. Tô saindo, peraí. Tô saindo já. Voltei! Eta, caiu o que aqui? Hoje tá barril, tá complicado.

Isabela: Tá. Então a gente pode iniciar assim... você pode começar a falar um pouco mais sobre a sua infância, né? O lugar onde você nasceu, familiares, como era a relação com os seus avós e com as pessoas mais velhas na sua família.

Carol: Sim, deixa só eu tirar aqui.

Isabela: Tá bom.

Carol: Eu me chamo Carol Adesewa, mas o meu nome de batismo é Caroline de Jesus e eu gostaria de falar um pouco mais sobre isso mais pra frente. Eu sou filha de Marineuza Sena¹, Lourival Pinheiro, neta de Maria Máximo Pereira e Rafael. Eu nasci em 26 de setembro

¹Excetuando-se os nomes de pais e mães das professoras, acordamos que todos os demais nomes citados durante os encontros foram substituídos por nomes fictícios, na tentativa de manter algum anonimato para a preservação das identidades das pessoas citadas pelas professoras.

de 1989, na cidade de Salvador, Bahia. Nasci e me criei na Estrada Velha de Pirajá, Km 9, uma localidade muito discriminada, até mesmo por moradores do bairro que residiam em partes que possuíam asfalto e saneamento básico, direitos que não nos alcançavam. Cresci rodeada das crianças da minha família, os meus primos e primas, além dos vizinhos. Lembro que nos reuníamos no quintal dos meus avós para brincar de casinha, vendinha, fazer piquenique ou subir na mangueira que ficava no perímetro da casa da minha tia Lourdes. Comer manga verde com sal era o nosso passatempo preferido, sem contar a emoção de pegar a nossa própria comida sem que a nossa tia percebesse! Eu tinha uma ligação muito forte com a minha avó Elizângela, mulher preta retinta, olhos d'água, parecia que havia uma tristeza recorrente em seu olhar, um olhar que pedia cuidado, apesar da sua força herdada por nossos ancestrais. Ela havia criado 18 filhos, saído do município de Riachão do Jacuípe ainda muito jovem, trazendo os filhos no colo para o acompanhar o seu esposo, vovô Antônio. Homem rígido, de pouco riso e endurecido pela vida. Quando criança não compreendia, mas hoje sei quais infortúnios uma sociedade racista destina a um homem negro que, mediante a opressão mental, espiritual e física se anestesiam e se endurecem para a vida; era o caso da minha avó. Além disso, minha vó tinha que lidar [com] a dependência alcoólica de muitos dos meus tios e tias, que resultou em doenças mentais, muitos já não estão mais nesse plano. A minha avó era doce, compreensiva, tinha um amor e cuidado enorme pelos filhos, me recordo que todos os dias eu e a minha mãe passávamos na casa dela pela manhã, eu pedia a benção, ela me abençoava e o dia seguia. Eu retornava na casa dela várias vezes durante o dia para pedir a benção. Cresci assim, rodeada de familiares, amigos, irmãos, pais, então falar sobre a minha infância é falar sobre aqueles que me constituem enquanto mulher; porém falar sobre a minha infância também é falar sobre episódios que marcaram de forma negativa a minha subjetividade, o racismo atravessou a minha infância e deixou algumas marcas. Então preciso falar um

pouco desses atravessamentos. Como em muitas meninas negras, a construção da minha autoestima se dava de forma bastante conturbada. Comecei a alisar os meus cabelos com apenas seis anos de idade, lembro-me perfeitamente desse dia, quando minha mãe decidiu que já estava na hora de passar o pente quente para a minha formatura de alfabetização que aconteceria no dia seguinte. E segui alisando os cabelos até a fase adulta, quando então, após muitos conflitos e tensões decidi deixar o alisamento de lado e assumir os meus crespos, livres e belos. A beleza não fazia parte da minha construção enquanto criança negra, poucas vezes me senti bonita ou querida por outros olhares, exceto o da minha família. Na escola esse sentimento de não me sentir amada foi acentuado, principalmente por não conseguir estabelecer uma boa [relação] com os colegas. Me sentia rejeitada. Acredito ser importante trazer alguns episódios tensos que vivi na infância, com o objetivo de que a minha fala encontre os meus iguais. Sei que os relatos que pretendo trazer aqui, ao mesmo tempo que foram sentidos de forma individual, são também experiências sentidas por todo um grupo, homens e mulheres pretas que tiveram a sua construção identitária negra violada em virtude do racismo. A escola pra mim foi palco de muito tensionamento, aprendi na escola a não gostar do que via refletido no espelho, a não gostar da minha aparência de menina negra retinta, a não gostar dos meus cabelos crespos, das minhas tranças. Lembro de um episódio que marcou muito a minha vida e influenciou por anos a forma em que eu via o meu cabelo, [pois] passei a odiar os meus cabelos; até então, apesar de sentir o peso de ter um crespo, pois algumas pessoas que cuidavam de mim na infância como minha irmã, não tinham paciência para lidar com os crespos, crespos que, em sua essência são secos e finos, podendo embaraçar com facilidade. Enfim, todos os dias a minha mãe me levava para a escola, era um momento em que íamos conversando sobre tudo, sobre a escola, sobre os sonhos, cotidiano. Um outro colega de classe, que morava perto da minha casa, também ia conosco. Ele era tão retinto quanto eu. Minha mãe confessou para

ele o meu sonho em trabalhar com moda, na verdade em ser modelo. Ao chegar na escola, em tom de deboche, ele compartilhou esse sonho com os demais colegas que fizeram uma roda para rir de mim. Ele dizia: “Com esse cabelo você quer ser modelo?” Nessa época eu usava trança nagô feitas por minha mãe, eu amava aquelas tranças. A minha primeira reação foi correr para o banheiro, e lá permaneço por alguns minutos que pareceram uma eternidade. Não sabia o que fazer, mas foi nesse dia que eu pude experimentar pela primeira vez o sentimento de vergonha intensa. Desejei um outro cabelo, uma outra cor, desejei sumir e ser uma outra pessoa, mas não aquela em que os colegas riam e apontavam o dedo para a cabeça. O meu *ori* foi humilhado e mesmo que tivesse me esquecido do episódio, depois daquele dia não quis mais o penteado nagô por longos anos e passei a intensificar o processo de alisamento. A autoaceitação era algo totalmente distante da minha vida.

Isabela: Você sempre estudou na escola... a escola em que você estudava não tinha crianças negras, não?

Carol: Tinha... tinha, mas era escola particular do bairro.

Isabela: E você se recorda da sua primeira professora? E como era a sua relação com ela?

Carol: Minha primeira professora? Minha primeira professora lembro muito pouco, eu tinha menos de 5 anos, mas não permaneci por muito tempo nessa escola. Mas eu lembro de uma situação que aconteceu nessa escola. Mas dela eu não lembro não, de jeito nenhum! Eu acho que era uma mulher branca. Não tenho nenhuma recordação nenhuma, mas lembro que nessa escola, aconteceu uma situação onde funcionárias ou professoras comparavam os meus desenhos, diziam que eu não era cuidadosa, que não sabia pintar, mas outra criança sabia. Isso me marcou muito mais do que o seu nome ou imagem. Lembro até da cor do desenho e o desenho que estava pintando quando fizeram as comparações. Mas tem outras boas recordações de professoras que conheci nos anos seguintes, como a pró Maria.

Pró Maria se parecia comigo, ele tinha um carinho enorme por mim, apesar de não saber lidar com as demandas raciais na sala de aula.

Isabela: Após o ensino fundamental, você se recorda quais foram os primeiros rumos que a sua vida tomou a partir de você ter concluído o ensino fundamental?

Carol: Ensino fundamental, no caso a oitava série.

Isabela: Isso.

Carol: Durante muito tempo fiz parte de uma denominação cristã, a Assembleia de Deus, me batizei, trabalhei em alguns cargos e ministérios.... Meus pais não eram, mas eu fui pra igreja com cinco anos de idade, os irmãos passaram e me levaram. E eu continuei na mesma escola pública, entrei lá na quinta série e fiquei lá até o ensino médio. Eu tinha muita dificuldade de me relacionar com as pessoas, sempre tive, então era algo que eu trazia desde a infância, assim... essa dificuldade de me relacionar, de fazer amizade, eu sempre achava que... talvez... sei lá, as pessoas não tivessem... não estivesse se agradando tanto da minha presença, por conta desses traumas passados da minha infância. Mas eu tinha algumas pessoas mais próximas, algumas meninas mais próximas. Eu sempre fui muito dedicada aos estudos como eu falei antes, eu sempre tirava notas muito boas, eu sempre estava à frente, assim sabe? Das coisas na escola, nas... Continuei sendo muito reservada, eu achava que era só timidez, mas não era só timidez, né? Era uma questão que envolvia... que estava relacionada à problemática racial, eram sintomas de tudo o que eu vinha vivendo e que afetava minha subjetividade, minha autoestima, minha forma de me ver o mundo, a forma que eu me via diante das outras pessoas e diante de mim mesma, eu não me via através de um espelho autêntico, mas sim de um espelho quebrado, de um espelho racista.

Isabela: Você acabou trazendo um aspecto religioso da sua infância, né? Você lembra qual religião sua família professava antes? Durante

a sua infância, se eles frequentavam algum culto? Você considera que a religião teve uma importância durante sua infância?

Carol: Os meus pais não professavam nenhum tipo de religião, não, eles se diziam católicos. Minha mãe dizia que era católica, mas não frequentava nenhuma igreja. A igreja teve uma importância grande na minha vida, a igreja também moldou a minha identidade, eu não posso negar. Mas a igreja também contribuiu para que os conflitos raciais se intensificassem na minha vida, porque dentro da igreja eu não podia ser eu: Caroline, preta, militante, que tinha orgulho de ser quem é. Porque dentro da igreja é como se você precisasse apagar a sua identidade e assumir uma identidade homogênea; como se todos fossem iguais, mas não é. E eles fazem questão de demarcar isso, eles fazem questão. E na teoria existe essa premissa, né? De que somos todos iguais, os líderes falam sobre isso, mas no dia a dia, no convívio da instituição eu percebia que eu era posta de lado em diferentes momentos. E depois fazendo uma leitura dessas situações, eu pude entender que essa marginalização se dava por conta do meu pertencimento racial. Porque eu notava que o tratamento que era oferecido para outras crianças, outras jovens, né, adolescentes da igreja, era diferenciado. Eu não sentia o mesmo afeto, eu não sentia o mesmo cuidado, era como se eu não precisasse de cuidado, era como se eu não precisasse de afeto assim como as outras jovens, as outras adolescentes da igreja. Isso foi um problema que encontrei dentro da instituição. Mas para além disso, a igreja evangélica promove um ataque à nossa história, à nossa cultura, ela tenta invisibilizar a nossa origem, a nossa tradição, a nossa cosmovisão de mundo, nosso arcabouço de tradição africana, tudo o que se origina das nossas tradições são demonizados, é posta de lado, é negativo. Então eu cresci dentro de um ambiente que me alienava espiritualmente, me alienava fisicamente, me alienava psicologicamente também, porque eu estava dentro desse contexto que me fazia negar as minhas origens, então como eu estava ali desde os meus cinco anos e permaneci até os vinte e três, vinte e quatro, eu acreditava muito no que

eu ouvia dentro da igreja, então eu acreditava que o candomblé era coisa do diabo, “não como essa comida, não”, sabe? Era bem isso, o tempo inteiro, não vai naquele lugar, não frequenta tal espaço, não assiste tal filme, não saiba disso, não saiba daquilo. Mas por que esse medo, né? Da gente não saber, na verdade era o medo de que a gente... de que, na verdade... no caso, que eu descobrisse quem eu era, as coisas que eu realmente gostava, que me encantasse, que foi o que aconteceu, né? Que eu me encantasse e decidisse...

Isabela: Se libertar, né?

Carol: Me libertar, exatamente, essa é a palavra. Então houve um encantamento, em seguida libertação. Por que eu falei nossa: “essa sou eu!”. “Essa sou eu”, aquela não era eu, não era Caroline Adesewa. Porque hoje eu sou Carol Adesewa, antes eu era Caroline Silva de Jesus, agora não mais. E aí enfim... saí da igreja. Mas a igreja tem uma parcela importante na minha vida e eu não posso negar, porém a igreja reforçou muitos estereótipos; a igreja reforçou é... Reforçou uma imagem negativa de mim, uma imagem negativa das nossas tradições, das nossas culturas. Eu pude sentir isso muito nítido, essa marginalização, essa criminalização, demonização dos nossos signos, dos nossos corpos e aí eu entro na faculdade... posso falar isso aí? Posso falar da faculdade?

Isabela: Pode ficar tranquila, a forma que você for desenrolando a conversa é a forma correta, não tem...

Carol: Não é muito linear, mas eu volto pra infância, eu volto.

Isabela: Não tem muito essa lógica linear, não.

Carol: E aí eu entro na faculdade e aí eu começo a me abrir para outras perspectivas, outras visões de mundo. As coisas começam a se ampliar, o meu debate, a minha consciência racial, a minha consciência negra começam a se expandir, a se fortalecer mais, na verdade. Eu já começo a questionar algumas coisas na igreja, então... Por exemplo, teve um dia que na escola dominical o professor: “ah, porque o candomblé isso”, “porque o candomblé aquilo”, “o demônio

é isso”, “o demônio é aquilo”, “demônio”, “demônio”, “demônio”. Aí eu falei: “Não é nem fazendo apologia ao demônio, nem defendendo o demônio, não; mas porque a gente não fala mais de Jesus Cristo?” A gente falava o tempo inteiro no demônio, eu não entendo isso, eu vim aqui pra ouvir a palavra de Deus, falar sobre a vida de Jesus, quem foi Jesus, etc, “mas desde que eu [me] sentei aqui, eu só tenho ouvido você falar sobre o demônio”. Aí eu já estava me afastando da instituição, a instituição já não me contemplava mais, já não me atendia mais, já não estava feliz e fui me afastando. Foram muitas situações racistas dentro da igreja, muitas mesmas, muitas e muitas e muitas situações onde o pastor... lá da minha adolescência mesmo, né?

Isabela: Eu penso também que a igreja acaba limitando muito as nossas perspectivas de vida, e você acha que a igreja acabou limitando ou segurando alguns sonhos que você tinha? Você tinha algum sonho profissional que acabou sendo reduzido ou deixado de lado dentro da igreja?

Carol: Não sei se profissional, mas poderia ter me tornado... por exemplo eu fazia esporte, karatê, aí por conta da igreja saí, né? Eu vou sair. Eu falei à minha mãe que eu não queria mais fazer e tal, minha mãe não aceitou assim na época, mas aí eu falei: “Não, mas eu não quero”. E eu era muito decidida, eu sempre fui muito decidida. E eu falei com ela: “Eu não vou mais fazer karatê” e ela teve que aceitar, né? Se conformar... hoje eu me arrependo, que era uma coisa que eu tinha começado com nove anos de idade, poderia tá até hoje.

Isabela: E teve a influência da igreja nessa decisão?

Carol: Sim, porque na igreja dizia que a gente não podia fazer esporte, não podia dançar, então eu cresci acreditando que eu não sabia sambar e eu sempre tive vontade de entrar numa roda de samba. Na escola, eu participava de organização de feiras, como feira de ciências, da consciência negra, me articulava com grupos de capoeira, não sei onde eu arrumava, mas eu arrumava os grupos, levava pra escola e era a maior festa, porque eles davam um show, eu ficava toda

arrepiada, eu falava: “O que [é] que acontece comigo quando esses homens entram com esse atabaque e começam a jogar?”. E eu era evangélica, mas era uma coisa que eu ficava assim.... “meu Deus o que [é] que acontece com o meu corpo? O que é isso que eu tô sentindo? Eu ficava muito arrepiada”. E eu ficava em êxtase a semana inteira, a semana inteira, e eu só pensava naquela apresentação de capoeira que eu tinha assistido, ficava realmente eufórica. Eu saía cantando, falava: “Gente, gente, onde é que tem um grupo de capoeira aqui? Eu preciso conversar com o mestre, eu preciso levar ele...”. E eu ia na academia, conversava: “Olha, tem esse projeto na escola, por favor, vamos lá e tal...”.

Isabela: E como é que você acabou entrando na pedagogia? Como foi a sua formação na universidade, como você chegou nesse mundo da pedagogia?

Carol: Eu queria fazer história inicialmente. Eu tive uma professora de história chamada Luiza que me inspirou muito, mas eu não acreditava que eu fosse entrar na Universidade Federal da Bahia, não me sentia preparada. Eu me preparei no cursinho pré-vestibular Universidade Para Todos (UPT) do governo do estado. Comecei a ler sobre pedagogia e achei interessante e decidi fazer Pedagogia. Passei no primeiro semestre, foi uma coisa assim... surreal que eu olhava o resultado toda hora. Eu falei: “Não gente, eu acho que colocaram meu nome errado”, toda hora eu olhava, toda hora eu olhava e pedia para outras pessoas olharem também. Eu falei: “Não, eu acho que o meu nome está errado, meu nome tá errado, se eu olhar amanhã de novo, acho que eles vão ver que tá errado e eles vão tirar meu nome”. Esse era o meu medo, que tirassem o meu nome. Mas enfim... passei, entrei, cursei mais de cinco anos porque eu tinha que trabalhar. E eu passei por vários campus [sic] da UFBA, não fiquei presa só na educação, não, eu gostava de transitar entre vários campos, diferentes disciplinas, pessoas diferentes e aí eu fui entrando em contato com várias outras pessoas, militantes do movimento negro, e aí fui me encontrando também; a cada... a cada disciplina que eu

pegava, a cada pessoa que eu conhecia, isso pra mim foi... foi muito bom, enriqueceu demais, demais mesmo.

Isabela: E o que você acredita que você poderia estar fazendo hoje, eu digo profissionalmente, se você não tivesse optado por ser professora de educação infantil?

Carol: Gente, sabe que eu não sei. Hoje eu não sei mais, eu não consigo me ver fazendo outra coisa. Na verdade, eu faço tanta coisa, que eu fico assim... olha. Agora eu sou até empreendedora, contadora de história, o que mais, velho? Eu faço tanta coisa, escritora, já lancei um livro, tô prestes a lançar outro, hoje eu acho que não sei... eu não posso ser tudo; mas dentro das minhas possibilidades, daquilo que eu já faço, muitas portas se abriram pra mim, pra uma menina, né? Agora falando enquanto menina, criança. Eu não acreditava em mim não, se você me encontrasse na rua e me dissesse... Me encontrasse há dez anos atrás e falasse: “Olha, você vai escrever 2 livros, em 2021 você vai ter dois livros escritos, vai ser empreendedora, vai tocar um projeto, vai inspirar muita gente”, eu ia falar: “Eu? Não! Jamais!”. Então as coisas foram acontecendo, claro que, com dedicação, com empenho, mas não foi muito programado, não, mas estavam no meu destino.

Isabela: E na sua opinião, o que poderia ser feito pro trabalho na Educação Infantil ser mais satisfatório? Em termos gerais, né? De políticas públicas e atitudes mais cotidianas.

Carol: O que poderia ser feito... Olha, pensando na realidade das crianças negras, pensando na realidade das escolas públicas, muitas coisas precisariam ser repensadas, ser reformuladas. Principalmente em relação ao currículo, às metodologias, as concepções pedagógicas adotadas dentro das escolas, as relações interpessoais e intrapessoais, a forma que a criança preta [como] ela é vista dentro da escola, a forma que ela é cuidada, talvez o... o... a criança preta sofra com a negação dos seus corpos e isso é algo muito, muito difícil ainda, por que a criança, ela às vezes não tem a compreensão de

que ela tá sofrendo com aquela violência, ela só vai descobrir anos mais tarde, mas nós que passamos por isso e entendemos como as relações interpessoais, né? Como o racismo, ele se... ele se... ele se revela dentro da escola, a gente vem cobrando é... um outro olhar, um outro posicionamento também em relação às nossas crianças. E em termos de políticas públicas, por exemplo, e ações afirmativas, nós temos a Lei dez mil [639/2003], mas infelizmente a lei não é implantada de forma condigna. Então deveria haver uma maior conscientização em relação à Lei dez mil, porque muitas escolas afirmam que o conteúdo, né... fazem parte, que as experiências fazem parte dos seus currículos, das suas práticas, dos seus projetos, enfim, mas quando a gente vai ver realmente, dentro das instituições isso não... não se vale, né? É algo bastante pontual, turístico; é o que a gente chama de currículo turístico. Então a história e cultura africana vão aparecer às vezes no mês de novembro, a história indígena no mês de abril e às vezes de forma estereotipada, limitada aos campos... alguns campos do conhecimento como: artes, limitada à dança, né? Culinária, capoeira, moradia, no caso dos povos indígenas. Então é preciso ter um cuidado maior em relação aos saberes que são construídos dentro da escola, né? E a quem serve esse saber... será que realmente esse saber, ele está voltado... ele é para as nossas crianças, nas nossas crianças pretas? Será que elas se sentem contempladas com os saberes construídos dentro da escola... ou se esse saber, ele está a serviço de uma hegemonia, né... de uma hegemonia branca, dos corpos brancos, dos valores e princípios brancos? Então é... é muito nesse sentido que... a gente precisa repensar.

Isabela: E apesar de tudo isso...

Carol: Está chovendo aí?

Isabela: Não, tem gente tomando banho, mas estava chovendo nesse instante, acho que vai voltar [a] fazer frio de novo.

Carol: Acha!

Isabela: E pensando em todos esses aspectos que você trouxe, né? O que te deixa feliz? Contente? E o que te deixa triste e desanimada?

Carol: Saber que tenho feito um bom trabalho. Eu me preocupo muito em saber que as necessidades físicas, psicológicas e emocionais das crianças estão sendo atendidas. Quando falamos em perspectiva africana de educação, há uma falsa ideia de que esse modelo educacional corresponde apenas à inserção de conteúdos no currículo escolar relacionados à África, mas vai muito além. Esse modelo consiste em enxergar a humanidade da criança, entender que ali, naquele corpo existe um espírito vivo, criativo e cheio de genialidade. E saber que eu estou contribuindo de forma positiva com a construção de vida dessas crianças, me deixa muito feliz, muito grata...a educação afrocentrada é sobre cura, cura ancestral. Me deixa triste, desanimada perceber que estamos muito aquém do que gostaríamos em termos de dignidade humana, as crianças merecem mais, nós merecemos mais e isso eu falo de uma forma geral, não só no município que atuo. Eu costumo dizer que a educação precisa chegar primeiro, antes de tudo. As nossas crianças são carentes de lazer, cultura, carentes de recursos materiais, de mais espaço, de ser criança...

Isabela: E... é... Você enxerga a relação entre o trabalho que você desenvolve na sala de aula, hoje em dia e o que você aprendeu na universidade e no curso no ensino médio? Você consegue fazer uma relação?

Carol: Algumas coisas, viu? Eu acho que eu aprendi muito mais fora da universidade do que na universidade. Sinceramente, porque eu não aprendi a dar aula na universidade, não. Não aprendi, não. Eu aprendi fora, em relação por exemplo à minha concepção pedagógica afrocêntrica, afrocentrada, na faculdade eu nunca vi. Na faculdade eu tinha o quê? Dois professores negros. Foi um currículo de pedagogia totalmente brancocêntrico, concepção de criança centrada na de criança branca. Então, o que eu faço hoje foi muito mais... é... é muito mais o resultado das minhas buscas, das pessoas

que eu encontrei durante meu caminho, das instituições que eu frequentei, dos cursos que eu fiz. Foi muito mais resultado daquilo que eu acreditava como educação. Claro que eu precisei do diploma da universidade. Muita coisa que eu faço hoje tem relação também? Tem! Lógico, com a escola? Tem também, mas eu não atribuo tudo a universidade não, porque se fosse pela universidade eu estaria dentro da sala de aula reproduzindo concepções hegemônicas, formas de ver e sentir o mundo universalistas, estaria reproduzindo valores e princípios brancos, eu seria mais uma pessoa a propagar, a disseminar o currículo branco, acreditando ser a melhor opção para nossas crianças. É isso.

Isabela: E qual a sua maior dificuldade e também a sua maior facilidade no trabalho na sala de aula? Em que você mais sente dificuldade e facilidade no dia a dia do trabalho?

Carol: Hoje, pensando a partir da perspectiva educacional que eu adoto em sala de aula, na vida...

Isabela: Sim.... as coisas do site. Pensei... gente, que beleza, né? E acho que assim... todo esse projeto né? A gente tá trabalhando juntas, mas eu ganho muito em poder conhecer vocês, conhecer os materiais que vocês já produzem. Eu tou super interessada, já quero seus livros, tá? A gente vai conversar depois, porque já quero.

Carol: Vamos! Vamos sim.

Isabela: Porque quanto mais materiais que possam...

Carol: Plantando com Malik.

Isabela: Quantos mais materiais que possam agregar conteúdos de qualidade, produzidos por nós mesmas, eu valorizo muito, então tô super interessada, já vou dizendo; já quero!

Carol: Vamos!

Isabela: E assim... sempre a gente tá pautando muito, que nosso interesse é de conversar com mulheres negras professoras de educação infantil. Então... agora, né? Pessoalmente falando, como é que

you se sente, sendo uma mulher negra, né, sendo uma mulher e professora negra.

Carol: Eu sinto que eu tenho uma responsabilidade com o meu povo, principalmente com as nossas crianças. Eu costumo dizer que eu descobri qual é a minha missão aqui na terra, que é de... de levar um outro tipo de educação para as nossas crianças, que elas possam se reconhecer enquanto crianças, onde elas possam viver as suas infâncias. Diferentes de outras abordagens, onde a infância das nossas crianças... Então eu trabalho de uma forma que o racismo, por exemplo, não é meu eixo central. Claro que a gente [tem] os atravessamentos do racismo, mas eu procuro enxergar a criança em sua inteireza, eu não vejo uma criança discriminada, eu vejo uma criança preta ali, potente, uma criança que tem direito de brincar, uma criança que tem direito [de] se divertir, que tem direito à cultura, que tem direito à educação. Eu não olho pra uma criança preta e vejo uma criança que sofre com o racismo apenas, seria limitar demais a existência dessa criança, seria reduzir demais a existência dessa criança, né, sendo que ela é muitas outras coisas, é muito potente, é muito criativa, ela é muito inteligente. Eu vejo uma criança... sabe?

Isabela: É isso, não precisa ficar presa à pergunta, não. A ideia é essa mesmo. E...

Carol: Mas deixa eu te falar. A gente vai até que horas?

Isabela: Olha, já, já, estamos terminando.

Carol: É. Eu tô cansada, eu já to falando assim... meio... meu olho já tá fechado. É que realmente o dia começou cedíssimo, o povo já tá cobrando aqui, a caixinha da autoestima que eu não enviei pelos correios.

Isabela: Eitaaa!

Carol: E eu vou acordar cedíssimo pra levar minha mãe pro médico.

Isabela: Assim... faltam no máximo umas duas perguntas. Você já trouxe aqui sua trajetória, o que você pensa sobre ser uma mulher

negra. E olhando para isso, você acha que existe diferença entre ser mulher negra no Brasil e ser mulher branca? Ser professora negra e ser professora branca?

Carol: Ixi... Sério? Nossa! De mais! Demais! Em vários aspectos. Em vários aspectos. Ser mulher branca, independentemente de ser professora, ser médica, sabe? Apenas ser mulher branca, já dá a essa mulher um... um... um passaporte para adentrar em diferentes espaços, já dá liberdade dela ser muitas outras coisas que a mulher preta e retinta não tem espaço, por isso a importância dos nossos espaços, muitas outras coisas que às vezes a mulher preta é... é... é limitada assim... pelo olhar do outro, não... às vezes... enfim, né? Então ser uma professora preta... me repete a pergunta mesmo, de novo? Só pra mim... aí tá a diferença. Ai, eu tô cansada, eu tô...

Isabela: Você quer parar? Você quer dar uma pausa?

Carol: É porque realmente... Não, é... eu vou responder essa. Mas enfim, existem muitas diferenças. A mulher branca, ela tem o privilégio da branquitude, então a branquitude acaba concedendo a essa mulher, esse corpo branco; uma série de oportunidades, uma série de experiências que a mulher preta não... Então... eu, mulher preta, que terminou a faculdade, eu tive que trabalhar. Talvez uma mulher branca que terminou a faculdade vai fazer o mestrado. Nunca vou fazer o mestrado, porque o mestrado é... não... enfim, eu não conheço nenhum mestrado que tenham aulas em turno matutino e vespertino, nesses turnos eu tô na sala de aula, eu tenho que trabalhar; então a mulher branca privilegiada, ela pode fazer o mestrado, ela pode fazer o doutorado dela e depois se tornar professora na universidade, enquanto eu mulher preta tive que sair da universidade e ir direto pra... pro trabalho, eu não tive escolha, eu tive que ir diretamente. É, enfim... então são esses...

Isabela: Iiii... travou?

Carol: Que tange à... à população preta. Então o olhar que eu tenho para a criança preta não é o mesmo olhar que uma mulher branca tem...

Isabela: Sim, sim.

Carol: A sensibilidade que eu tenho... e não é a sensibilidade apenas aquela sensibilidade de “ooh, nossa!” Não! É a sensibilidade política mesmo.

Isabela: Agora você já acabou até entrando, né, na última questão.

Carol: Qual é?

Isabela: É... se existem crianças negras, meninas negras né, na sua sala de aula? E como você lida com elas? E em qual momento da sua prática pedagógica você acaba incluindo a temática ou pauta racial?

Carol: Todo o tempo, o tempo todo. Quando eu entro na sala esse corpo preto aqui já é uma prática. O tempo inteiro. Tenho alunos... eu trabalho em São Francisco do Conde. Acho que a pergunta seria: “Tem alunas brancas?”. A maioria são pretas, mas agora eu tô trabalhando de forma remota, são poucas meninas inclusive, tenho poucas meninas, são mais meninos e são pretos, mas enfim... a temática, nem é a temática, eu nem diria temática, mas o debate racial é vivido todo o tempo na sala de aula, a forma que eu olho para as minhas crianças, é... passa também por um cuidado em relação aos seus corpos, em relação à sua história, em relação às suas famílias, a forma que eu chamo a criança, a forma que eu me dirijo a ela; é uma forma respeitosa, respeito à espiritualidade delas, respeito o psicológico delas, eu respeito o emocional delas. E isso também... e isso também faz parte dessa... dessa abordagem. O respeito ao outro, o respeito à essa criança, a esse ser que tá se formando. Também é contribuir para a construção da identidade dessa criança, a gente não contribui para a identidade apenas quando a gente faz uma *Abayomi*²

² No livro *Na escola se brinca: brincadeiras de crianças quilombolas na educação infantil*, de Míghian Nunes e Helen Pinto (2022), a(s) história(s) contadas sobre Abayomi (em yoruba, “encontro precioso”) informam que ela é uma boneca produzida a partir de tecidos e nós (p. 87-88).

com a criança, de jeito nenhum. Mas é quando a gente respeita à humanidade que há nessa criança, quando a gente... quando eu... quando eu respeito o direito dessa criança, quando eu dou liberdade pra essa criança brincar, isso também é incluir o debate racial na sala de aula, é brincar, é dar o direito a ela de brincar, de ela aprender de forma livre, de forma é... ativa e não mecânica, isso também faz parte do debate racial. O debate racial não é apenas quando eu levo um livro tipo “O cabelo de Lelê”³ e falo: “Lelê não gosta do que vê, você tem que gostar do que vê agora, porque você... não!”. Eu nem levo esses livros pra sala de aula, eu levo o livro onde os personagens sabem que são negros e se orgulham disso e não precisa iniciar a narrativa dizendo: “Ai, eu não gosto do que eu vejo... ah!”, e no final do livro eles vão gostar. Não! A gente já começa gostando, não tem isso não, as crianças estão construindo as suas identidades ainda. Então vamos ver exemplos positivos, né? Então o debate racial, as questões raciais... eu boto os pés na sala e já início, em qualquer espaço é dessa forma.

Isabela: Estamos caminhando pro finalzinho do nosso encontro, você poderia trazer um pouco do histórico do Afroinfância? Visto que é um projeto com uma perspectiva afrocêntrica, como surgiu essa ideia?

Carol: Sobre o Afroinfância... a minha jornada é bem anterior à nossa comunidade virtual do Afroinfância, é a soma das minhas experiências enquanto criança preta que fui, jovem preta, depois estudante de Pedagogia e hoje professora de escola pública. Eu fui uma criança que sofreu diferentes violências simbólicas e físicas também no que tange ao meu pertencimento racial, e muitas dessas violências [foram] dentro da escola, na primeira etapa da educação básica, na educação Infantil, ou seja, a Educação Infantil pode [se] constituir em um espaço importante para a construção de identidades, mas pode ser também esse espaço nocivo de conflitos raciais, negação da

³ BELÉM, Valéria. O cabelo de Lelê. São Paulo: Ed. IBEP, 2007.

história africana ou distorção de quem somos, uma vez que a criança preta, historicamente, não é privilegiada dentro das construções curriculares, metodológicas, dentro [da] literatura infantil, a nossa história é invisibilizada. Além disso, muito do que vemos na escola é uma construção identitária focada na escravização, colonização e na problemática do racismo e isso é [um] problema. O Afroinfância nasceu em 2017, mas, na verdade, é fruto de um processo que começou bem antes, com as inquietações que me acompanharam desde o início da minha jornada como professora. Quando eu estava na universidade, eu já sentia que algo faltava. A ausência das nossas filosofias educacionais no debate acadêmico sempre me incomodou. A questão que não saía da minha cabeça era: Como podemos enxergar e cuidar da criança negra se as nossas referências, nossas histórias e saberes não são validados? Ao sair da universidade, comecei a trabalhar na Educação Infantil em uma escola pública no município de Mata de São João, na Bahia. Era uma sala cheia de crianças, quase todas negras, com famílias que enfrentavam muitos desafios. Ali eu percebi que havia uma lacuna enorme quando se tratava de discutir a história e a cultura africana com crianças pequenas. Uma colega, inclusive, levantou uma pergunta que marcou muito: Como trabalhar o racismo com crianças tão pequenas? Foi aí que me deu um clique. A nossa história, a nossa cultura africana, não pode e não deve ser reduzida a um debate apenas sobre racismo. Nós somos mais do que a dor. Percebi que, muitas vezes, quando se fala em história africana, ela está limitada a uma narrativa de sofrimento, de escravidão, de resistência. Mas e as nossas conquistas? Nossas filosofias? Nossos valores, como a coletividade, o cuidado, o respeito à ancestralidade? Era isso que eu queria trazer para a sala de aula.

O Afroinfância é uma proposta de formação, reflexão e ação educacional focada na infância, com um olhar afrocêntrico. Quando criei o projeto, meu objetivo era contribuir com o olhar dos educadores(as) sobre as crianças negras, suas histórias e sua cultura. Não se tratava apenas de implementar a Lei 10.639/03, que fala sobre

a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas, mas de fazer isso de maneira que realmente fizesse sentido para a Educação Infantil. Uma das coisas que mais me incomodava era a abordagem superficial com que, muitas vezes, o debate em torno das questões negras era tratado. Trabalhar com história e cultura africana não se resume a realizar atividades pontuais em datas comemorativas ou abordar apenas o tema da escravidão. Trata-se de incluir valores e práticas que fortaleçam as crianças como sujeitos pertencentes a uma coletividade. O projeto encontrou no *Instagram*⁴ um espaço de formação e compartilhamento. Desde 2017, venho utilizando essa ferramenta como uma sala de aula expandida, um lugar para dialogar com outros educadores e educadoras, trocar experiências e metodologias, e refletir sobre práticas pedagógicas. No Afroinfância, além da produção quase diária de conteúdos voltados para a educação, compartilho dicas literárias, jogos, brincadeiras, animação e tudo o que seja relevante para as crianças, suas famílias ou escolas, tudo a partir da centralidade africana. Não é interessante para a criança negra aprender a sua história apenas a partir desses fatores, dessas lentes. Queremos falar de uma perspectiva educacional que revele nessa criança a potência que ela é, sem negar todas as problemáticas que existe em ser uma criança negra, mas que ela entenda que ela é criativa, tem direito a brincar, sonhar e sobretudo que a sua ancestralidade é africana, esse orgulho precisa ser suscitado. O Afroinfância é sobre muita coisa, sobre literatura negra, sobre cosmovisão africana, sobre ser referência e sobre as nossas referências.

Isabela: É! E essa foi a última questão.

Carol: Ai, meu pescoço, mas eu acho que depois que eu tomar banho, eu vou despertar.

⁴Cf. em <https://www.instagram.com/afroinfancia>.

Isabela: Sim! E se você achar que tem alguma outra questão que você acha que seria relevante trazer, ou algo que eu poderia ter perguntado que eu não perguntei.

Carol: Mas vai ter [...], né? Outros encontros ou vai ser só esse?

Isabela: Não, é isso, aqui é nossa primeira entrevista, né? A gente vai planejar também o encontro com todas e...

Carol: E como é que vai ser esse livro? Como é?

Isabela: A gente ainda tá... depois que construir todo o material...

Carol: Vai ser tipo uma autobiografia?

Isabela: Não, a gente vai organizar as histórias de vida, vamos publicar essas histórias de vida em formato de livro.

Carol: Que chique, né?

Isabela: Essa é uma das ideias, também iremos promover no final do projeto um evento e aí... não sei, a gente espera que seja presencial, esse formato remoto já tá chi...

Carol: Né.

Isabela: ...porque dá uma canseira, a gente quer encontrar as pessoas, conversar pessoalmente.

Carol: Demais!

Isabela: Trocar ideias... eu já tô... a gente já tá sentindo falta disso, né, desse encontro pessoal. Mas aí a gente tá pensando e organizando um evento onde a gente vai se encontrar, se conhecer, eu tô pensando... antes de promover esse evento mais aberto para São Francisco do Conde, para Unilab... esse encontro mais geral, da gente se encontrar primeiro, né, todas nós, bater um papo, se conhecer, eu acho isso importante também pra gente se aproximar uma da outra um pouco mais. E tem a escrita do artigo também, a gente vai escrever o artigo como um dos resultados do projeto.

Carol: Quem vai escrever?

Isabela: O artigo? Inicialmente, como vai ser [mais] uma célula, eu e Míghian vamos estar organizando, mas vai ser sempre em construção com todo mundo. A gente vai tá o tempo todo trocando. O artigo vai ser mais para apontar os resultados [...]. E a nossa entrevista, depois vou repassar pra você, depois de transcrever, ela eu vou te mandar e você pode dizer assim: “olha, eu não gostei muito dessa parte, você pode tirar? Aí vou lá e retiro”. Ou se não você pode indicar: “ah, essa parte ficou faltando e eu gostaria que você incluísse, daí a gente vai lá e complementa”. Então vai ser o tempo todo esse processo de... essa comunicação de muita aproximação, né, esse diálogo.

Carol: Entendi.

Isabela: E a gente quer muito mesmo, construir esse trabalho coletivo né? A gente sabe como o racismo acaba atravessando as nossas experiências e isso, é preciso continuar sendo dito, é preciso ouvir as professoras, as professoras negras e é isso. Se você achar que tem alguma coisa que ficou em falta na entrevista, você vai apontando. Eu por exemplo, pessoalmente sinto falta de ouvir sobre o Afroinfância.

Carol: É, eu achei que era pra falar. E eu nem falei... era pra falar no início do Afroinfância, depois [d]a universidade.

Isabela: É isso, se você sentir a necessidade de complementar ou de querer conversar novamente, marcar um outro encontro...

Carol: É... Eu acabei indo respondendo às questões...

Isabela: Mas a gente entende o cansaço, que você está cansada. E são muitas demandas, é muito trabalho e aí a gente...

Carol: ...e ainda tenho que fazer plano de curso hoje, pra entregar amanhã. Vou tirar um cochilo ali e vou ter que acordar cedo.

Isabela: Nossa! Se eu tentar acordar quatro horas da manhã... eu nem tento.

Carol: Eu só acordo essa hora se eu for pro médico.

Isabela: É isso. Mas assim, se tiver tudo bem pra você, a gente encerra por aqui, e aí a gente vai conversando.

Carol: Tá bom, pode mandar áudio no *Whatsapp* e aí eu falo do Afroinfância.

Isabela: Pronto! Perfeito, então. Então vou deixar você descansar, se preparar. Depois eu quero ver como a gente vai mediar, porque eu quero os livros.

Carol: Pode deixar.

Isabela: Então é isso, eu quero agradecer de mais a oportunidade e a permissão de poder te conhecer mais, para além do Afroinfância, conhecer Carol, personalidade, pessoa, mulher, professora. A gente super agradece mesmo e...

Carol: Eu também.

Isabela: E vamos continuar conversando, é muita coisa ainda por vir.

Carol: Muitas águas vão rolar.

Isabela: Muitas águas vão rolar.

Carol: É, tá bom então. Eu agradeço.

Isabela: Tchau, tchau!



CAPÍTULO II

**“A gente precisa mudar a curva,
eu não quero ser ponto fora da
curva, eu quero mudar a curva”**

**ENCONTRO COM A PROFESSORA CRISTIANA MACHADO
ARAUJO**

Tempo de gravação: 2 horas, 1 minutos e 25 segundos

Data do Encontro: 28 de maio de 2021

Isabela: Pronto, deixa eu voltar aqui pra tela. É... eu tenho aqui só algumas questões, que vai mediar né? A nossa... nosso encontro e...

Cristiana: Pronto!

Isabela: E você pode começar falando sobre sua infância né? Sobre... onde você nasceu, sobre sua família, irmãos, parentes, mãe e pai. Mas como foi assim... a sua infância, sabe?

Cristiana: A minha infância é... nasci em Teofilândia na zona rural, com um ano de idade meus pais se mudaram para Alagoinhas. Meu pai era pedreiro e mestre de obra, lá fiquei até vinte e um anos, foi quando me casei.

É... a minha infância.... ela foi tranquila, até seis anos de idade era filha única. Aí depois veio meu irmão, depois minha irmã, mais os dois outros irmãos. É... estudava numa escolinha que antigamente chamava Jardim 1, Jardim 2 e isso veio até a terceira série numa escola particular, depois fui para a escola pública do município de Alagoinhas, depois eu fui para escola estadual, que aí era o antigo ginásio.

Nesse meio tempo perdi de ano, antes estava numa escola pequena. Essa escola, menina, tinha quatro turmas, então era assim... era muito família a escola, sabe? Escola muito boa. Inclusive a professora da quarta série, era uma professora que me marcou muito, porque ela era assim... uma mãezona. Era professora Amélia, é... não sei onde ela está, como ela está. Perdi o contato, mas eu me lembro muito dela. E aí passei para a quinta série do ginásio, cheguei nessa escola, foi um choque, porque fui para uma escola estadual com mais de dois mil alunos e era uma época assim... que tinha poucas vagas, você tinha [que] dormir na fila para conseguir uma vaga e era muito cheia a escola. Lembro que tinha que chegar cedo para conseguir sentar, caso atrasasse não achava mais cadeira e aí... você tinha que dividir cadeira com colega. Lembro que [no] primeiro dia de aula, a gente fez as filas pra entrar, quando abriu [o] portão, entrou todo mundo de vez, vruum! Menina, caí embolando, todos passando por cima de mim, ai meu Deus do céu! Eu tinha um lanche dentro de um saquinho de papel, meu lanche esfaçalhou, e assim eu disse, "meu Deus do céu, o que é isso?". Antes estava numa escola onde me sentia tão protegida pelos professores, os diretores; e aí vim pra esse lugar que as pessoas pisam na gente. Eu não tava preparada pra essa quinta série, tinha vários professores, quando vi trocar de professor num mesmo dia, eu pensei: "meu Deus, troca de professor?". Eu não tinha... digo, nossa! E aí eu não consegui me organizar e comecei a ficar brincando muito, né? E era uma escola muito grande, que dava para não ir assistir à aula e ninguém percebia. Às vezes faltava professor e aí a gente saía cedo na fila de outra turma, trocava o vale do ônibus por picolé e ia para casa a pé brincando, tudo que era praça eu parava pra brincar e aí quando recebi, no final do ano, o resultado, meu pai, sendo um homem muito... rígido, rigoroso, que teve uma criação muito difícil, uma jornada muito longa, uma infância sofrida que se eu for contar agora vai demorar muito, sabe? Perdeu a mãe com oito anos, ele tem uma... uma ideia de agarrar a oportunidade, e quem não agarra não merece outra chance. Ele aí olhou pra mim

bem sério: “Agora você vai trabalhar!”... não me matriculou mais na escola e não deixava minha mãe me matricular. Fiquei quatro anos fora da escola.

Isabela: Você tinha quantos anos?

Cristiana: Eu tinha onze anos, aí fiquei onze, doze, treze, quatorze anos sem estudar. Trabalhei na roça tomava conta dos animais, é... na época eu não entendia muita coisa, então... não questionava muito, não, eu ouvia as pessoas falando com ele: “Ah, mas a menina precisa estudar”, mas ele era bem irredutível. Aconteceu um acidente com ele, quando eu tinha quatorze anos, ia fazer quinze e ele ficou uns 10 meses sem andar. E... é... o trabalho de pedreiro, você sabe, né? Precisa estar forte. Precisei trabalhar para ajudar em casa, consegui um emprego a princípio era para fazer companhia a um casal de idosos, mas lá eu fazia de tudo: lavar, passar, cozinhar, tudo mesmo. Porém, eu não reclamava. Fiquei um ano, quando eu tinha quinze anos, falei para mim mesma: “Olha, eu vou voltar a estudar”. Então pedi as contas porque eu queria voltar a estudar”; “Ah, mas você pode estudar à noite e tal”. E eu falei, “Olha! É... eu quero estudar de dia; porque a noite tem aceleração. Eu não quero fazer aceleração, eu quero fazer... tem um tempo que eu tô fora da escola, então eu preciso estudar e aprender e... e... a intenção agora é aprender mesmo. Após pedir as contas, fui estudar, meu pai assim... ele foi totalmente contra Depois que terminei o ensino médio, me casei, tive meu primeiro filho, então decidi; “Olha! Eu vou cuidar do meu filho”. Fiquei dois anos, cuidando dele integralmente vinte e quatro horas por dia. Quando meu filho fez dois anos, resolvi fazer cursinho pré-vestibular. A gente morava em São Paulo, então a gente voltou pra Bahia. Passei na UFBA em engenharia civil. Fiquei pensando ali, porque engenharia civil? Aí eu entro na história do meu pai, ele era um pedreiro, que ele conhecia muito do trabalho mas não tinha formação acadêmica, apesar disso, ele sabia até mais que o próprio engenheiro que trabalhava com ele. E então passou para mim essa responsabilidade, escolhi o curso por conta disso. Mas quando eu

cheguei lá, apesar de ter sido muito bem acolhida, nossa peguei uma turma maravilhosa. No terceiro semestre percebi algo, “Nossa... eu não tô me encontrando aqui”. Tinha um filho pequeno, os colegas passavam o dia na UFBA, estudando e eu não podia porque tinha minhas responsabilidades, eu era mãe, né? Então não tinha esse tempo todo e aí eu ficava pra trás e... e também tinha aquela questão, eu não estava me sentindo adaptada. Aí pensei: “Olha! Eu vou fazer vestibular de novo “. Fiz de novo pra UFBA, aí passei de novo, para pedagogia, no primeiro dia em que cheguei, disse, “é aqui eu quero estar”. Apesar de todos os preconceitos, sabe? Até da própria família, a minha mãe mesmo até hoje, ela não entende o que é ser pedagoga. Mas isso é falta de conhecimento, não é nem maldade, é falta mesmo de conhecimento, de valorização da profissão mesmo, que é uma coisa enraizada na sociedade infelizmente. E de gente da academia mesmo, professores do meio também me dizendo: “Nossa, você trocou o curso porquê?”. O curso de pedagogia tem pessoas, têm esse tipo de preconceito, que é um curso que a pessoa só vai, quem não conseguiu passar em nenhum outro, né?

Isabela: E isso é muito real, né? É... é de fato muito preconceito. Não consegue compreender a real importância da profissão, até alguns professores mesmo, tem esse preconceito. De... eu tô mantendo meu microfone um pouco desligado porquê... fica dando interferência quando você fala, aí pra ouvir você melhor, aí eu tô deixando desligado.

Cristiana: também lá encontrei um... um... uma turma muito boa. Quando tive meu segundo filho, já tava no terceiro semestre, por causa disso, atrasei o curso. Quando eu fui ver, estava bem atrasada, aí os últimos semestres... quando meu filho foi para escola, então... eu acelerei, comecei a pegar oito matérias, dez matérias pra poder adiantar, tinham professores maravilhosos que entendiam quando eu tinha que sair mais cedo para pegar meus filhos na escola e também tinha professores que dizia assim, “Ah, mas você faz um curso presencial, se dá... se não der pra fazer, então porque insiste...”, sabe?

Então sempre ficava pensativa, “Nossa!” É uma escola onde noventa por cento dos alunos é... o público feminino, né? Muitas são mães e aí você ainda encontra esse tipo de comportamento. Comecei a pegar matérias à noite, ia pra faculdade de manhã, depois pegava os meninos na escola, vinha pra casa dava conta dos afazeres domésticos, acadêmicos. Porque a faculdade demanda muito da gente. Voltava para faculdade à noite, tinha vez que eu chegava em casa onze horas da noite, dez e meia, e no outro dia cedo tudo de novo.

Quando eu peguei o último semestre faltavam nove matérias mais o TCC. Vou pegar tudo! Ah... nessa época a diretora da faculdade, era também professora e era a minha professora do TCC, ela me chamou, maravilhosa e disse: “É... você pegou muita matéria, você tem dois filhos. Eu te chamei aqui porque eu tive dois filhos e eu fiz isso que você tá fazendo agora e perdi muito da infância deles e eu tô falando porque... eu não quero que aconteça com você”. Aí eu falei pra ela “Olha, mas eu preciso terminar porque eu preciso trabalhar por que não tá fácil, só meu marido dando conta das despesas sozinho, então... ela respondeu: “Você tem certeza?” “Eu tenho, é um semestre e se eu perceber que eu não vou conseguir, vou trancar a matrícula no TCC... “Então se eu perceber que eu não vou conseguir, eu posso trancar?” Aí ela, “Pode!” “Então vamos combinar assim... eu vou tentar. E assim foi feito. Nossa! A trilha sonora da minha... do meu TCC era [o barulho da panela de pressão: tchi, tchi, tchi, tchi. Eu não esqueço nunca, porque era escrevendo, um olho na panela, o outro no menino, mas graças a Deus consegui me formar e tive sorte, porque na época que eu me terminei a graduação, estava tendo uma quantidade grande de concursos aqui na Bahia e eu fiz. Terminei a faculdade em julho, quando foi em outubro fiz o concurso de São Francisco do Conde, então foi que em dezembro, recebi o resultado, tinha passado, aí já iniciei o ano letivo trabalhando. É por isso que eu digo, eu saí da faculdade, caí na... na escola e sim, foi difícil, mas consegui. Consegui estar onde eu queria, que era na educação infantil. Que na situação que eu estava, eu ia aceitar qualquer emprego

na educação, né? Como eu distribuí currículos pras escolas e... e... a escola não abre a porta pra você, se você não conhece ninguém, você... Você ter ideia, quando eu percebi que quando elas perguntavam, "É currículo?", [eu respondia:] "É!". "Deixa aqui na portaria". Nem abria o portão. Aí pensei, "Eu já sei! Eu vou entrar como se eu fosse matricular meu filho na escola". E aí eu conheço a escola toda e no final eu entrego meu currículo. Fiz assim, teve uma que até... [risos] ne deu uma caneta.

Isabela: Gente! Que ótima tática, que esperta! Faz amizade com todo mundo

Cristiana: É a secretária achando que vai vender uma vaga (risos). Oxe e ainda teve uma que me deu uma caneta. Aí foi, mas só que ninguém chamou, moça, concurso público é a forma mais justa que você tem hoje em dia de você trabalhar né? E aí foi assim... minha vida acadêmica foi essa.

Isabela: Olha, eu vou adotar essa tática aí, hein!

Cristiana: Vai dar certo, vai dar certo! Porque quando você fala que você vai entregar, o porteiro já olha pra você, "É currículo?", "É!". "Deixa aqui". Menina...

Isabela: E às vezes nem entrega, às vezes nem entrega, né?

Isabela: Você já até trouxe aqui algumas questões né? Sobre como foi sua experiência na escola, a sua infância na escola, né? Você também acabou trazendo sua primeira professora.

Cristiana: É, Amélia; ela não foi a primeira, a primeira foi Rosana, mas assim... foi a que me marcou, que... que eu levo no coração com muito carinho... pra vida inteira na minha infância, foi a Amélia.

Isabela: Tem professor que realmente marca, né? Passa o tempo...

Cristiana: É, eu queria muito saber como ela está, onde ela mora, perdi contato, aí não... não sei. Mas ela é uma criatura assim, que fez muito sentido na minha vida e até hoje faz, né? Eu tento me espelhar nela.

Isabela: Acho que, até algumas professoras, o comportamento é o que faz a gente ter mais incentivo para seguir, né? Na profissão ou também não seguir. É tipo essa conexão de experiências, né, que vai guiar a gente. Quando você era criança, você tinha algum sonho ligada à vida profissional?

Cristiana: É... eu não lembro assim... se eu tinha alguma vontade de ser na vida adulta, alguma profissional, a profissão que eu queria. Mas eu brincava muito de escolinha, brincava muito de cantar, brincava muito de construção. Eu me despertei pra ser professora, nesse meio tempo em que eu fiquei sem estudar, mais ou menos um treze anos por aí, a minha vida inteira desde os dez anos sempre trabalhei, vendia geladinho, vendia lanche, fazia crochê e aos 13 anos pensei: “olha, eu vou dar aula, vou dar aula de banca¹, que era bem assim que falava”. Aí começava com vinte alunos e terminava com quatro. Mas e aí eu percebia “olha... eu acho que eu tenho jeito”. Terminava com quatro porquê? Porque os pais colocavam para menino passar numa prova, depois que o menino passava, evadia. Aí fazia minha propaganda, de brinde quem ficava ganhava uma aula de inglês”. Mas assim, coisa simples. Era o inglês, o que eu sabia as cores, profissões, materiais escolares... Só que no meio do caminho, o tempo todo, o meu pai falando que tinha o sonho de ser engenheiro e não podia, ele não tinha oportunidade porque não tinha estudado porque era negro, era pobre, não teve oportunidade, teve que trabalhar desde muito cedo. Então assim... oportunidades que ele não teve, refletiram em mim, nos meus irmãos, como ele não tinha condições de dar, de proporcionar à gente, é... condições melhores para estudar, de oportunidade. A gente também acaba sentindo esse peso do preconceito. Porque jamais... jamais, ainda mais no tempo dele, uma pessoa como ele, um menino que perdeu a mãe muito novo, que morou na rua, iria passar de pedreiro. Então assim... estava muito claro e ele estava convencido disso, que ele não tinha direito, que ele não podia avançar. Então ele viveu em mim o que ele não poderia ser. Era muita

¹ “Aula de banca” é uma expressão baiana que significa “aula de reforço escolar”.

ousadia da parte dele querer algo mais que isso. Então eu chamado [sic] de câncer, uma doença, que tá na sociedade, que precisa ser curada, tá no corpo da sociedade essa coisa de normalizar que aquela pessoa ali, por ser quem é, não pode ocupar todos os lugares. Então assim... nós que somos da educação, temos obrigação de dizer para o nosso aluno desde a educação infantil, que ele também, que ela é um sujeito de direitos. A educação infantil é o primeiro segmento da educação e que as pessoas precisam entender que é ali que começa tudo. Empoderar essa criança, dizer pra ela que o “eu posso ser o que quiser”. Independente de gênero, de cor, de crença, de tudo. Então, o meu pai tinha muita vontade de crescer como profissional e ele era um excelente profissional, mas ele não podia, a sociedade não deixava, a sociedade não deixou.

Isabela: E como era a relação dele em relação a você e a sua formação na escola, tanto dele quanto sua mãe? Eles eram presentes na sua formação na infância?

Cristiana: O meu pai era mais presente que a minha mãe, era meu pai, era ele que procurava escola, era ele que ajeitava, era ele que fazia, que levava e tudo. Então... tanto que ele ficou muito magoado quando eu perdi de ano, eu entendo porque do jeito que ele viveu, a forma que ele viveu, foi assim que ele aprendeu, então assim... ele me deu uma punição que foi muito... foi muito pesada, mas é... era também porque ele não sabia lidar com essas coisas, então quando eu perdi de ano, ninguém sentou comigo pra entender o porquê, a razão, o que foi que aconteceu. A escola era um por todos e cada um por si. Na quarta série, que eu tava na escola pequena, eu esquecia o caderninho, esquecia livro e no outro dia tava guardado, que a moça que passava, né, ajeitando a sala depois, ela encontrava, tudo que ela encontrava na sala ela guardava. Então eu já procurava. Lá eu perdi um livro sem nem ter usado, que lá tinha professores e cada um indicava seu livro e aí essa professora indicou e disse, “tá vendendo aqui na escola”, aí meu pai me deu o dinheiro, comprei e eu esqueci na escola. Quando foi no outro dia, eu fui procurar, a diretora olhou

para mim e disse monte, “ah, porque você tem que ter responsabilidade, não vai achar e também ninguém vai procurar, uma escola dessa tamanho, mais de não sei quantos mil alunos”. Então ... é... você que tinha que ser responsável por tudo por seu... por estudar, por chegar na hora e eu não tinha... eu não tinha dimensão, eu não sabia que era assim.

Isabela: Foi uma mudança muito brusca e repentina né, de realidade?

Cristiana: Foi, foi muito, uma mudança muito brusca e aí acabou o que? Eu achava muito bom ficar brincando, eu achava que era certo não ir para a sala de aula e ninguém chamava meus pais, ninguém chamava minha família para conversar, ninguém me dizia nada, simplesmente contabilizava ali as faltas, passava a prova e eu não sabia resolver e não tinha...

Isabela: Isso foi no [Ensino] Fundamental?

Cristiana: Isso aí foi no antigo ginásio; quinta série, que hoje é sexto ano. E meus pais, eles também também não tinham conhecimento do que era essa dimensão do aprender, do estudar, da escola. Tem essa coisa de deixar... tá na escola, então... lá na escola vai resolver. É por isso também que eu também tenho muita paciência com os pais, com as famílias, porque muita gente não tem essa... essa... esse entendimento e eu acho que é falta também de conscientização pública, com as pessoas, de chamar a família pra escola, né? Não tinha isso. E aí eu achava muito bom brincar, perdi de ano, não tive chance de tentar de novo, ninguém conversou comigo e foi essa. Quando eu decidi voltar a estudar, o meu pai achava que não tinha necessidade [de] eu voltar a estudar e ele falava, “não tem porque voltar a estudar agora que tem que trabalhar” e eu disse, “mas eu quero!”. Passei por... aí eu já tava me posicionando, passei por cima das ordens dele, que eu vou estudar, aí fui lá me matriculei sozinha e voltei. Quando eu peguei o primeiro boletim com todo fechado, mostrei pra ele, ah, ele disse, “eu não vou dar um lápis!” Eu, “não tem problema não, pai”. Peguei meu último salário, comprei um

caderninho, comprei minha canetinha e a camisa da escola que tinha - se não, não entrava, né? Toda fardada, comprei minha fardada. Quando ele percebeu que eu queria mesmo estudar, passou a comprar de novo as minhas coisas para a escola. Comprava o passe do ônibus, me deu um caderno de vinte matérias, dessa grossura. Meu pai é um homem assim... ele não sabe se expressar, então ele não dizia pra gente o que ele tava sentindo.

Isabela: E ele nem precisou falar nada, né?

Cristiana: Ele não fala, ele não consegue.

Isabela: E nem precisava, acho que o gesto aí...

Cristiana: É. E até hoje ele é assim; não consegue se expressar.

Isabela: O que você acredita que poderia estar fazendo hoje, profissionalmente falando, se você não tivesse optado ou se não tivesse sido guiada pela educação infantil? Tipo, em qual profissão hoje você talvez estaria? Se não fosse professora...

Cristiana: Moça. Engenharia eu descartei no meio do caminho. Que pergunta difícil. Eu não me vejo [risos]. Eu não sei, talvez seria cuidadora de idosos ou trabalharia de cozinheira, venderia bolo, eu não sei. Acho que alguma coisa assim, que... eu acho que era isso, ou artesã, também gosto muito de fazer crochê. Mas eu nunca me fiz essa pergunta.

Isabela: Já tá num caminho tão direto.

Cristiana: É! Focada.

Isabela: Foco. Acho que a palavra é a mesma, foco na profissão.

Cristiana: É, eu dei sorte ou foi destino. É, porque é difícil você conseguir ganhar dinheiro, pra se manter no que você gosta, né? Imagine o perrengue que é a área da educação, que você sabe muito bem. Você sem ter... sem ter emoção, você levanta todos os dias pra ir pra um lugar sem você ter emoção? Eu acho que é uma vida bem amargurada. Eu não desejo isso para ninguém. Imagine, até aqui no curso de pedagogia, eu não sei isso aconteceu com o seu grupo,

mas eu percebi que a turma que começou, é... muitos ficaram pelo caminho porque não se encontraram. Tem o que vai... vai porque acha que é fácil, “ah eu vou pra pedagogia que é fácil de se formar, ah, porque não preciso estudar muito”. Se enganou! A gente queima pestana do dia que entra até depois que sai, a vida inteira. Na faculdade você tem duas alegrias: o dia que você entra e o dia que você sai. Não é? E sair com formação.

Isabela: Uma boa parte da minha turma, algumas colegas assim... elas já trabalhavam como professoras, né? Então... só que a escola começou a exigir ter formação em pedagogia, então muitas das minhas colegas estão na pedagogia porque... para complementar, né? A formação.

Cristiana: Isso, isso mesmo.

Isabela: E elas são formadas no magistério. E aí as escolas estão exigindo, agora a formação em pedagogia; então, para continuar trabalhando, elas precisam da formação, mas...

Cristiana: Tinha uma... ah, vá, fale.

Isabela: Mas assim... eu não percebo tanta... tantas colegas e amigos saindo do curso, não.

Cristiana: Lá na minha turma teve. E era mais o pessoal mais jovem, que deixava. É... teve uma também que essa... estava na rede Municipal de Salvador! Hellen, senti até o cheiro dela agora; Quando lembrei dela, eu senti o cheiro de Hellen. Sim! Ela estava perto de se aposentar já e precisava, né? E aí no... na calourada que é o acolhimento, né, que eles fazem palestra, seminário... veio uma professora de lá da FAGED², que disse assim: “esse curso de vocês, ele não é valorizado”. Até então eu estava concordando, realmente não é o que é uma pena, a gente tem que trabalhar pra mudar isso, né? Porque, vem para cá os que não conseguem passar em medicina, porque aqui é a prima pobre, o rico tá lá do outro lado da rua, a faculdade de medicina. Não sei se você conhece o campus de medicina. Então,

² Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia.

é na frente. Ah, é porque os ricos ficam lá na frente, do lado de cá... e porque eu não um professor, um pedagogo, um filho de rico que queira ser professor, a não ser que seja filho de empresário da educação, dono de curso, dono de escola. Daí quer continuar pra pegar o... a empresa da família. Quem quer um salário de fome? (Palavras da professora). Aí Hellen levantou, foi aí que conheci Hellen. Hellen levantou e disse: "Olha professora, meu nome é Hellen, prazer, eu não concordo com o que a senhora tá falando. A gente chega aqui com tanta esperança - eu não, que eu já tô pé na cova", ela ainda disse assim. "Eu já tô terminando, com tanta esperança e ouvir a senhora numa calourada, acolher esses alunos desse jeito? Isso não é jeito de ser, de acolher alguém que está chegando. Você está assustando eles. E eu vou dizer mais, sou professora há tantos anos e eu nunca passei fome na minha vida. Então o que a senhora falou aí não é verdade. O salário não é o ideal, não é o que a gente merece, é pouco, mas fome, professor não passa. E tem mais; só fica nessa profissão quem tem vocação, porque quem tá só pelo salário, arruma outra coisa para fazer, vai trabalhar de outro jeito. Porque é um trabalho que, ele exige muito... muito. Ele suga muito a gente e assim... se for desse jeito aqui, imagina fora. Então assim, isso aqui pra mim não é acolhimento". E ela se retirou e só voltou, quando essa professora terminou a palestra dela. Me senti representada por Hellen. Porque ouvi muito nos estágios: "É isso mesmo que vocês querem?" Meu Deus! Se ninguém quisesse, eu fico imaginando: o que será do futuro se ninguém mais quisesse ser professor? Alguém tem que querer, alguém precisa querer, e não querer por causa de salário, querer porque quer fazer algo pela sociedade, porque tem responsabilidade social, quer fazer algo diferente, quer deixar um legado. E a gente tem muita dificuldade. Por ser mulher, por ser mãe, por ser... por querer ser professor e por ser negra. A parte de ser negra, diretamente eu não sofri. Mas sofri indiretamente, através do meu pai. Muitas vezes eu entrava num lugar só e ninguém me barrava, mas quando eu ia com meu pai, as pessoas barravam ele, eu passava e ele

ficava preso, o segurança vinha logo perguntar. Então, eu não vou dizer assim, “eu sei na pele!”, mas eu sei no coração, você não gosta de ver uma pessoa que você ama sendo barrado, sendo humilhado, sendo excluído. E, como responsabilidade social que eu acredito que eu tenho, eu acho que é meu dever, minha obrigação, ensinar para criança desde pequenininha: você pode ser o que você quiser e você vai ser, do jeito que você é e não mude para agradar ninguém. Não seja, o que o outro quer que você seja, você vai ser você! Vai doer, vai ser difícil, vai encontrar gente ruim pelo caminho. Pode ser que... o que... que encontre. Vai dizer que, se você tá reclamando é porque é frescura, se você tá chorando é porque é frescura, se você tá brigando por seu direito é porque você [é] barraqueiro. Vai e lute! Eu digo isso desde... pra eles desde pequeninhos; entre eles mesmo, eu falo todos os dias: “você é bonito! você é capaz! você consegue! Não queira ser Frozen. Frozen não existe, Frozen é um personagem. Queria ser você! Queira ser Maria, queira ser João, queira ser José, queira ser Gabriele”. Eu acho que é isso, que a gente tem que passar para os filhos, pros filhos e pros nossos alunos e pras famílias.

Isabela: Passar a realidade...

Cristiana: Isso! Pra’quelas mães que querem alisar o cabelo da filha, porque acha que ela vai ser mais aceita. Não faça isso... Deixa a criança decidir quando crescer. Enquanto a gente não levantar, não virar essa mesa e querer ocupar um lugar que é de direito, vai ser assim a vida inteira. Você mudar seu jeito de ser para ser aceito. Não, não, de jeito nenhum. As escolas particulares, as maiores escolas particulares, eu passei por muitas assim, procurando emprego e meu filho estuda em uma escola particular; não é uma das maiores não, é uma mediana. Mas a inversão que você vê, como que uma cidade onde mais de noventa por cento da população é negra, numa sala de aula dessa, você não acha uma criança negra. Existe alguma coisa errada aí, muito errado e não é de hoje, é de muito tempo. E não vai resolver amanhã, a gente vai ter um caminho árduo pela frente, mas pra isso a gente precisa primeiro dizer: “não!” O que Paulo Freire

dizia, “você é um sujeito de direito, você tem voz”. E é isso que eu falo pro meus... desde pequenininho. “Ah, mas Educação Infantil é só brincadeira”; é na brincadeira que a gente fala, sendo [n]a brincadeira que eles aprendem, se eles aprenderam assim eles vão adiante.

Isabela: Pois é, é muito bom ouvir você falando assim porque é um choque. É muito forte, né? Quando a gente chega na sala de aula, de uma cidade que majoritariamente é negra e a gente encontra somente crianças brancas, e aí como é que vai assimilar essa formação, né?

Cristiana: E o que dói é a sociedade aceitar, achar que está bom, eu sou feliz assim. E... e pode até ser que seja, pode ser que seja. Mas imagino que uma das razões seja o fato de o senso crítico, pensamento crítico, ele não ser trabalhado na escola de forma significativa, ele não é trabalhado na sociedade, as mídias não trazem senso crítico para a gente e não trazem, a gente não tem indicações de livros, a gente não... tanto é que as livrarias estão morrendo. Aqui mesmo no Shopping da Bahia, tem uma livraria pequena, eu fui lá e o rapaz disse que vai fechar. Onde a gente vai, se as pessoas continuaram... não tô dizendo que você ouvir seu *funk*, você ouvir seu forró, você ouvir... tá errado, não tá errado! Você fazer seu churrasco na laje tá errado, não tá! Não tá! Você assistir seu BBB³, tá errado? Não tá. Você tem direito, só que as pessoas, que gostam mais dessas coisas, elas estão alienadas pelo *Facebook*, alienadas pelo *WhatsApp* e isso eu acho que é um projeto para [a] educação dar errada, pra tudo dar errado, pras pessoas continuarem contentas, satisfeitas com isso. E não desejar morar lá na... na mansão Cardeal⁴, sabe? Eu posso! Posso sim, é só estudar. Mas ninguém vai dizer isso, né? Ninguém diz para esse jovem; você pode, você deve, se você quiser, você deve, você consegue passar em qualquer vestibular, é só você querer. Ninguém diz e é isso que tá faltando. E é por isso, que os ricos continuam

³ Sigla para Big Brother Brasil, programa de TV em tempo real que acompanha a vida de um grupo de pessoas convivendo juntas numa casa e disputando um prêmio em dinheiro.

⁴ O Edifício Mansão Morada dos Cardeais é um projeto residencial localizado no bairro nobre da Vitória - Salvador (BA).

ricos e... e a maioria esmagadora é branca. É algo que vem desde a colonização.

Isabela: Eu costumo dizer que a colonização foi o projeto que mais deu certo no mundo, né? Ô coisa para ter funcionado...

Cristiana: Exatamente. Eu não digo que a criança branca tem os pais, têm condições, tudo bem. Mas porque que a criança negra não tem condições? É essa a questão. Foi o que aconteceu com meu pai. O pai negro, não tem direito de querer ser um médico, ele não pode querer ser um médico, o filho do porteiro... como eu disse aí a pouco tempo, né? Ah, porque abriu pro filho do porteiro, é isso, o filho do pedreiro, filho do porteiro, não pode. Então assim... é aí que está, como é que uma sociedade vai mudar, se você não dá as mesmas condições pra todo mundo? Porque que as escolas públicas estão sucateadas? Eu acho que... é proposital. Não quero dar educação de qualidade, para aquela pessoa que eu não quero que sente do meu lado no avião, eu falo... eu não quero assim... né?

Isabela: Hunhum

Cristiana: Pois é. Agora a gente tem que ser rebelde, né?

Isabela: Com certeza, [vai] continuar sendo, né?

Cristiana: Exatamente.

Isabela: E em sua opinião, o que pode ser feito para o trabalho na Educação Infantil ser satisfatório? Em termos gerais, de... políticas públicas e as atitudes mais cotidianas. E o que satisfaz você no trabalho e o que também te deixa triste?

Cristiana: Pronto, é... a primeira coisa é de políticas públicas no cotidiano e também...

Isabela: É, o que você acha que pode ser feito pro seu trabalho na Educação Infantil ser mais satisfatório? Aí, é... em questões de políticas públicas, em questões mais gerais. O que você acha que pode ser feito para seu trabalho ser mais satisfatório.

Cristiana: Aí você fala no contexto de São Francisco do Conde?

Isabela: Isso, no contexto de São Francisco do Conde ou até mesmo no contexto mais geral.

Cristiana: É... primeiro a gente tem que desconstruir, desconstruir aquilo que foi criado pelas grandes mídias, que eu acho que é uma enganação. Vou lhe explicar. O que é desconstruir? Desconstruir aquela figura bonita. O que [é] que é belo para criança? O que é que... você vê mais na mochilinha de uma criança? É aquela coisa do rosa, aquela coisa do...

Isabela: A capa [do] caderno, né? A Barbie.

Cristiana: Isso. É a Barbie. Agora que tá tendo Barbie negra, né? Agora. E caríssima! Eu fico imaginando assim... pra quê, você fazer um negócio e ser caro desse jeito? Não é acessível.

Isabela: É usar... me faz pensar, que é usar estética negra para vender, né? Mas vender para quem? Porque as crianças negras e pobres do interior não vão poder comprar. Que crianças negras, vão poder comprar essas bonecas? Esses materiais?

Cristiana: É isso, vender pra quem? E digo mais, eu acho isso está mais propaganda, para dizer que está fazendo alguma coisa. Por que até a fabricação dessas bonecas, ela... se a outra fabrica cem, ela fabrica uma. Você pode ver. Aí eu quando eu falo do câncer na sociedade... que eu te falei que tem que ser curado. Se você coloca uma fileira de bonecas, a criança vai escolher a boneca branca, muitas crianças vão, pois é isso que as grandes mídias oferecem como bonito. Então assim, a gente precisa desconstruir esse negócio do belo pelos olhos dos outros. Essas princesas da Disney... eu não tô mandando eliminar, não. Não tô sugerindo que elimine, eu não sou a favor de eliminar nada. Mas precisa abrir espaço pra... pra outras histórias. Para histórias que tem mais a ver com a gente. Essa princesa aí... ela pode ser adequada lá pra Rússia, lá pra Alemanha. E quando ela foi criada, ela não foi criada pro Brasil, ela foi criada pro mundo. Então em cada sociedade precisa ter a sua identidade. Qual é a minha identidade? Minha identidade é essa. Quais são as referências que a

gente quer? Que a gente precisa ter? Pra gente... pra gente fortalecer a nossa identidade? Então assim na hora que você abre a Globo, não passo [sic] nem falar em canal, né? Um canal desses aí, O que [é] que aparece para [a] gente? Então assim, não é pra eliminar, porque a gente precisa ter acesso a tudo. Só que a gente precisa ter prioridade, né? Qual é a prioridade? É nossa, é nós! Então, eu vou oferecer pra aquela criança algo que seja construtivo pra ela e que reforce a identidade dela, que ela se sinta va-lo-ri-za-da. Porque se ela acha que a boneca branca é bonita, ela vai olhar pra ela e vai dizer, “mas eu não sou bonita, eu não sou igual aquilo, eu quero ser igual aquilo ali pra eu ser bonita, para ser valorizada, e eu tenho vergonha do meu cabelo, porque meu cabelo não é liso, eu tenho vergonha porque a Chiquitita é... é daquele jeito, mas eu não sou. Eu quero... mãe alisa meu cabelo, mãe compra isso, compra aquilo, eu quero que meu cabelo fique assim, ó”. Então a gente na educação infantil, é que já começa essa... essa... essa questão do reforço da auto estima, do eu, aí depois vem o outro, minha família, aí depois abre. Aí sim, quando você tiver com sua identidade valorizada, aí abre para as outras. Então assim, eu trabalho muito histórias africanas, porque a nossa origem maior é africana. Eu acho que não tem nenhum brasileiro, nenhum, que não tenha nada, nem um traço africano. Nem aquele mais azul, rosa, transparente... não tem. Eu acho que todos tem. Eu acho que é, eu acho que, a origem africana é uma das únicas aqui no Brasil, que todos os brasileiros têm traços. Então assim, eu trago muito a culinária, é... brincadeira, dança, oficina de brinquedo. Aí depois, a gente vem com histórias. Histórias que trazem as origens, né? Da base africana, aí a gente contextualiza com lugar, pescadores, marisqueiras, motoboy que tem demais aí em São Francisco, né? Então, assim... eu tento o máximo possível, trazer algo concreto de fortalecimento da identidade, de empoderamento, empoderamento enquanto criança negra de São Francisco do Conde, criança menina, criança menino e criança. Ah, porque tem que usar rosa. Não! Você vai usar o que você quiser, você vai escolher a cor que você quiser.

Tem esse negócio de cor de pele, não! Lá na minha sala, não usa isso, não usa isso. Esse negócio de cor de pele. Ah... aquele mais cor de pele, não! Porque existem. Tantas cores de pele que se você for pegar uma aquarela de cor de pele, vai ter lápis que não acaba mais, não é?

Isabela: E aí, na caixinha vem aquele lápis cor-de-rosa... cor de presunto, né? E fala que é coisa de pele.

Cristiana: É, cor clara rosada. Eu não sou daquela cor. Então, assim... a gente trabalha muito, essa questão de empoderamento da identidade da criança e da autoestima, da cultura, do local da cultura da criança, do que a criança traz de casa. Às vezes traz um negócio assim... meio... do paredão e tal, a gente contextualiza tudo, dentro do que dá. De políticas públicas, o que eu preciso? É de que? Escolas estruturadas, o que precisa? De incentivo à família, ter parceria com a escola, que a gente sente muita falta disso lá. Eu fico muito triste, porque muitas... muitas mães, a grande maioria, não me pergunta como tá a criança na escola, não me pergunta como foi o dia, ou algumas perguntam, algumas não tem interesse de saber o que a criança está fazendo na escola. Então eu sinto falta disso e eu acho que isso não é culpa da família. É culpa de um todo, de um contexto que dá para ser mudado. É só querer, mas agora eu imagino que o poder público, não tem interesse, porque na hora que essa família se empoderar e perceber que é um sujeito de direito, ele [para] para cobrar e o governo não quer ser cobrado. Então, é isso. Eu esqueci a outra pergunta.

Isabela: O que te deixa feliz no trabalho e o que te deixa triste?

Cristiana: O que me deixa triste? O que me deixa triste, primeiro eu já emendo com a coisa da família. O que me deixa triste é... eu vou pontuar aqui, o que eu acho mais relevante, que é a desvalorização da educação infantil. Nós da educação infantil, aí eu digo como um todo: aluno, criança, família, professor, escola, nós somos sempre os últimos a ser enxergados e a gente precisa desconstruir esse negócio de que Educação Infantil é um depósito de criança, é um

negócio assistencialista, que o pai precisa de um lugar pra deixar a criança pra ir trabalhar. Não é apenas isso. Existe o cuidado, existe aquela questão da criança ficar... tem pai que precisa, mas Educação Infantil é educação! É pedagógico. Está atrelado ao cuidar; porque as crianças são dependentes ainda, eles precisam muito de cuidados e aí, a gente faz isso pedagogicamente. Mas assim... a desvalorização, a descrença, sabe? Que o professor de educação infantil, não sabe fazer as coisas, não tá lá, é um babá, é uma babá. Então, eu acho que o que me deixa mais triste é isso, é o descaso do poder público, que eu acho que, essa questão da família dá... é mais fácil de resolver; é só ter conversa, é só chamar, é só trazer algo interessante. Mas, eu acho que não é de interesse do poder público não e isso deixa muito triste, demais. E a falta de identidade na educação infantil, por conta disso tudo que eu falei, não tem assim... uma identidade como uma educação. Apesar dos documentos trazerem, né? As leis fazerem, que a primeira etapa da Educação Básica... tá claro lá, mas a gente não é tratado assim. Porque parece que a criança só tá na escola depois que vai pro primeiro ano. Antes disso, tá na creche, tá brincando, tá correndo, tá riscando. E aí, eu gostaria que a educação infantil, fosse mais enxergada de certa forma. Mas isso não tira a vontade de estar lá; deixa a gente com mais vontade, né? E o que me deixa feliz é estar na educação infantil. Olha que coisa louca. É estar lá, apesar de todas as dificuldades é algo encantador, a pureza e inocência das crianças, que ainda não estão com aquelas coisas que... aqueles preconceitos que... a gente tem, nós adultos com aquelas... elas deixam lugar esperançoso, deixa o lugar leve. Dá trabalho? Dá! Dá, nossa, tem dia que eu saio da escola... só Jesus. Mas é um cansaço gostoso, que deixa o corpo todo doendo, mas você tá satisfeita.

Isabela: Eles saem sem nem uma dorzinha. Eles correm, a gente cansa.

Cristiana: Eles correm e a gente cansa e o mais engraçado não é nada, aquele que mais lhe dá trabalho... no dia que falta, parece que tem um vácuo no lugar, faz muita falta. E... a educação infantil, é... eu sou muito suspeita pra falar, porque eu descobri que a educação

infantil... esse seu lado encantador, ainda na faculdade, né? Eu não sei se eu já falei, mas eu já tava encantada e não sabia. Todo final de semestre a gente joga... separa as coisas, que junta muito papel, né? Muita xerox, muita coisa e tira uma parte, doa o que dá para doar, outros a gente joga fora e vai guardando aqueles que a gente imagina que vai usar no futuro, que vai precisar pra alguma consulta. Quando eu tava para terminar, que eu fui, aí tava aquele... mesmo assim mesmo jogando uma parte fora, guardando só um pouquinho de cada semestre, tem muita coisa. Eu vou precisar fazer mais uma para fazer essa faxina. Quando fui fazer essa faxina, só tinha coisas da educação infantil. Aí, eu fico... o que é? Eu fiz tantas matérias e só tem coisas aqui de educação infantil? Aí eu parei pra pensar... rapaz! É algo involuntário. E aí, foi quando eu me descobri. Eu digo “é, não tem jeito não”. Se eu não for... é, eu posso até seguir outro caminho; porque a gente vive numa sociedade capitalista, a gente precisa de dinheiro pra sobreviver. Mas não vou tá feliz. Teve um concurso de... para coordenação aqui do IFBA e teve o do estado. Porque? Meu marido, “faz é bom, por que se você passar vai trabalhar aqui perto de casa e tal, é ruim você tá indo e vindo todos os dias, que é cansativo, esse ir e vir todo dia”. Acordar quatro da manhã, né? E aí, eu “tá!”, mas sem querer dizer que eu não tenho papo pra coordenação, não dá, eu não consigo. E aí, acabou que eu perdi o prazo, não fiz o do estado, o outro não passei. Mas ainda com o sofrimento, eu só saio de São Francisco do Conde, se for pra outra Educação Infantil ou então seja alguma coisa assim... de força maior que aí, coloca em risco outras coisas que seja muito relevante. Mas fora isso... o que me deixa feliz é estar na educação infantil, agora você vai me dizer: O que? Eu não sei lhe dizer. Eu só sinto. É você olhar, pra aquela carinha ali de manhã, “pró! Ó pró, deixa eu pentear seu cabelo?” E eu deixo. Eles bagunça[m] tudo, as meninas falam... “como é que você deixa?”. É olhar e dizer assim, “pró, eu te amo”, é fazer uma flor, é... olha, é tão gratificante. Tem muito perrengue, tem muita coisa que, sabe, dá vontade de desistir, não por causa das

crianças, mas por causa das outras coisas. Mas se eu desistir... não vou desistir disso. Então eu aguento.

Isabela: O sistema, né? Ele acaba impulsionando a gente à desistência. Se... se não querem estudantes, não querem crianças pretas empoderadas; eles não querem professoras que empoderem. Então... a intenção é: “e vou fazer de tudo pra poder afastar essas professoras.”

Cristiana: Nossa... a gente é julgado.

Isabela: Não dá... não dá condições de ensino, não dá condição estrutural, não dá condições psíquicas, é um projeto que... nossa, que projeto é esse?

Cristiana: A sala de aula, quando eu fecho a minha porta ali, eu deixo a porta fechada porque eu tenho muito fujão, sabe? E o portão da escola fica muito tempo aberto. E aí, a minha sala ali, é o meu mundo. Dá trabalho? Eu não tô dizendo que não dá. Criança dá trabalho. Muitas vezes, eu tenho que pedir, “menino, para de bater em seu coleguinha, não pode”. Você sabe; aquelas coisas que a gente faz sempre, né? “A mãozinha da gente é pra fazer carinho, não é pra bater, o coleguinha vai sentir dor, imagina se for você, você gosta?” Então assim... uso muito aquela do Cravo e a Rosa para explicar, “por que que você acha que o cravo ficou triste?”

Isabela: Eles não vão entender como punição, né? Mas eles vão entender que tá sendo... que tá daquele jeito porque eles fizeram alguma coisa que não...

Cristina: É, porque ele quer correr, né? Não vai correr agora. Porque assim... toda ação tem uma reação e toda ação tem uma consequência e qual foi a consequência de você bater? De você tomar o brinquedo? Aí teve um que olhou pra mim e disse, “pró, eu tô de castigo?” Aí eu falei... Aí uma vez o outro disse, “pró, você vai me bater?”. “Não, eu não vou te bater, a pró jamais vai lhe bater...”. “Ah, é porque minha mãe me bate”. Aí eu, “olha, eu não posso dizer pra sua mãe não lhe bater, mas eu vou pedir pra sua [mãe] conversar com você. Aí depois,

no final eu converso com ela". E essa mesma criança, não, a mesma não, aí já é outra criança.

Outra questão, a questão de gênero, é difícil demais você ser mulher desde pequena, é difícil demais. É... eu tinha uma aluna em dois mil e dezoito. Ela brincando de carrinho, se acabando de brincar de carrinho. Aí no outro dia de manhã, a mãe chegou e disse, "pró, quero conversar com a senhora". "Pois não". Deixei a sala lá com a menina, com o apoio e saí pra conversar. E ela, "oh, é porque Luana me falou que a senhora disse pra ela, que menina pode brincar de carro". E eu escutando. "Deixa eu dizer para senhora, que Luana tem as bonecas dela, tem bonecas de não sei quantos reais e que não sei o que. E os brinquedos do irmão é separado, ele não brinca com as bonecas dela e ela não brinca com os carrinhos dele. Porque menina brinca com boneca e menino brinca com carro". Aí eu disse, "mãezinha... deixa eu explicar uma coisa pra senhora. Aliás, vou te fazer uma pergunta: quando Luana crescer e for assim... uma médica, doutora, professora, ser o que ela quiser, dona... empresária ou não. É ela que vai decidir, e quiser comprar um carro, ela vai dirigir não vai?". "Claro, oxel!". "Então, porque ela não pode brincar de carro agora? Quando ela for adulta, vai ser bom ela com o carro dela". "Ah, mas...". "E seu filho? Sei filho não é meu aluno". "Ah, mas ele não tá na escola ainda". "Tá, beleza, quem sabe ele não vai ser meu aluno, né?"; mas eu já sabia que ela era casada, tem o pai das crianças... porque esse é mais um problema que a gente encontra, né? Da estrutura das famílias, né? Essa questão [de] que os pais não são presentes e tal. E aí eu digo, "ele... ele ajuda a senhora [a] trocar fralda? Ajuda a senhora fazer mamadeira ou não?". "Oxe, ele ajuda, ele gosta, ele ajuda, se ele pudesse dar de mamar... é porque ele não tem peito e não dá". Eu disse... "e se, seu filho quando crescer, quiser ter uma família, quiser ter filho, ele não vai poder fazer isso?". "Não! Ele vai ter que fazer se ele tiver filho". "Então... qual o problema dele brincar com boneca?" Brincar com boneca ou brincar com carrinho, não vai determinar

a escolha de ninguém, não vai determinar. Meu filho brinca com boneca, deixa eu pegar aqui pra você ver. Essa é a Amora”.

Isabela: Ai que linda! Eu sou suspeita né? Porque eu amo boneca, que bonita. E ela é de pano, né?

Cristina: É do meu filho, de pano, é a Amora. E eu comprei Amora, pra ele levar pra creche, ainda era creche, aí levei um brinquedo, levei um carrinho e foi um dia só, já destruiu. Daí eu disse, “eles quebraram”. E aí, às vezes eu levo assim... um carrinho e meu filho... aí ele, “cadê mãe, aquele carrinho que a senhora levou?” Aí eu digo: “E... Paulo, já tá sem roda”. É porque eles estão investigando, eles gostam de explorar, quer saber como é, E aí eles... aí eu digo: vou levar essa boneca. Aí ele, “não, não leve não, mãe, ela é linda”. “Mas é por isso mesmo que eu vou levar ela”. “Mas eles vão rasgar ela”. Aí eu digo, “provavelmente. Porque criança pequena tá nessa fase de explorar, né? De pegar, de puxar”. Aí ele pediu tanto, “não, não leva não, o nome dela vai ser Amora”. “Tá, tá bom, então eu compro outra pra levar pra escola e você vai ficar [com] essa. E aí, eu falei para ela que o meu filho tem boneca e isso não vai determinar se no futuro... o que ele vai querer pra vida dele. Não é determinante, gente. A gente precisa entender isso. Aí ela pensou, “é...”. E eu sei que desse dia pra cá, ela liberou os brinquedos e deixaram eles brincarem juntos, e o importante é eles brincarem juntos. É muito importante a criança fazer aquele jogo de imaginação, brincar de casinha, brincar de médico, brincar. Porque ele tá assim... se empoderando de... de personagens, de personagens não, de coisas reais. Ele tá buscando a identidade dele, então ele vai experimentando tudo. Se você limita, as próprias crianças assim... as meninas brincam, elas faz a panelinha delas sozinhas. Imagine só, aí chega um menino e “sai daqui que aqui é só de menina”. Aí eu chego lá, “como é que é?”. Então assim... você tem que tá mediando porque isso tá na sociedade, está na sociedade, está na casa dessas crianças. Então você vai mediando tanto as crianças como as família, porque isso que tá acontecendo, do racismo estrutural, dessa questão da mulher, da...

do... da xenofobia, da homofobia, tá tudo dentro da nossa sociedade, da nossa casa. Então assim... você como professor, você tá vendo o comportamento que tá reforçando isso, fica reforçando o racismo, que está reforçando... a criança não sabe o que é racismo, a criança não sabe o que é xenofobia, a criança tem um coleguinha chinesinho lá, ela vai dizer, ela não sabe [o] que é xenofobia, ela não sabe o que é machismo, quando você diz assim: "Não! Menina não brinca de bola, não, a gente vai brincar só com os meninos". Eles não sabem, não tem noção disso. E o costume do cachimbo deixa a boca torta. Então, eles vão crescendo desse jeito e aí que tá nosso papel.

Isabela: Às vezes eles vivem da repetição, né? Ele vai ver o comportamento em casa, na rua com os colegas, e vai ser isso que eles vão interpretar, e a forma como eles vão agir, se de fato, não tivesse essa mediação de fazer eles enxergarem de outras formas, essas mesmas questões, vai continuar sendo da mesma forma. E isso que você falou, é muito importante mesmo, não é só a gente trabalhar com a criança na escola, né? Por exemplo, a gente vai falar disso na escola, um comportamento que eles não vivem em casa, mas, ele vai chegar em casa e vai ver tudo do mesmo jeito. Isso vai criar na verdade uma confusão na mente da... o que é que tá certo? O que minha mãe faz [ou] o que a professora diz? E aí que vem também o papel da escola, né? Porque a escola, não é só a estrutura da escola. Por isso a importância da escola, se expandir pra comunidade, para o diálogo com as famílias, então a família, tem que tá em constante diálogo com a escola para poder construir juntas, né? Esse processo de aprendizado da criança.

Cristiana: Isso, exatamente. Então assim... eu gosto muito de estar conversando com os pais. Acho que, a gente poderia fazer mais eventos como os pais, chamar palestrantes, mas, isso dá muito trabalho. Por isso que não é feito com frequência, dá muito trabalho. E se fosse feito com eficácia teria um resultado que os grandes empresários e os governos não querem. Ele quer que o meu pai se contente em ser apenas pedreiro, ele quer que a mulher se contenta em ficar em casa

e no máximo vender bolo. Ninguém quer ter uma mulher na] liderança, ninguém quer... eu falo, ninguém assim... como sociedade. Uma mulher ocupando o cargo máximo no Brasil, olha o quê que fizeram. É inaceitável na nossa sociedade. E isso... assim... isso é resultado de uma sociedade que... está sendo condicionada desde a colonização a ser assim. Então a gente precisa ser rebelde, a gente precisa dizer pras pessoas, “não, gente! Tá errado, não aceite”. Ah, mas o povo aceita porque ganha um benefício, não quer perder o benefício, eu também não ia querer perder se eu recebesse esse benefício. Aí que entra a empatia, eu não vou julgar aquela mãe, aquele pai que não bota a boca no trombone com medo de perder o benefício, eu não vou julgar. Eu vou dizer pra ela, que ela pode fazer sem perder; porque às vezes as mentiras, as histórias fakes, são inventadas pra manter aquela pessoa naquele funcionamento. Ninguém vai perder o benefício por que foi lá dizer assim: “Ei, a escola do meu filho não tem material pra ele estudar”, “ei, a escola do meu filho não tem merenda”. O pai e a mãe não vai [sic] perder o benefício por causa disso, mas é isso que eles escutam. Aí entra o medo, o medo o move, o medo faz as pessoas ficarem aceitando tudo caladas.

Isabela: E você enxerga a relação entre o trabalho que você desenvolve na sala de aula e o que você aprendeu na universidade?

Cristiana: Na universidade, a gente tratou muito do assunto, mas adentrar, eu digo assim... eu vou fazer uma metáfora, se você não entender, você me pergunta. É como se a faculdade, me mostrasse uma casa e eu analisei por fora, eu analisei a janela por fora, eu analisei um jardim, um jardinzinho assim... precisando de cuidado, analisei o fundo da casa, achei um lugar muito bonito, depois achei outros horrível [sic], mas na minha prática eu entrei dentro da casa. E foi lá que eu vi que teoria... a gente precisa da teoria. Mas o que nos ensina [a] ser humano, rebelde... eu fiquei muito rebelde depois que eu entrei nessa casa. O que eu senti mais na pele, eu senti mais as dores, eu senti mais as dificuldades, eu entrei num espaço que eu nunca tinha entrado e eu vi dores que eu nunca tinha visto. A

prática, ela é muito difícil, ela é muito difícil porque as pessoas que estão dentro dessa casa, elas são exploradas e elas se deixam ser, elas se permitem e você dizer pra elas, “não deixe! Não permita!” Muitas vezes, você pode ouvir: “pega essa louca e tira ela daqui. Não deixem essa louca entrar dentro dessa casa, porque ela tá falando besteira e a gente vai perder esse cômodo”. Não sei se deu pra entender, se eu conseguir me expressar. Então assim...

Isabela: Eu já vi várias metáforas, sabe? Sobre diversos assuntos, mas essa aí, realmente...

Cristiana: Eu tô inventando agora.

Isabela: Nossa.

Cristiana: É porque... então assim, na faculdade a gente debateu muito, muito sobre o assunto, mas debateu sobre artigos, sobre leitura de livro[s], vídeos, filmes. Tem um filme que me impactou demais, o que mais me impactou não foi “Escritores da Liberdade”⁵, não foi “Olhos de Lorenzo”⁶, não foi “Como Estrelas na Terra”⁷ que me impactou, eu acho que todo mundo que faz pedagogia vê esses filmes. O que mais me impactou foi... como é o nome? É nome de uma pedra... preciosa. Preciosa⁸! Não sei se você conhece. E a história de Preciosa não tem um desfecho, como se ali fosse normalizado; Preciosa não dá uma volta por cima. Acaba o filme e Preciosa fica na mesma. E aí você fica, “meu deus! Eu quero saber onde está a Preciosa”. Só que aí a gente começa a perceber que, quando a gente vai pra prática, as Preciosas, elas estão do nosso lado, que você pode ser uma preciosa. Então assim... na prática, a prática é mais cruel que a teoria. E na faculdade não tem como você praticar, os estágios que a gente faz, não dá pra você... pra você fazer nada. Até porque, quando eu tava fazendo estágio, eu me sentia muito invasora, parecia que eu tava

⁵ ESCRITORES da liberdade. Direção e roteiro de Richard LaGravenese. Distribuidora Paramount Pictures, 2007, DVD, 163min.

⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=0L1robSPwo>

⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=0L1robSPwo>

⁸ [https://pt.wikipedia.org/wiki/Precious_\(filme\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Precious_(filme))

incomodando, tanto é que agora, quando eu recebo estagiários, eu faço de tudo pra pessoa não se sentir desse jeito, sabe? Porque eu já estive nesse lugar de estagiário, então assim... você chega muito... com medo, acanhado. Então eu procuro deixar a pessoa mais à vontade possível, porque se você não tiver vontade, você não aprende, sabe? Quando eu fiz estágio de coordenação, que era o estágio quatro, talvez... o carma com coordenação começou aí. Então eu fui pra escola que eu não podia entrar na sala da proposta, eu ficava do lado de fora com a colega, em pé, no corredor a semana inteira. Malmente vi um pedacinho da CEI. Aprendi o quê? Fui pesquisar livros pra poder fazer meu relatório. Então é isso. Pra mim, na faculdade eu aprendi muita coisa, mas é a prática que lhe dá, é na prática que você sente, que aquilo que você viu na faculdade acontece. Que as coisas que a gente vê na faculdade... a gente pensa: “meu Deus, não é assim”. Aí você vai lá e vê que é pior.

Isabela: É verdade, eu fico assim... gente, se já é assim só na teoria, imagina na prática, né? Eu fiquei... nossa, metáfora perfeita, é exatamente isso, né? Quando a gente está estudando sobre a escola, a gente não tá vendo o que a escola, é só um apanhado sobre, né? A gente vai saber o que é a escola, quando a gente tiver lá. O estágio também não vai dar essa percepção total sobre o que de fato é escola. Então... nossa! E as Preciosas né? Realmente é muito... é muito confortante a gente assistir um filme com final feliz, né? Mas esse filme aí não tem um final feliz porque... porque ele não finaliza, ele não tem um final, ele tem uma continuidade, é a vida dela, é real, é uma menina preta que foi estuprada pelo pai, que tem filho do pai, sabe? Que deixa de estudar, que fica doente e a gente não tem um desfecho feliz; porque a realidade não é desse jeito, a realidade não é desenhada como um conto de fadas, né? A professora não vai lá... tipo... a professora não vai lá, fazer uma revolução na sala de aula nem na vida dos alunos. Uma professora branca chega e ela vai lá revolucionar a vida dos estudantes pretos dos estudantes latino-americanos e vai... Pode até fazer por um tempo, mas não segura por

muito tempo. Precisaria de muitas professoras que fizessem tudo isso juntas, que é pra virar um padrão.

Isabela: Isso, e não só em uma escola, né? Não é só o papel da escola, né? É o sistema, e a escola é o sistema, então o sistema precisa mudar.

Cristiana: Então assim, essa professora lá do “Escritores da Liberdade” é um ponto fora da curva. A gente precisa mudar a curva, eu não quero ser ponto fora da curva, eu quero mudar a curva. E a gente precisa dizer pra nossas crianças: “você vão mudar a curva, vocês podem, não aceite ser só porteiro; você vai ser porteiro, você vai ser pedreiro se você quiser, você quer ser? Seja! Mas ninguém vai condicionar isso a você, ninguém pode, ninguém deve, ninguém tem esse direito”. Certa vez o meu filho mais velho, olhou para mim, falou: “mãe eu já sei o que, eu quero ser. Eu quero ser vendedor de pastel de queijo na feira”. Eu achei engraçado, achei bonitinho. Depois eu disse: “se te fazer feliz vai ser, se você quer vender pastel de queijo na feira, venda!! A gente vai dar condição pra você escolher ser o que você quiser”. É isso que precisa, as pessoas precisam dar condições... de dar condições pra pessoa escolher o que ela quiser. Porque muita gente não consegue, eu não consegui, quer dizer... eu fui um ponto fora da curva, mas meus irmãos não conseguiram. Porque... por que o quê? Porque esse racismo estrutural, meu pai aceitou, meu pai se convenceu e até hoje quando a gente vai no restaurante, ele para na porta e diz: “rapaz, eles vão achar ruim”. “Vão achar ruim, não! Você tá pagando, entre! O senhor vai comer, o senhor tá pagando, o senhor tem direito”. Então assim, até hoje ele tem... ele tem essa vergonha de entrar nos lugares. E isso tá... isso não tá só em meu pai, isso tá em muita gente. Quando a gente entra na faculdade, a gente se empodera, mas você pode fazer uma pesquisa. Pode fazer uma pesquisa, as pessoas não se sentem no direito, não se sentem à vontade, acham que aquele lugar não pertence a ela. Que servir... e acha que nunca vai poder ser servida. Errado, gente! Então assim... é na educação que a gente vai começar, e não é só educação dentro da escola, é educação na comunidade. Então assim, se você quer ser

[empregada] doméstica, você quer ser polícia, o que você quiser, você tem que ser feliz, não alguém dizer assim: “não, você...”. Não é que diga, mas é porque assim... é o que está posto, é como se aquela pessoa que, tá naquela família, que mora naquele lugar, que é daquela cor, que é aquele gênero, já tivesse assim... marcado a figurinha. “Você não vai passar daqui”; e o sistema é assim, as escolas são assim, os governos nos condicionam a isso. Agora a gente precisa ser rebelde, só que as pessoas não são rebeldes, por que tem aquela questão do medo, o medo de perder o emprego, o medo de perder o benefício, medo de morrer. Porque as pessoas pretas e pobres, estão sendo assassinadas todos os dias e ninguém liga, e ninguém liga. O caso do rapaz lá dos Estados Unidos... é, como é, que morreu asfixiado pelo policial⁹. Só teve um desfecho, porque o povo foi pra rua, três dias. Vamos fazer isso aqui também? Só que hoje não vai, não vou conseguir dizer isso, as pessoas não vão se convencer. Então assim, meu papel como professora, o seu papel como professora é dizer pra seu aluno: “não aceite! Não aceite ser tratado desse jeito, você não merece isso”.

Isabela: Tava aqui, tentando achar o cursor do mouse, travou o *notebook*. Você tá me ouvindo?

Cristiana: Eu tô, tô te ouvindo muito bem.

Isabela: Você se considera uma mulher negra?

Cristiana: Eu sou uma mulher parda. Porque? Eu não posso dizer que eu sou negra, porque vão me dizer assim, “você não é”. Porque eu tenho... eu puxei a pele clara da minha mãe, mas assim, esse negócio de pardo... eu acho... que não sei de onde veio. Eu precisaria estudar mais, né? Mas assim, dentro dos critérios legais e que a sociedade coloca, eu sou parda. Mas dentro de mim, eu, no meu pertencimento, na minha aceitação, eu sou negra.

Isabela: A realidade que você viveu, foi de uma criança negra.

⁹ Acreditamos que aqui é uma referência ao caso do estadunidense George Floyd, que foi assassinado em 25 de maio de 2020 por asfixia por um policial que o algemou numa via pública na cidade de Minneapolis no estado de Minnesota nos Estados Unidos.

Cristiana: Isso!

Isabela: Ninguém vai discutir isso, quando você apresentar um documento que vai dizer que você é parda ou que você seja... não existe isso, a sua história, as suas experiências são experiências vividas de uma menina negra, de um pai que sofreu racismo, de um pai que não teve as oportunidades de trabalho, que não teve oportunidade de estudar e que provavelmente, pra um homem branco seria um pouco mais fácil. E pra você existe diferença entre ser mulher negra e ser mulher branca? Existe diferença entre ser professora negra e professora branca?

Cristiana: Existe. Existe. Existe e a gente vê, isso... isso tá escancarado, isso tá escancarado. Ser mulher negra e ser mulher branca, as oportunidades, os cargos mais altos entre as mulheres sempre vão para as mulheres brancas. Tem uma pessoa... eu me lembro quem é agora, que fizeram a primeira seleção por currículo, o dela era na frente é o melhor. Aí selecionaram alguns, quando foi presencial ela não foi escolhida, né? Precisa dizer mais o que? Quer dizer... competência agora tem cor? É... na escola, na escola, na escola que eu trabalho, tinha uma sala do meu lado, que a apoio dela é branca, branca, branca, cabelo liso, olhos claros e a professora é negra. As mães, imagino que para elas que a professora... tendo duas pessoas ali, mas a professora regente, não vai imaginar logo de cara que é a negra e muitas vezes, muitas vezes, ouvi: "pró, e aquele dever...". E a menina, "olha, eu sou o apoio, mas a pró que faz essas coisas do plantão pedagógico é ela. A pró da sala é ela". Então assim, no início do ano, ela tinha sempre isso, e a gente via, sabe? Então... é uma coisa que, as pessoas fazem sem perceber, que é um racismo que... é aquela questão que eu falei, que a gente precisa mostrar pras crianças... desconstruir aquela questão do belo, aquela questão do mais importante, do mais bonito, a gente precisa trazer pra gente referência que nos empoderem. E aí que, a gente entra de sola, pra não acontecer essas coisas, para não acontecer essas coisas e você achar que a professora regente é a branca, pode ser? Pode ser. Mas

por que que não a negra? E quando você vê que a professora regente é a outra, você fica sem graça. Pensando... olha o que foi que eu fiz? Não podia tomar de exemplo e dizer... não, não vou mais fazer isso, né? Ah, qual é a professora? É aquela rasta. Não! Não chame ninguém de... ah, aquela do cabelo assim, aquela do cabelo assado, é fulana de tal, todo mundo tem nome. Não sabe falar? Chame pelo nome, ah não o sabe o nome? Aquela que tava com a blusa rosa, aquela que tava com a calça assim, assim. Mas não faça isso, não diferencia as pessoas por traços. Isso mostra um racismo que tá interno. Então assim... tem diferença sim, isso me incomoda e isso é algo que não vai resolver hoje. Isso aí, a gente sabe que a sociedade da gente de uns anos para cá, parece que estava dando avanço e agora parece que retrocedeu, retrocedeu e muito. Então assim... vai ser uma batalha árdua, eu tenho esperança ainda, mas isso precisa ser desconstruído, minha gente. Em que mundo a gente tá? Em dois mil e vinte e um, isso não acontece, eu não vou...

Isabela: E na época que você estudava, no ensino médio. Você já estudou sobre a história de vida das mulheres negras no Brasil? Sobre a população negra? Movimento negro no Brasil?

Cristiana: Na escola nunca ouvi isso, na escola teve escravidão, na escola teve descobrimento, que eu engoli muito isso, mas depois, eu tenho minha opinião formada sobre essa questão do descobrimento, que pra mim, isso não foi descobrimento, isso foi uma invasão. Porque você não descobre algo que já tem gente e se já tem gente lá, é porque alguém chegou primeiro. Como é que eu chego... você tá lá, e eu digo, “ei, eu descobri isso...”. Não, se você já tava lá, você chegou primeiro, Então, para mim quem descobriu o Brasil foi o indígena, o dono da terra é quem tá lá. Já tinha gente aqui que tinha política, que tinha a forma deles, de hierarquia, modo de vida, cultura, tinha toda uma estrutura de uma sociedade indígena. Então... que [é] que fazia, que usava a terra, que plantava, que vivia na terra, então assim... chegar dizer assim, eu descobri? A escravização brasileira foi algo terrível e na escola na minha época de estudante, muitas

coisas foram ensinadas de forma maquiada. A escravidão foi para o Brasil algo vergonhoso e que teremos que resolver, temos uma dívida muito grande com o povo africano. Foram trazidos à força, arrancados de suas famílias e trazidos para cá. Construíram o país no braço sem receber nada em Troca além de dor e sofrimento. O Brasil tem muito trabalho pela frente para reparar isso.

Isabela: E para você existe de fato racismo no Brasil?

Cristiana: Existe, existe e eu vou lhe dizer mais. Eu não sou perfeita e você assumir seus erros, eu acho que é o primeiro passo para você construir algo melhor. Por muitas vezes, eu... eu falei expressões que foram aprendidas a minha vida inteira, e que eu não sabia que eram expressões racistas. E só depois pude perceber. Por isso que o ato de ler liberta de atitudes agressivas e ofensivas. A leitura deve ser algo inserido na vida das pessoas o quanto mais cedo possível.

Isabela: Então você acha que talvez, você tenha passado por alguma situação, que você agora pode considerar como uma ação racista? Tipo você já sentiu ou sofreu algum tipo de preconceito racial? Mesmo que na hora você não tivesse percebido? Mas depois você pensou... ai, acho que...

Cristiana: Olha a questão assim... que eu sempre tive meu cabelo crespo né? Mas sempre colocavam, "Ah, cabelo de fogo, cabelo, cabelo disso, cabelo daquilo. *Bullying* na escola, mas eu não tinha noção que isso era racismo e até hoje, tipo... apelido de criança, né? Ah, "amarelo sem sangue", "sangue...", "macarrão sem tempero", tudo que tinha... que eram coisas que me machucavam. Eu também às vezes falava assim, "ah, hoje é dia de branco". Então, são expressões que sempre ouvi e que você fala, mas você não sabe a origem, você não sabe de onde vem. Então, quando você passa a pesquisar, a estudar, a ler, você começa a perceber que tem coisa que você precisa tirar da sua vida. E a gente aprende todos os dias, eu não vou dizer que eu nunca vou falar uma situação dessa, que eu posso falar sem saber qual é a origem. Mas o que eu quero dizer? Eu quero dizer o

seguinte, que a gente precisa assumir os erros e quando você fizer, no caso... quando fizer, você ter a humildade de dizer, me perdoe, eu não sabia, não vou fazer mais isso. Porque parte da questão do respeito, de você respeitar e valorizar o outro. Tá faltando muito na sociedade. E aí quando eu era criança e que eu recebia esses apelidos, eu ficava muito machucada, mas acho que não é nem de perto, ou nem de longe, o nível de preconceito e de racismo que as crianças negras. Eu não posso dizer isso, que eu sofri não foi um racismo que foi, né? Porque eu não tive oportunidade porque meu pai não teve. Mas eu jamais vou tentar comparar com o que meu pai sofre, porque eu nunca fui, apesar do meu cabelinho crespo, eu nunca fui barrada na porta de uma loja, eu nunca fiquei observada quando entro no ônibus, ninguém nunca botou a bolsa para frente quando eu chegava, pelo menos eu nunca vi, e eu vi fazendo isso com meu pai. Senti, mas não foi diretamente, então assim... eu não posso dizer que eu senti. Não dá para comparar

Isabela: E na sua turma existem crianças negras? Existem meninas negras? Como você as vê?

Cristiana: Existem, nossa... na minha turma são quase todas. Como eu as vejo? Você fala assim... a forma como eu as vejo ou a forma que elas se vêm? Como eu percebo, ou como eu as vejo como criança?

Isabela: A forma como você enxerga elas sendo crianças, a partir do seu olhar, do olhar delas.

Cristiana: Olha, a partir do meu olhar são crianças, são crianças que, ainda não entendem o mundo como a gente, ainda não tem noção da maldade humana, ainda tem aquela pureza da inocência, de ser criança. São crianças carentes, são crianças que às vezes, algumas são desassistidas até pela própria família e isso é o que dói muito. Eu queria poder fazer mais, às vezes eu sinto raiva do sistema, sabe? Que não protege, que não assiste. Quando eu vou na escola do meu filho que eu vejo a diferença, é algo inaceitável. Inaceitável. Como é que pode? Como é que pode? A nossa população, ela quase cem

por cento negra, né? Então porquê... e as crianças, tanto as da escola particular quanto as de lá, para mim eu não vejo diferença, eu não vejo diferença. São crianças em formação, são crianças que a gente precisa conscientizar, tanto as de lá da minha escola que eu dou aula para se empoderar, quanto a outra. Então, precisa de uma formação, formação consciente. E assim, é algo que o problema que acontece na sociedade, só vai ter resolução no futuro. Quando? Quando você, não tiver que debater a questão de... por exemplo: ah, quando uma pessoa preta que chega a um certo patamar, não seja algo que precisa ser debatido. Isso precisa ser normal. Uma pessoa preta ser médico. “Ah, nossa...”; “Você viu um juiz de magistrado, numa turma de trinta alunos, você viu que tinha um negro?”. “Ah, mas um negro...”. Gente, precisa chegar a um ponto que a pessoa negra não seja destaque por ser negra. Não tem que bater isso. Então assim, esse problema só vai tá resolvido quando você cruzar com todo mundo em todos os lugares e não seja aquela, “nossa! Você viu? É uma juíza”, “Nossa, você viu? Tá com uma BMW”. Que seja normal você vê mais pessoas negras com essas condições. Então assim... essas crianças pra mim não tem diferença. A única diferença é social e de oportunidades, mas direito não. Os mesmos direitos que as crianças brancas têm, as crianças negras também tem. Agora como elas se veem? Isso me preocupa, porque aí eu entro de novo. É o que tá enraizado, é o que a gente aceitou, é o que a mãe do branquinho aqui diz assim: “Ó... se chegar um menininho assim e assado, com a roupa assim...” que também tem o preconceito com as roupas, né? Você pode ser até branquinho, mas se você tá com a roupa... o povo já vai ficar com medo dessa forma de se apresentar, dessa coisa... “Ó, se chegar perto de você, segura o celular”. Ah, porque assim, esse medo que as pessoas têm do outro, porque o outro é simples, porque o outro é preto, sabe? E também tenho preocupação quando o de lá, o meu aluno... a mãe alisa o cabelo da criança, quando a criança acha que, a boneca mais bonita é a da Frozen, entendeu? Então assim, ela tá deixando a identidade dela de lado. Tá querendo ser algo que ela não

é, ela não precisa disso. Não precisa disso pra ser aceita na sociedade. Quando a criança crescer, que isso seja uma opção dela e não algo posto por outra pessoa.

Isabela: E em que momento da sua prática pedagógica você insere a temática racial?

Cristiana: Todo tempo, o tempo inteiro, desde o início. Quando a gente trabalha com identidade, eu já coloco pertencimento, eu já coloco autoestima, já coloco a questão do gênero, quando a gente vai qualquer brincadeira, tudo, o tempo todo. O tempo todo procuro trazer uma parlenda, uma poesia. Infelizmente literaturas que trazem a cultura negra ainda é muito inacessível, a oferta é pouca e os preços são altos. Busco na medida do possível oferecer para as crianças uma cultura rica e diversa, trago contos africanos, histórias com protagonistas negros. Trago também os clássicos como por exemplo Chapeuzinho Vermelho, a Branca de Neve. Trago também, porque a gente não pode tirar... a criança tem direito de buscar tudo e também precisamos fazer reflexões sobre as obras. No ano passado eu só tive uma branca, que inclusive é como eu, a vó é negra, a mãe eu não sei quem é, mas o pai é negro. E aí a vó... Nossa, ela é linda! Ela é linda e realmente ela é linda. Nossa, acho que ela é muito feliz porque a neta tem a pele clara, fico imaginando, ela deve pensar que essa criança, que vai se tornar uma mulher, vai ter mais oportunidade de emprego, de estudar, porque é branca. Eu não vou julgar essa vó, não vou! Porque você quer que sua neta consiga algo melhor, né? E se, ela acha que é porque é branca, é aí que a gente começa a falar: Ela vai conseguir porque ela vai estudar, porque ela vai correr atrás. O racismo, só vai acabar na hora que a diferenciação de cor não precise mais existir, você se autodeclarar negro, branco, não seja mais uma forma de discriminar, porque todo mundo vai ter os mesmos direitos. Pode ser que eu esteja sonhando muito, mas...

Isabela: E assim já indo pro finalzinho. Há alguma coisa que você julga importante dizer sobre você? Pode ser uma lembrança sobre

alguém ou atitudes que você julga importante e se tem alguma pergunta que você gostaria que eu fizesse e que não foi feita.

Cristiana: Não. Pergunta não. Assim, eu acho que as perguntas são bem elaboradas. Pode ser que eu tenha fugido um pouco do tema porque eu falo demais. É... falar sobre mim... sabe, que eu tenho uma grande dificuldade de falar de mim. Sou uma apaixonada por justiça social e pela igualdade. Eu gostaria muito de viver numa sociedade, onde as pessoas não fossem diferenciadas por gênero, nem cor, nem por opção sexual. Todo mundo tem algo bom, até aquela pior pessoa, ama alguém e é amada por alguém. Não existe alguém que não ama ninguém e que não é amado por ninguém, por pior que seja. Então, defendo muito a empatia, se colocar no lugar do outro, defendo muito a justiça, não faça com outro o que você não quer que faça com você, siga à risca isso, defendo muito o direito reconhecer o erro e tentar mudar. Ninguém é perfeito, eu erro, todo mundo erra, mas acho que o arrependimento é uma virtude, você... quando errar, você perceber que errou, pedir desculpa tentar, fazer melhor. Estou na educação infantil, não foi uma coisa que eu escolhi consciente, fui levada para lá e de lá não quero sair. É difícil, são muitas dores, a gente ri, a gente chora, é o açúcar, o fel, tem histórias tristes, tem histórias felizes. Mas a vida é feita disso, de momentos bons e de momentos ruins; momentos bons a gente tenta repetir, os momentos ruins a gente tenta desviar deles e tentar fazer melhor. E... tá dando um branco aqui. Porque falar de educação infantil, para mim é algo muito emocionante, que me toca, eu sempre gostei das crianças e dos idosos, tenho uma paixão por crianças. Eu acho que eu estaria na EJA, educação de adultos e mais ainda com idosos, porque... ô turminha que me agrada, viu. Nossa. E... a mensagem que eu deixo, é... tem que sempre melhorar, sempre melhorar, nunca tá bom, nunca vai acabar e eu ainda quero viver pra ver uma sociedade mais justa, eu ainda quero viver pra ver aquele médico negro ser médico, sem que precise ser ponto de debate porque ele é negro, mas pelo trabalho que desenvolve, que... eu quero viver pra ver a escola de

qualidade, quero viver pra ver os melhores cargos ocupados por gente de qualquer cor. Que a nossa sociedade deixe de ser injusta, a nossa sociedade deixe de ser egoísta, deixe de ser insana. A gente precisa de amor, mais amor pelo próximo e a gente só vai conseguir isso, se a gente passar o máximo de amor que a gente puder. Agora não tá podendo abraçar, né? Quando tudo isso passar se aproxime mais, beije mais, porque cada ação é uma reação. Se você bate, você apanha. Mas se você der o amor, você recebe amor, eu acho que isso contagia e vai. E fora, Bolsonaro!

Isabela: Fora Bolsonaro! Mal posso esperar por esse momento. O Brasil espera! Muito, muito obrigada por suas palavras e pelo seu compartilhamento. Que a gente possa logo se encontrar presencialmente.



CAPÍTULO III

“Eu percebi que minha trajetória na Educação Infantil não era só ensinar às crianças, a gente também tinha um papel social que era estar alertando os pais que aquela situação não tava bem para a gente [...]”

**ENCONTRO COM A PROFESSORA JEANE DA SILVA ALVES
SALES**

Tempo de gravação: 1 h, 15 min e 53 seg

Data do Encontro: 29 de janeiro de 2021

Isabela: Pronto tá gravando já, será que eu coloco aqui mais perto de você? É Jeane da Silva Alves Sales?

Jeane: Sim.

Isabela: Então, a gente pode começar conversando um pouco sobre sua infância, como foi esse processo?

Jeane: Certo. Na verdade assim... minha infância foi uma infância, posso dizer que maravilhosa porque assim; brinquei de roda, cantava, brincava de esconde-esconde, sete pedrinhas e ajudava também um pouco nos afazeres da casa então eu lembro um pouco da minha infância, é... esses momentos.

Isabela: Brincadeiras, né?

Jeane: Brincadeiras, a gente tinha na rua onde eu morava, tinha uma cisterna que depois que a gente brincava e aí toda suada né, todo mundo ia tomar um banho e depois daquele banho a gente retornava pra casa, então minha infância foi isso.

Isabela: Era aqui em Acupe¹ mesmo?

Jeane: Aqui em Acupe, lá no Porto do meio, aí fica perto também da maré.

Isabela: É, acho que lembrei qual que é agora. É... e como [é] que [foi] a relação entre você e as pessoas mais velhas?

Jeane: Eu me recordo que a gente tinha uma relação boa, assim, eu via muitos tios que hoje não moram mais aqui, moram em Salvador, mas assim... a gente tinha uma relação boa, eu me recordo que tinha aquela questão de dar bença², né? Quando a gente via, a gente dava bença, dizia: “bença a minha tia”, “bença ao meu avô”, então tinha uma relação muito boa de respeito.

Isabela: Legal isso né, hoje em dia a gente nem vê muito... as crianças hoje perdeu [sic] muito, as brincadeiras; eu tava vendo, menina, comprei um monte de bambolê para as crianças assim... poderem brincar, as brincadeiras, os meninos não brincam mais, é só celular, tablet, essas coisas, perdeu muita coisa.

Jeane: Verdade, as questões dos valores que a gente precisa na verdade tá resgatando esses valores. Aqui mesmo meu filho, eles dois, eles dão a bença antes de dormir e quando acorda[m], então eu mantenho também algumas questões de antigamente, né? De respeito. Ensino também, digo; “Ó, você tem que dar bença às pessoas mais velhas, “bença a minha vó”. Meu filho o caçula ele mesmo pergunta: “Ó, minha mãe, porque eu tenho que dá bença se ela não é minha vó?” Eu digo: mas é uma pessoa mais velha e antigamente a gente fazia isso, não é minha tia mas tem que dar bença, chamar. Então eu já passo isso pra eles, entendeu?

¹ Acupe é uma comunidade quilombola, tradicionalmente pesqueira que fica situada no município de Santo Amaro da Purificação, Recôncavo da Bahia. “Território de cruzamentos de sistemas simbólicos indígenas, africanos e europeus. Berçário das mais variadas manifestações culturais, de costumes, ritos e práticas artísticas, com uma marcante identidade afro-brasileira, fundamental na formação religiosa e sociocultural daquela região. (PINTO, 2022 *apud* REIS, 2023, p. 13)

² “Dar bença” é o ato de quando, ao encontrarmos uma pessoa mais velha, pedir que ela nos abençoe, como forma de proteção.

Isabela: E agora, sobre os primeiros anos na escola: como foi sua entrada na escola? O que você mais lembra? Você se lembra da sua primeira professora? O que você achava da escola? Como você acha que sua família via a escola? Essas questões...

Jeane: Eu lembro um pouco da minha escola. Eu sei que era uma escolinha, que tinha a professora... a professora Tia Joana e aí ficava próximo à Filarmônica 19 de março e aí eu me recordo um pouco. Só que assim, além dessa escola, tinha também uma outra creche que era na rua que eu morava, então eu ficava nas duas. Mas eu me recordo que...é, minha mãe me levava pra essa escola e eu ficava em outra também, pelo fato de ser da rua, de tá ali na rua, então eu me vejo nesses dois ambientes.

Isabela: Que legal. Essas escolas ainda existem?

Jeane: Não, nenhuma das duas, agora tia Joana já é aposentada né, professora aposentada. E tia Dora também, é uma guerreira, assim que trabalhava muito com o social, essa questão do social e eu acho que ela faz parte de algum movimento social, não me recordo qual, mas também ela nem mora mais aqui em Acupe, acho que é em Mata de São João, não me recordo o lugar. E assim... eu lembro que minha mãe ia me levar, então é uma forma também de tá me incentivando, né, o fato de ter alguém pra me levar, eu lembro disso.

Isabela: E sua primeira professora, você lembra?

Jeane: Tia Dora.

Isabela: E sobre vida pessoal, conte-me um pouco sobre o rumo que sua vida tomou após os primeiros anos da escola fundamental.

Jeane: Eu, dessa escolinha de tia Joana, eu passei para a Escola Coronel Antônio Torres que fica na Rua do Largo.

Isabela: Nossa, antiga essa escola, né?

Jeane: É, muito velha e aí eu lembro de professora Rosana, lembro de professora Doralice, então... por que antigamente assim... geralmente você estudava às vezes dois anos com a mesma professora,

dava sequência e eu lembro delas duas e Doralice, eu me recordo que ela me incentivou muito quando eu tava na quarta série e... por que ela me incentivou? Porque assim, eu tinha dificuldade em matemática e eu precisava aprender as quatro operações e aí ela disse: “Jeane, você precisa melhorar nisso aqui, que como é que você vai pro ginásio com essa dificuldade?” E aí eu pensei, pô meu pai praticamente assim... semianalfabeto, não sabia... fazia conta mas fazia conta, assim, é... de cabeça como as pessoas falam, assim ele sabia. Mas pra ensinar ele não sabia e minha mãe da mesma forma, aí como aqui em Acupe tinha um refor... tem um reforço na verdade de Heloísa, Helô... e aí eu disse: “meu Deus como é que minha mãe vai pagar um reforço pra mim?” Sem condições, porque assim às vezes eu ia pra escola, minha mãe e Dora já sabia que às vezes eu... quando mãe me chamava, era a hora que a moqueca tava pronta pra comer, e assim... às vezes acontecia da merenda chegar um pouco mais cedo e aí eu comia logo a merenda, mas quando acontecia de não chegar, aí mãe me chamava e Doralice deixava. Eu ia ligeiro, eu lembro que mãe ia e aí eu ia comer. Eu lembro dessa parte, então assim... aí voltando. Eu precisava de um reforço e aí eu disse: “olhe, sabe o que [é] que eu vou fazer? Vou vender revista pra conseguir pagar o reforço”, e aí comecei a vender a revista de roupas, de calçados e a fazer rifa e aí comecei a juntar dinheiro pra pagar o reforço. Minha mãe [não] sabia que eu fui me matricular no reforço não, eu fui com a cara e coragem, conversei com a professora Heloísa e a professora Heloísa disse: “Ó, Jeane, sim você quer aprender?” Eu disse: “Ói, eu preciso aprender só matemática, as quatro operações porque senão eu não vou passar pro ginásio”. Aí ela pegou, falou assim... “e sua mãe sabe?”. Eu disse: “não, pró Helô”, aí ela disse: “Pois, você é de menor, traga aqui sua mãe pra gente conversar” e daí foi assim, eu falei com mãe, Dora também me ajudou, conversou com mãe com relação à minha dificuldade e assim... eu já tava na segunda unidade, então tinha como eu ainda recuperar e aí eu me matriculei, aprendi as quatro operações e... além das quatro operações, que ela disse

“você não vai aprender só as quatro operações, você vai aprender a ler” e aí pronto, eu aí consegui, é... superar essa dificuldade que era com matemática e... passei pra quinta série do ensino fundamental dois e de lá em diante, graças a deus assim... só fui passando de ano mas perdi no... no... lembro que eu perdi, lembro no segundo ano do fundamental, eu perdi, aí eu fiquei dois anos no caso fazendo a segunda série, mas foi a única vez que eu perdi de ano, quando chegou na quinta e aí foi, quinta, sexta e aí foi não parei, graças a deus mais assim.

Isabela: Eu lembro que eu também repeti a primeira série dois anos, que eu não sabia absolutamente... nem meu nome completo eu sabia fazer, além de ser muito grande, eu tinha muita dificuldade de fazer meu nome completo, aí repeti a primeira série duas vezes e depois passei pra segunda e não perdi mais nenhum ano.

Jeane: E eu foi [sic] na segunda série.

Isabela: É incrível como o reforço ajuda a gente, né?

Jeane: É, é verdade, ajuda e...e... eu acho que foi i... essa forma assim de, de reforço né, que eu vim desde criança que eu disse assim: “eu preciso ajudar as pessoas”, foi nesse sentido assim que... tá entendendo? Foi algo que marcou porque eu disse, mas só que assim... é como se fosse um sonho né, ainda poder ter assim... um espaço pra dar aula, dar aula quer dizer, ajudar a criança na dificuldade que ela tenha, com outras pessoas também, claro. Eu tenho ainda esse sonho de fazer isso. Eu acho que esse desafio que eu enfrentei, que eu consegui superar né, essa dificuldade... é, tornaram-se um sonho que eu acho que eu ainda vou realizar.

Isabela: Ah, eu também acho.

Jeane: Eu tava com o pensamento em... em... fazer né, eu ainda, quando eu tava aqui, construindo a casa, eu pensei em fazer o reforço em um desses quartos aí da casa, só que aí depois veio o Educa mais. Educa mais? É... é... educa... Educa mais, meu deus? Não. Não foi Educa mais, não, foi... que o pessoal, educação, que tornava-se

integral, esqueci agora o nome, é... que tava até conseguindo alguns profissionais para trabalhar, é... oxi, me falhou a memória.

Isabela: ... falhou a minha memória também, que tinha até aula de capoeira.

Jeane: Sim. É... oxi, depois a gente vai lembrar, no decorrer a gente lembra... que o pessoal tava “Aí, eu tô dando aula num...”

Isabela: Nesse lugar.

Jeane: Sim, nisso aí, que falhou a memória. Ai eu percebi e disse pô... não que assim... eu não, não quisesse mais, mas que uma forma assim eu disse “Ó, já que tem esse, esse projeto né, com o intuito de... de incentivar as crianças de ficarem mais tempo na escola...” aí eu peguei, pa... parei um pouco, esfriei um pouco e também assim, depois aí eu passei no concurso, eu aí disse então: “Agora não, não vai dar porque assim... eu preciso fazer algo que seja um dia que esteja na, na, ci... no caso aqui no distrito, então ainda teria que projetar, ver como é que iria ficar tipo assim... no dia da minha folga, porque eu trabalho quatro dias aí só teria um dia pra ter esse momento. E aí...”

Isabela: Um dia é muito pouco, né, pra pensar [em] todas as outras coisas.

Jeane: E assim, de qualquer forma, assim... eu não estaria sozinha, porque eu tava pensando em ver com outras pessoas que abraçasse a causa, tá entendendo? Meu intuito era isso, de umas duas professoras que pudessem também tá me ajudando.

Isabela: Olha, quando você tomar pé do projeto, eu quero participar também viu, pode contar comigo. E olha isso pode até se tornar algo maior talvez se transformar com o tempo, até em uma escola, num projeto mesmo de uma escola.

Jeane: É, eu já pensei em elaborar e tudo... fazer um projeto, a justiticati... isso tudo. Mas aí depois eu vi... mas é alguma coisa, um sonho que eu ainda acho que a comunidade daqui de Acupe, com fé em Deus vai abraçar.

Isabela: E olha não é só isso, eu acho que abraça mesmo, viu, as pessoas gostam muito de reforço escolar aqui em Acupe.

Jeane: É. Mais Educação. Lembrei.

Isabela: Mais Educação... me veio na cabeça Mais Escola.

Jeane: Agora eu lembrei, aí depois que veio, aí pronto, eu fiquei. Mas eu ainda vejo assim... que tem como ir pro papel e sair do papel pra prática.

Isabela: Com certeza e olha realmente tem gente que dá reforço escolar, mas... é mais por... não é tanto pelo lado social. A gente percebe quando a pessoa tem interesse de fato pelo trabalho. Ver outras possibilidades de dinâmicas de aulas, o que é até bom, que foge daquele modelo quadrado da escola, né?

Jeane: E é verdade e meu pensamento é esse. Eles não vão ter só o reforço assim pra... ajudar, assim... na dificuldade que ele apresenta. Mas assim... incentivar também, contar histórias, entendeu? Ter toda uma dinâmica assim... de um trabalho de incentivar além do que ele veio pra aprender.

Isabela: Quando criança você tinha algum sonho ligado à vida profissional?

Jeane: Sim. E aí, sim e quando eu tava na casa de meus pais, eu tinha uma menina que, engraçado que ela falava, né... Ivonete, que eu ajudava ela a fazer o dever. Aí eu fazia de conta que eu era a professora, então esse desejo por ser professora já vem desde a infância. Aí eu ensinava ela e eu queria fazer os horários. Eu dizia, “agora a gente vai fazer a atividade, depois a gente brinca”, e depois tinha o relaxamento que eu... a gente tirava até um... o relaxamento era um cochilo. A gente dormia, aí depois a gente retornava e isso tudo na casa de mãe e assim... esse sonho foi crescendo desde a infância, que eu tinha vontade. Apesar de que né, meus pais, meu pai pescador, minha mãe marisqueira e tinha também toda a labuta do peixe. A gente tratava peixe, lavava, colocava ali na salmoura, né? No sal e aí quando era no outro dia, botava no sol, lavava, botava no sol pra secar

e depois vinha as pessoas pra comprar. Então tinha toda rotina, né? Além de fazer assim, dar uma de professora na infância, ainda tinha todo esse trabalho e também brincava. Não deixava de não brincar.

Isabela: Tem isso né, quando algo é pra ser acaba seguindo para o caminho certo.

Jeane: É sim. E a gente se sente realizada. Eu também gostava muito das dramatizações, que eu participei do grupo de Marília de teatro; e aí também com o incentivo dela a gente ia pras ruas dramatizar a morte e ressurreição de Jesus Cristo e fora outras peças entendeu? Que estava relacionada assim... às questões do racismo, a gente levava muito a questão da libertação. A gente levou essa... esse conceito pras ruas e eu me lembro e isso daí já foi na minha adolescência. Que aí eu também encenava, aquela coisa assim... entendeu? Inclusive não sei se você se recorda que Fernando também participava. Monilson, tinha... é do grupo de Marília. Então era todo aquele pessoal que você vê, né, que aos poucos foram chegando aonde [sic] queria. Você que tem uma linha de... tem uma trajetória.

Isabela: É verdade, eu acho que essas experiências na infância e na adolescência são o que as pessoas seguem na vida. Ou contribui pra ser totalmente fora daquilo ou contribui pra ser exatamente naquela linha.

Jeane: É verdade, eu acho que depende muito também do seu querer. Você também traça muita coisa que assim... na sua infância. Tipo assim: se você acha que aquilo na sua infância não foi tão bom, então você tem que buscar outra coisa, na sua adolescência da mesma forma, porque senão você fica aquela pessoa frustrada o tempo todo. E aí você não sabe... chega determinada fase que você não sabe nem porque você tá fazendo aquilo, tá entendendo? Eu acho que assim... quando a gente... da infância já vem assim, né, com aquela trajetória e chega na adolescência e tal, e você depois... pô, eu tô né, a minha trajetória é aquilo mesmo que eu sonhei. Isso aí é muito legal.

Isabela: Verdade. E tem gente que passa a vida toda na mesma coisa e não é nem aquilo que sempre quis fazer. Insatisfação, infelicidade. Pode até conseguir ter muito dinheiro, mas o resultado de satisfação pessoal, interno não consegue alcançar. E qual religião sua família professava quando você era criança/adolescente? Você frequenta algum templo religioso? E qual a importância da religião na sua vida durante seu crescimento?

Jeane: Eu cresci né, meus pais, eles diziam que tinha que dar benção à madrinha toda semana santa e levava um presente, algo, pra dar a madrinha, e aí eu fui crescendo. Todo ano eu ia pra casa de minha madrinha e levava algo pra ela que meus pais mandavam. Dava benção. E fui crescendo assim, me recordo que na religião católica de início. E assim, não que meus pais fossem assíduos na igreja, mas tinha aquele respeito à religião católica.

Isabela: E sobre o ensino médio? Fale um pouco sobre o ensino médio. Você teve algum professor ou professora marcante?

Jeane: Ô época boa meu Deus, que não volta mais. Ô, meu Deus. Ó, foram várias, Juliana mesmo, uma professora de matemática que incentivava. Tive sim, muitos professores. Tive Cristiana de língua portuguesa que também, né. Ela dizia: “Jeane”, porque assim... eu falava muita coisa assim... errada, errada entre aspas, né, por que do convívio com os meus pais. Então a gente aprende a falar também o que os pais falam, as pessoas do nosso convívio falam. Eu às vezes me policiava muito na minha fala e aí eu percebi ela ensinando como a gente deveria falar, a forma considerada adequada e aí foi. Tinha também Dalva que a gente gostava muito e Dalva era professora de história e Dalva vinha: “... que no ano de mil e quinhentos...”. Mas aí, a gente tinha uma colega que já encenava a professora. Ricardo, a gente assim... teve esse professor que incentiva a música e levava né, violão, cantava para, assim... sair um pouco da rotina. Tinha um professor de educação física mesmo, Pedro que também foi um incentivador, a gente praticamente tinha antes uma quadra, mas

a gente pouco usava. Então ele aí começou também a incentivar o futebol feminino, porque eu gostava de futebol. Gostava também de jogar bola, mas assim... tinha aquela questão, né? Do preconceito, que menina ficava de lado para jogar bola e aí ele incentivou essa questão de ter esse time, fora outras modalidades de esporte que ele incentivou. Então foi um momento muito bom. A gente desfilava, a gente... quando eles falavam assim, do tema que a gente ia representar no desfile na rua, a gente tinha uma crítica a fazer, entendeu, sobre aquele tema e a gente colocava as nossas ideias, o que é que a gente achava desse tema, se poderia ser desse jeito. Tivemos também uma professora de sociologia, Marta, muito incentivadora dos nossos direitos e também assim, com relações à políticas públicas. Ela falava muito, incentivava que o caminho que a gente poderia, né... construir uma sociedade para o bem comum, a gente precisava de organização e essa organização... que uma pessoa só não consegue, né, é... assim, questões sociais, você tem que ter um grupo. Você não pode estar sozinho. Então eu tive meu ensino médio. Meu ensino médio foi marcante e aí surgiu, tinha o curso de... na época tinha contabilidade, tinha magistério eu aí fui pra onde? Escolhi logo o que? O magistério. E aí pronto. E aí estagiei. Tive uma professora, Angelina no estágio, muito boa e estagiei com minha xará Jeane, que hoje somos amigas, até hoje somos amigas, graças a Deus e aí fizemos um ótimo estágio, eu me identifiquei mesmo que era aquilo que eu queria desde a infância e aí pronto. Meu segundo grau, Ensino Médio foi isso aí, assim... parte, né? Eu falo parte, porque se concretizou parte de meu sonho, que era ser professora.

Isabela: Pô, você falou uma coisa importante aí agora. A importância do estágio, eu tô sentindo muita falta disso agora na pandemia, a gente tá fazendo estágio em Educação Infantil e o tem estágio não é presencial.

Jeane: Assim a gente foi para o chão da escola, entendeu? A gente que estagiou e conheceu assim algumas dificuldades, algumas carências das crianças a gente estagiou mesmo, teve aquele momento

para a gente dizer assim: “Ó, é isso aí que eu quero, né, que eu estou fazendo a coisa certa, é desse jeito que a gente vai conduzir e cada um assim...”; depois do ensino médio se formou e cada um seguiu seu rumo. A maioria continua sendo professora e algumas fizeram outras graduações, por conta de oportunidade de trabalho mesmo.

Isabela: Menina... várias professoras que você teve, eu também tive. Gente... a gente tem uns quinze anos de diferença de idade, né?

Jeane: É, eu tenho quarenta.

Isabela: Eu tenho vinte e cinco.

Jeane: É. Quinze anos.

Isabela: Menina, olha isso, caramba. Eu lembrei de Dalva falando. Ela só falava em datas.

Jeane: E aí Renilda vinha. Umbora minha gente... que tinha o horário de aula dela. Então tinha aquele momento da resenha. Renilda encenava Dalva. Não tinha quem não desse risada. E aí são professores que marcam.

Isabela: Verdade, alguns professores incentivam muito e Cristiana realmente incentivava muito, incentivava o ENEM, estudar redação.

Jeane: Eu mesma quando tava pra fazer alguns concursos, eu fazia redação e pedia a ela pra corrigir, pra ver onde eu podia melhorar. Ela me ajudou bastante. Eu consegui quando eu fiz o ENEM, né, fiz por três vezes. Eu consegui a bolsa do Prouni no caso. Minha maior nota foi em redação, pelo fato de ter também essa ajuda dela, entendeu? Porque assim, eu acho que se você precisa melhorar nisso, você precisa de ajuda. Então se você tá vendo que aquele profissional, aquela pessoa pode te ajudar e uma... não me cobrou nada. A gente só marcava o horário pra ela fazer a correção e ela me dava um *feedback*, só isso, então imagine. Então sou muito grata também a ela por isso.

Isabela: Ela também me ajudou muito. A gente organizou pré ENEM. Aí várias pessoas de Acupe também passaram no ENEM, em vestibular

através desse pré ENEM que a gente organizou; eu, Fernando, Rodrigo, Tamires. A gente organizou o pré ENEM, convidamos professores. Aí vários professores vieram dar aulas e ela também foi convidada. Ela deu aula de redação e foi muito bom. É bom poder contar com essas pessoas.

Jeane: É verdade, é sim.

Isabela: É... agora sobre trajetória profissional. Como você acabou se tornando professora de Educação Infantil? Acho até que você já falou um pouquinho.

Jeane: É, logo que eu me formei né, que eu... pelo fato de... eu me formei, eu ainda tava com dezoito anos quando me formei e aí assim... para conseguir um trabalho logo recém-formado [sic], era um pouco complicado, mesmo porque aqui não tinha perspectiva nenhuma de concurso e era indicação de vereador, aí logo de início o meu primeiro trabalho depois que eu me formei foi trabalhar em um reforço. Um reforço particular, o reforço da Ouro do Mar e aí eu trabalhei nesse reforço, fiquei lá um ano. Depois, é... consegui uma vaga pra ser professora de alfabetização e aí... na escola Joanita Leone, aquela escola ali que hoje é a casa da merenda, naquela... Rua da Cruz.

Isabela: Ah, sim, ali também tinha uma escola.

Jeane: Tinha uma escola e ali foi minha primeira experiência com a educação infantil, que foi ser professora de alfabetização, mas assim... a escola era um pouco pequena, não tinha área de lazer, nada disso, só era a sala e aí eu queria ir. Disse; pô eu quero uma prática diferente né? Eu preciso sair dessa sala, eu não posso dar aula e ficar só na sala. Então aí tinha a rua ali, como não passava muito carro, então algumas professoras ficavam na sala e eu saía. E aí eu tava conversando com as colegas, disse, “ó, bora levar os meninos um pouco aqui pra fora. A gente fica, reveza, pede ajuda da diretora, da servente, de quem quer que seja pra tá dando esse suporte pra olhar”. E aí quando ficava livre os meninos brincavam de macaco. Oxe, era... os meninos se divertiam. Então eu vi que deu certo, aí o que é

que a gente fez? Cada dia ia uma sala e ali, aquele momento dali, os meninos ficavam maravilhados. Então assim minha trajetória iniciou nesta escola. Depois eu fui pra uma escola, é... Santa Rita, também já como professora de alfabetização, porque lá não tinha propriamente educação infantil, tipo assim; de três aos cinco anos de idade, não tinha assim. Lá tinha de cinco em diante, então com cinco anos, era a chamada alfabetização. Aí fiquei lá, trabalhei nessa escola. Na Joanita trabalhei e fiquei. Um ano depois, passou para Santa Rita, que era uma escola que tinha uma estrutura melhor, né? Fiquei lá três anos. Aí recebi um convite de dona Muriel, a italiana, para trabalhar na Fundação Dom Avelar Brandão Vilela. Aí ela gostou do meu trabalho né e eu fui. Aceitei o convite, é... tinha na época, é... mais ou menos, o que? Umas nove professoras e era a escola dos sonhos, porque a escola dos sonhos? Porque a escola oferecia praticamente tudo que as outras escolas não tinham, tinha uma área de lazer imensa, tinha materiais à vontade, né? E a gente poderia aproveitar ao máximo o espaço. Fora assim que a gente poderia também criar novos espaços e incentivar, os pais e as crianças, trazendo materiais reciclados de casa e tal. Tinha todo um incentivo lá, porque já trabalhava também com essa questão de conscientização do meio ambiente e tudo. E lá era escola dos sonhos porque era carteira assinada, não precisava você, é... ser indicada por um vereador. Era tipo assim, uma ONG filantrópica e aí eu fui pra lá. Fiquei lá quatro anos e depois desses quatro anos eu já tinha meu filho mais velho. Dei o meu melhor. Lá tinha formação, curso de formação que falava de políticas públicas, a questão lá, muito social, entendeu? A gente teve esse momento e eu posso dizer que lá eu aprendi muita coisa, muita coisa mesmo, muita coisa com relação à questão social, a gente ia para rua, né? Sete de setembro tinha o grito dos excluídos, a gente ia para rua e aí a gente ia, levava cartaz pra falar que na nossa comunidade, o esgoto passava perto ali... por ali pela frente da escola e ninguém fazia nada. Então tinha essa questão também social que a escola, né? Tinha o seu momento de expor e fora nas reuniões de pais que

a gente é... falava, incentivava... Então assim, eu percebi que minha trajetória na Educação Infantil não era só ensinar às crianças, a gente tinha também um papel além, que era formar, no modo de dizer, incentivar opiniões voltada ao social, além de estar ali no chão da escola com as crianças, a gente também tinha um papel social que era também tá, né, alertando os pais que aqui no... aquela situação não tava bem para a gente, a gente não iria sempre, né, aceitar aquilo que era apresentado. Então a gente também tinha voz e vez e aí eu fui tendo essa visão também e com relação aos pais, que a Educação Infantil, a gente tem escola e família, tem que estar em parceria.

Isabela: E ouvindo você falar eu percebo o quanto que Acupe também perdeu. Acupe retrocedeu em muitas coisas.

Jeane: Em muitas questões, você vê que o grupo mesmo, a gente convidava alguns pais e tinha alguns pais que não tinham vergonha de falar das causas né, que Acupe tava precisando de uma infra-estrutura melhor, que Acupe precisava de centros que incentivassem os jovens, né? A prática de esportes e cursos. Então a gente ia pra rua, a gente levava, hoje aqui no Acupe a gente tem a biblioteca, mas tá através de movimento, a gente tem a biblioteca, a gente tem o Dom Elder, que é aquele centro ali que qualquer pessoa que venha e queira se apresentar ali, né? A gente tem esse centro de... de incentivo à arte. Então foram coisas que Acupe ganhou e não soube manter.

Isabela: É, eu percebo isso, Acupe tem um gás na hora de fazer as coisas, só que depois passa um, dois, três anos e dá aquela esfriada. As pessoas parecem até que esquecem o que aconteceu aqui.

Jeane: Praticamente abandonado. Porque agora mesmo, aí, dezenove de março, os meninos saem, tocam e pronto. Assim... é uma data marcante, eles lembram e pronto. É como parece que a filarmônica é dezenove de março e pronto. Tá parada realmente, Acupe retrocedeu.

Isabela: O tanto de movimento que tinha, os professores pareciam ser mais unidos, os estudantes pensavam mais.

Jeane: Verdade.

Isabela: Eu lembro da minha turma também, acho que era até uma turma mais ou menos, mas comparando com a turma da minha irmã. A gente vê que os meninos, dezoito, dezenove anos, ainda estão com a cabeça perdida sem interesse...

Jeane: Mas é a questão, não tem...

Isabela: Não tem incentivo.

Jeane: Não tem incentivo, porque a gente precisa de incentivo, oportunidade também, sim. Mas o incentivo, né, vem gerando a oportunidade; porque assim se você tem a oportunidade de estar em um curso de manicure, para... vai ser amanhã ou depois que você tiver um sonho de fazer unha decorada, você vai entrar naquele curso, se você tem vontade de ser costureira, né, você já vai, mas não tem curso nenhum que te estimule, amanhã ou depois você estar fazendo algo que você quer e ao mesmo tempo você tendo uma renda, não tem.

Isabela: Tinha... eu lembro que tinha curso de costura.

Jeane: Tinha.

Isabela: Tinha o telecentro.

Jeane: Tinha, tinha tudo isso. Tinha o curso de datilografia, claro que hoje, né? A gente sabe da evolução da...

Isabela: Muita coisa veio se perdendo ao longo do tempo.

Jeane: Verdade.

Isabela: Eu acho que a parte boa é que algumas pessoas também estão vindo com outra mentalidade, né? Já estão tentando trazer algumas coisas de volta e até melhorar outras. Por que se for pra piorar tudo daqui a uns dez, vinte anos, o que vai ser Acupe?

Jeane: É verdade.

Isabela: E o que você acredita que poderia tá fazendo hoje, profissionalmente falando, se não tivesse optado por ser professora de Educação Infantil? Não digo o que você gostaria de fazer, mas o que

you acredita que a sua vida... que a vida que you viveu, as condições em que viveu, poderiam ter oferecido, além de ser professora.

Jeane: Eu acho que... eu estaria sendo uma marisqueira, né? Sendo uma negociante também, porque assim... eu falo marisqueira porque minha mãe trabalhava com essa questão mais meu pai, né, da pesca e também do marisco. Então poderia ser assim uma grande comerciante, poderia ser uma grande marisqueira em defesa dos pescadores, que eu ia lutar pela causa. Essa, essa... eu acho que mais voltado a isso porque you vê que eu vendia revista, né? Então eu já vi um ramo comercial. Então eu seria uma comerciante ou uma marisqueira ou uma pescadora. Porque assim eu também pesquei, né? E eu ia também pescar, eu gostava muito de pescar, aí tinha um rapaz; seu Cacau, que eu ia com ele pescar e às vezes ia com meu pai também pescar. Aí tinha Gabriele e Simone também que iam pescar comigo, que ele dizia que às vezes tinha hora que gostava mais de levar mulher. Eu era adolescente, gostava mais de levar mulher do que homem, mas só que ele falava, as mulheres também, “não é besta não”, porque ao ver a pesada do camarão na balança, eu já dizia “tem dois quilos já ali”. Então eu já ficava ligada e eu era assim mesmo, eu já ficava ligada quantos quilos a gente pescou de camarão, quantos quilos deu de peixe e eu queria meu quinhão, que era o dinheiro. Então eu acho que eu seria ou marisqueira, pescadora ou comerciante.

Isabela: Gente, nossa, de certa forma é uma realidade comum, né? Aqui em Acupe. E em sua opinião o que pode ser feito para o trabalho em Educação Infantil ser satisfatório? Em termos gerais, de políticas públicas, e atitudes mais cotidianas e o que te satisfaz no seu trabalho e o que te deixa desanimada.

Jeane: Eu acho que... é, só em ver, as crianças todo dia ali para mim já é uma satisfação, porque quando eu vejo que minha sala tá cheia, que não assim... eu acho que houve uma aceitação, né? E a gente percebe que quando... desde o primeiro dia de aula a gente percebe

aceitação dos pais. Os pais olham você da cabeça aos pés e aí você tem que se manter, né? E se aceitar e... e levando. Então assim... quando eu vejo, já né, a criança que ela tá ali comigo, os pais estão ali também naquela parceria, pra mim é satisfação e principalmente assim... quando eu vejo a parceria entre escola e família, quando eu vejo que a escola é... tem uma forma de conduzir o trabalho junto com o professor, quando a escola aceita as opiniões, que são várias opiniões, são vários contextos e a gente percebe que... [tosse] desculpa. A gente tem que trabalhar a realidade da criança, então para mim é satisfatório eu saber a realidade de cada criança, estar trabalhando ali voltado para aquelas crianças de acordo a realidade delas. Então me deixa muito... muito alegre, né, muito satisfeita tá ali naquele momento resgatando até mesmo cantigas de roda, tá entendendo, tá fazendo um trabalho de chão mesmo, não assim... como é que eu posso dizer... ir além das nossas possibilidades dentro do contexto da criança, no sentido assim, é, eu tô com uma sala de dezessete crianças, então assim... o que que eu preciso fazer, né, pra incentivar meu aluno a questão de valores, do respeito com o outro. Então essas... essas... esses combinados, né? Então é bom a gente ver desde cedo, desde criança. Então eu acho muito importante quando a gente faz aquela rodinha de conversa e aí a gente percebe nas falas alguma coisa, né, que ele traz da vida dele, então, o ouvir a criança eu acho muito importante e o que me deixa muito triste, né? É a questão do investimento mesmo na educação, eu acho que isso de modo geral. Os professores precisam ser mais valorizados né, a escola precisa ser mais valorizada e as crianças também, né? Elas precisam realmente terem seus direitos assistidos, a gente percebe que... que tem tudo pra se fazer um trabalho bom, por que a gente sabe que a verba vem. Então eu fico triste quando um investimento que poderia ser para escola é investido em outra coisa desnecessária. Então me deixa muito insatisfeita isso, eu saber que algo poderia melhorar ali, no processo educativo da criança e aquele... tipo assim, aquele dinheiro que era pra um recurso da escola, pra melhoria da escola, pra melhoria do

ensino da criança, foi destinado a algo que não estava no contexto. Aí tem coisas que nos deixam muito tristes nesse sentido. Se bem que lá, graças a deus, assim... na escola que eu estou, né, eu posso dizer assim... que me sinto também realizada, porque eu vejo a aceitação dos pais para comigo, vejo assim... a equipe, a gestão e coordenador pedagógico e o gestor, aquela união, então assim sinceramente, eu tô sendo... fui, né, acolhida, graças a deus, assim... de braços abertos e tô conseguindo fazer meu trabalho e com relação a família tento ouvir, tento entender cada situação que, assim... a gente precisa entender; que cada pessoa tem sua história, cada família tem sua história, então a gente precisa entender e aí é uma coisa linda... o chão da escola, a sala de aula.

Isabela: É, pensar que cada criança já tem sua história.

Jeane: É, é sim.

Isabela: Eu fico muito triste com isso também, a gente sabe que a educação está desmazelada, né? O processo, que o dinheiro chega até à educação já vem todo em cortes e para a Educação Infantil é menos ainda.

Jeane: É verdade.

Isabela: Como que a educação é menos assistida que a educação em modo geral.

Jeane: É, que é a base. Então assim às vezes é... a gente precisa entender que na Educação Infantil não é só brincar, né? Tem o momento, tem momentos. Então às vezes eu não sei que olhar se tem, que precisa ser mudado eu acho, mas eu não sei que olhar se tem pra Educação Infantil é... assim, avançar um pouco mais. Como a gente mesmo na reunião, a gente passa pros pais o que é que a gente faz, a rotina, nossa rotina, a gente tem uma rotina a ser cumprida, então a criança não vai para a escola... ali não é um depósito, a criança não vai lá, botou lá então, só vai comer, dormir, brincar? Não. Tem toda uma parte metodológica, entendeu? Tem toda uma parte que ela aprende, seja através de ações, né, seja através de um conto de história, seja

através do... até mesmo no brincar, a gente tá vendo aquela interação, se a criança interage com o outro. Então tem toda essa questão. A gente se for o caso de mediar, uma... mediar a criança; ó, que é que faz quando? Tipo assim... que tem muito essa questão, né? De criança na fase do brinquedo, o egocentrismo, tem essa questão, aí quer só pra ele, então porque não brinca os dois? Assim mediando, mas é... existem vários meios, assim... da gente incentivar e tentar, né, mudar essa... esse pensamento de achar que Educação Infantil só faz brincar e só brincar por brincar, não, não é bem assim.

Isabela: Até o escolher das brincadeiras tem suas metodologias por trás, né?

Jeane: Tem, um cunho pedagógico, tem sim, porque na verdade, assim... a gente tem aquele momento que a gente deixa eles brincarem, mas a gente tá observando, quantas vezes a criança pega um objeto e imagina que aquele objeto... vamos supor que tem criança que pega uma vassoura, começa a cantar e ali é o microfone dela, entendeu? A gente observa esses detalhes e valoriza e aí a gente para e pensa, então a gente tá percebendo que a criança tá aproveitando aquele momento, né? Não é só o faz de conta de achar, tem muitos que acham que Educação Infantil é só isso.

Isabela: Nosso interesse é conversar com professoras negras de educação infantil, você se identificou assim. Queria que você falasse um pouco sobre como você se sente sendo mulher e negra.

Jeane: Eu sou uma professora negra, me sinto muito bem. Amo a minha cor da pele, é... gosto do que eu faço e assim... tento, né, e não aceito mais ser, né, excluída, não aceito mais é... não aceito preconceito por conta da minha cor, por conta do meu tamanho, por conta do meu cabelo crespo, não aceito mais. Então assim, eu acho que essa aceitação tem que partir da gente porque se a gente não aceita, [por] mais que o outro seja preconceituoso com... para com você, você tem que também se aceitar como você é. Então essa parte de aceitação já tem que começar de você e aí o que que eu posso te

dizer? Que eu sou feliz e ser baixinha, negra, entendeu? E a sociedade tá aí, né? A gente... eu acho que chegou o momento da gente não se calar mais. A gente tá usando essa máscara por um tempo, mas essa máscara não vai impedir que a gente... a máscara que eu falo é por conta da pandemia, não vai impedir da gente falar e chegou a nossa vez. Antigamente a gente, né? Às vezes ouvia cada coisa e a gente nem... na verdade via até alguém ser preconceituoso com alguém próximo da gente e a gente não... nem...na verdade ouvia até alguém ser preconceituoso com... com alguém próximo da gente e a gente nem poderia expor nossa opinião e agora não. Agora a gente pode tá falando, mostrar que há uma diferença, né, dos tempos passados para os tempos atuais e essa aceitação minha com relação em ser negra é permanente.

Isabela: Para você a diferença entre ser mulher negra e ser mulher branca? Há diferença entre ser professora negra e professora branca?

Jeane: Menina, eu não faço acepção, eu sou desse jeito, aceito a professora branca do jeito que ela é, eu acho que vai muito de pessoa, eu acho que não há diferença, porque assim... o mesmo direito que ela tem eu tenho, se eu faço de um jeito, desenvolvo meu trabalho de um jeito e ela desenvolve de outro jeito, aí é uma questão de prática, mas eu acho que não há diferença, pelo menos assim... eu não vejo essa diferença em superioridade, nesse sentido eu não vejo, eu acho que cada um tem seu espaço e cada um pode, né, estar galgando seus caminhos, suas trilhas, né, sem precisar, é... no modo de dizer é... sem precisar desfazer de ninguém.

Isabela: Em sua trajetória escolar, em algum momento você estudou sobre a história da população negra? Das mulheres negras?

Jeane: Já sim, em sociologia no ensino médio foi bem... é, foi bem consolidado essa questão, né? E uma, que os movimentos... a professora falava muito dos movimentos, quando surgiram os movimentos, né? Negros e aí a gente assim... a gente foi aceitando um pouco mais e entendendo também a história, né? De civilização e dos movimentos

negros, e aí a gente a gente sabe que aqui em Acupe, somos além de negros, somos quilombolas, que a gente sabe que Acupe é um ponto marcante que tem um quilombo, né? Ali no Acupe Velho, então somos... é... quando a professora... a gente visitou esse espaço, então quando a professora trouxe isso a mais ou menos o que? Uns quinze anos atrás, quinze não, uns vinte, vinte e dois anos atrás. Então a gente se identificou e assim foi algo que não foi escondido da gente, né? A gente foi pra lá, a gente viveu aquele momento. Então foi falado sim, foi muito incentivado, essa professora abordava muito essa questão.

Isabela: Legal e pra você existe racismo no Brasil? Você já presenciou ou viveu alguma situação em que acreditou ter sido discriminada racialmente?

Jeane: Eu acho que sim, existe sim, infelizmente, né? A gente sabe que é... existem pessoas com pensamentos totalmente distorcido, que se acha no direito de discriminar. E eu, uma certa vez eu fui vítima de racismo no sentido assim... uma certa vez, meu filho mais velho, eu fui levar ele pro médico e aí pelo fato dele, ter a cor mais clara e o cabelo liso, né? E eu... a moça perguntou se eu era a babá, então assim... eu disse não, eu sou a mãe dele, então assim... ela disse “ah, eu pensei que você tomava conta dele”. Por que o cabelo vinha lambido mesmo; como tem aquele dizer, “lambido na testa” e a cor bem clara. Então eu fui vítima, só que aí eu expliquei pra ela, ele puxou ao pai, mas também puxou a mãe, não é porque [é] um cabelo liso, a pele mais clara vai fazer ele diferente, não, ele tem aqui, o sangue é da mãe; o rosto, se você observa bem, é da mãe, aí fui dando característica pra ela entender. E mesmo que ele não parecesse, né? É... a gente tem essa mania de achar, de julgar, né? É que porque tá bem vestido ou... não pode ser seu filho. Então aí eu também falei logo, eu disse, “não, é meu filho, puxou a mãe, tem o sangue da mãe, não é da babá, não é de quem toma conta, não, sou a mãe mesmo”, mas eu percebi que ela ficou assim... um pouco sem graça, entendeu? Porque ela... ela no modo de dizer, ela... fez... o preconceito dela, veio através

do cabelo e através da cor, então ela imaginou que eu era babá ou tomava conta e eu disse, “filho de pobre, mas bem cuidado”, que a pessoa pobre não precisa tá desmazelado, tá entendendo? Largado, então uma roupa limpa, né? Lavada, cheirosa e com todos... assim no modo de dizer, cabelo penteadinho e tudo.

Isabela: Nossa, pra você ver né? É tudo tão superficial que ela nem se atentou aos detalhes do rosto, porque vocês são realmente muito parecidos.

Jeane: É verdade, mas aí... julgou logo o cabelo liso e a cor da pele, pelo fato de ser mais claro. Foi esse momento assim que... digamos assim... que marcou nesse sentido, mas eu dei a resposta, eu acho que no momento eu dei a resposta, porque assim às vezes as pessoas que precisam entender, né, que um cabelo um pouco mais liso, uma pele mais clara, ele não deixa de ser negro, entendeu? E teve esse preconceito, essa questão do racismo, porque eu era mais escura, né, no modo de dizer, o cabelo duro e aí ela fez essa comparação, como se a babá, a menina que toma conta, não pudesse ter um filho que tivesse o cabelo liso e que tivesse a cor da pele mais clara, né? Eu aí dei logo a resposta no modo de dizer, no modo popular, eu fui curta e grossa, porque a gente tem que parar com essa questão de... se eu dissesse “não” e ficasse até assim... com vergonha, ela poderia até tomar conta da situação. Então ela percebeu que... que eu falei mesmo.

Isabela: Já vi casos em televisão, ter mulher que viu a criança branca com a mãe preta e denunciar, achando que ela tinha sido sequestrada... um absurdo.

Jeane: Porque Samuel, quando era pequeno, parecia um índio. Samuel parecia na verdade, pode ser até um índio, né? Aquele cabelo... então tinha essa questão. Já Arthur pelo fato de ter o cabelo cacheado, né, encaracolado, nunca soufri essa questão, porque eu acho que graças a deus, assim... nunca sofrer essa questão, porque eu acho que o cabelo já é mais crespo, já é chegado ao da mãe. Arthur também parece um

pouco comigo, mas eu sofri esse momento assim... que eu acho que eu fui muito... muito inteligente no modo de dizer e não... não aceitei as imposições da pessoa. E mesmo assim, ó, você vê que a forma que o preconceito vem, é tão assim... sem vergonha, é... sem vergonha no modo de dizer; que as pessoas falam... acham que têm direito de falar as coisas assim.

Isabela: Muito naturalizado, né?

Jeane: Tá entendendo? E aí pronto. Oxe eu falei mesmo. Arthur é... Samuel tava com três anos, no caso há dezesseis anos atrás que sofri essa questão do racismo.

Isabela: E há crianças negras em sua sala de aula? Há meninas negras? Como você as vê? E em que momento da sua prática pedagógica você inclui a temática racial?

Jeane: Ah sim, tem muitas crianças na verdade, assim... declaradas, né? Porque no ato da matrícula a gente... eu pego a ficha deles e aí observo como é que eles se caracterizam, né? Pardo, negro, então a maioria já se aceita como negro. E lá na sala tem vários, a gente tenta levar cantigas, brincadeiras pra estar, assim... mostrando um pouco dessa cultura, dessa origem, né, que somos descendentes, somos negros. Então é através de brincadeiras, de jogos, de cantigas que a gente leva essa questão racial, questão da identidade mesmo. A gente faz dinâmica. Engraçado que uma vez fiz a dinâmica do espelho, né? E aí uma criança, ele se olhou, ficou olhando assim... o espelho tava na caixa e eu fui chamando de um em um e aí... antes eu falei para eles: “olha, você não pode falar nada pra seu coleguinha o que é que você tá vendo aqui agora; por enquanto, mas você pode, sim, falar do que você tá vendo, você só não vai contar para seu coleguinha, por enquanto. Segura aí”. Aí ele veio na caixa, olhou, olhou e, aí disse: “sou eu lindo, lindo”. Foi coisa que ele olhava no espelho e ficava: “lindo, lindo” em casa, entendeu? Então aqui foi uma reação muito prazerosa dele, dele dizer: “sou eu, lindo”. Então assim... e os outros demais que eu fui chamando tudo, assim... a dinâmica deu

certo porque eles se identificaram, eles falaram um pouco deles, entendeu? Quem era, o que é que ele tava vendo, “como é que é, o que que você tá vendo aí”? Aí começava a falar “e tem nome? É filho de quem?” E aí eles iam contando um pouco sobre eles, nessa dinâmica do espelho. Então assim essa questão de identidade, de aceitação “e como é o cabelo?”, e aí a gente vai buscando, né? Um pouco de cada um e tentando entender cada um e eles mesmos aos poucos, né, que são crianças de dois anos, dois, três anos e então, “sou eu, lindo” e aí os outros também. E aí depois na minha sala tem um espelho e aí eles ficam dançando, ficam olhando, tem uma menina mesmo, Carla, ela fica toda hora, pega o cabelo assim, bota as tranças assim pra cima e fica olhando.

Isabela: Todas as salas tem espelho?

Jeane: A maioria, eu acredito que só duas que não tem. Essa questão do espelho a gente percebe muito que eles gostam na escola, eles amam e todas as salas que eu fiquei durante esses quatro anos, praticamente quatro, tem espelho, aí pronto! Eles amam ficar no espelho. Incentiva bastante e eles ficam falando e fazendo caretas e caras, é muito, muito legal, muito interessante essa questão do espelho.

Isabela: É muito legal mesmo, eu gosto muito de espelho, imagine espelhos na sala de aula, as crianças devem adorar.

Jeane: Por que tem o momento deles mesmo, né? Tem umas meninas mesmo que fazem de conta que estão usando batom, maquiagem, isso tudo, tem todo esse momento aí, então a gente deixa lá, eles livres assim. Tempo de chuva então, você vê coisa; quando tá chovendo que você não pode ir assim... para área externa, aí você vê coisa, eles usam a imaginação mesmo e aí eu... a gente tem...a gente tem lá um vestuário, a gente pega a roupa e deixa assim à vontade pra ver qual a intenção deles. Intencional, né? Deixar lá, então, ôxi, começa... ele vai, pega uma saia, veste uma, outro já vai pega um colar, alguma coisa, quando pensa que não tá todo mundo já. Então é muito legal assim. São muitos incentivos e a gente percebe que eles

gostam, entendeu? Se identificam, às vezes, aí o... quer que o colega dê um pouquinho do que pegou assim... pelo fato de não ter dois, três e depois aí a gente vai, dá um pouquinho, troca um pouquinho. Mas eles amam isso.

Isabela: Ai que legal, isso é tão legal, eu lembro que quando eu dava reforço também, lá no telecentro; a gente também tinha um baú de roupa, de fantasia e gente... muda tudo, os instrumentos; só não tinha espelho, que é uma coisa maravilhosa.

Isabela: Pra finalizar agora: há alguma coisa que você julga importante dizer? Pode ser uma lembrança sobre alguém ou atitudes que você julga importante e que as perguntas aqui não conseguiram captar e que você gostaria de falar um pouco mais.

Jeane: Menina, é... eu acho que a entrevista em si foi muito boa. Assim, ao longo das perguntas, a gente foi... eu pude, né, contar um pouco da minha história e... eu posso dizer assim, que eu agradeço muito a Deus, né? Chegar onde eu cheguei e eu acho pertinente, eu acho interessante a minha trajetória de vida e eu consegui chegar, né? Onde eu queria, me sinto realizada sinceramente. Por que assim... tive infância, posso dizer que tive sim, tive que trabalhar quando criança sim, ajudar meus pais e tal, depois assim... construir uma família, fazer construir uma família, me formei e fui pra luta né? Trabalhando, então assim, eu acho que até aqui, eu posso dizer que ainda tem muito o que fazer, porque meu sonho do reforço ainda pretendo colocar em prática. Mas é isso aí, enquanto, né? Enquanto professora negra da rede municipal de São Francisco do Conde, trabalhando na Educação Infantil, que é algo que eu fiz o concurso pra... pra Educação Infantil mesmo e como eu posso dizer... tá sendo algo assim... sabe quando você diz assim, “eu cheguei, né, aonde eu queria chegar. Então eu só tenho agradecer a entrevista também, as perguntas muito boas, me fez lembrar momentos inesquecíveis e é isso, minha trajetória é essa de vida. E minha aceitação enquanto negra né? Uma professora negra e que tem muitos desafios, eu

acredito, né? Pela frente. Então é isso, eu quero agradecer a você, à coordenadora também, né, Míghian e por esse [...] tão profundo, porque é algo que mexe muito com a gente, né? A história da vida da gente é muito pertinente. Então eu parabeno e agradeço também a você Isabela por lembrar de mim.

Isabela: A primeira pessoa que eu lembrei.

Jeane: Por lembrar de mim é... que de qualquer forma eu também incentivei você, né?

Isabela: Muito, muito.

Jeane: Suas irmãs né? Então teve toda uma história e aí é agradecer e agradecer e dizer que... precisamos estar unidos pra ver, pra conviver e viver numa sociedade onde a gente acredita que podemos ainda fazer um pouco mais e também não devemos perder a esperança por dias melhores.

Isabela: Verdade

Jeane: É... então o que eu tenho a acrescentar é isso.

Isabela: Obrigada, valeu.



CAPÍTULO IV

“Quando eu vi os pequeninhos mesmo, aquele afeto que eles tinham, aquele carinho, aquele contato, sabe? Eu me encontrei ali, quando eu fui para sala de aula, quando eu tive aquele contato, eu pensei que aquelas crianças precisavam de mim, entendeu?”

ENCONTRO COM A PROFESSORA KÁTIA RIBEIRO LIMA

Tempo de duração: 1 h, 15 min, 51 seg

Data do Encontro: 28 de abril de 2021

Isabela: Então, você pode começar falando um pouco sobre sua infância, onde você nasceu, cresceu, seus pais, família...

Kátia: Pronto eu... minha família de, é Santa Bárbara – Serrinha, tenho vários parentes de lá, meus pais são de Santa Bárbara mesmo e se mudaram pra cá para São Francisco do Conde, né? Meu pai começou a trabalhar e aí criou a família aqui, entendeu? A gente... eu nasci em Santo Amaro, mas eu moro... sempre morei em São Francisco do Conde. Sempre... minha infância foi ótima, foi tranquila. [O] local que eu morava era uma fazenda, então eu pude vivenciar o contato com a natureza, com os animais, então foi uma infância maravilhosa, acho que acho que o período que marca assim; a nossa vida é a infância, né? E assim... acho que quando a gente vive uma infância de forma significativa ali, você traz sempre lembranças boas e a minha foi maravilhosa.

Isabela: É verdade, e... como era a relação entre você e as pessoas mais velhas da sua família? Isso no período da sua infância.

Kátia: Ah, sempre foi uma relação assim... respeitosa sabe? Porque eu venho de uma família assim... que morava no interior, né, então, você sempre tá ali respeitando o mais velho. Uma família que sempre tá ali te orientando, né? A minha vó sempre contava histórias, sempre tinha esse período que... quando a gente ia para casa dela, contava histórias, é, brincadeiras e tal. Então sempre foi, teve uma relação assim... de respeito mesmo, de você chegar e dar bença, né, que hoje é difícil de se ver ainda acontecer nos dias atuais. Então até hoje a gente tem esse costume, essa relação de... estar a família unida, de fazer... esse período de pandemia mesmo foi complicado, porque a gente sempre reunia na sexta-feira santa, né? E lá em Santa Bárbara, e já tem dois anos já que a gente não reúne a família por causa, por conta da pandemia, mas sempre tivemos essa tradição né? De tá todo mundo junto.

Isabela: E isso é muito bom né, a gente... afeta muito as nossas relações do dia a dia, afetou demais. As relações, tudo isso. Agora, é... você pode falar um pouco sobre seus primeiros anos na escola, como foi sua entrada.

Kátia: Bom antes de iniciar a... a escola, né? Eu já sabia a ler, a ler não, tipo assim... já conhecia letras, números e... assim, sempre tive esse contato desde cedo por incentivo da minha mãe, principalmente da minha mãe, né? Ela sempre me dava livros de histórias, contava histórias. Então assim... quando eu ingressei na escola, eu já tinha uma noção sobre esse mundo da escrita, né, mais ou menos e da... da leitura também. Então... tanto que após isso, quando eu tava na primeira série, antiga primeira série que hoje é primeiro ano. No meio do ano, eu fui aprovada, ou seja, a professora relatou que eu tava numa série... que tava inferior ao meu desenvolvimento. Então ela me aprovou no meio do ano pra segunda série que seria o segundo ano, aí no final do ano eu fui aprovada para terceira, a terceira série. Então eu cursei em um ano só; dois anos, então naquele período tinha isso, né? A gente é... a Lei de Diretrizes e Bases tinha um artigo, não sei bem como era, que você poderia ser aprovada pelo seu

desempenho e hoje em dia, não. Hoje você só avança de uma série para outra parte da sua idade ou se você for aprovada no final do ano. E eu não, no meu caso foi um desempenho que eu tinha e ela teve esse processo de aprovação. E aí foi uma fase maravilhosa e eu era uma pessoa muito tímida, eu acho que isso, é... dificultou muito meu aprendizado assim. Mas eu sempre estudava, às vezes sozinha por ser tímida, às vezes eu deixava de falar as coisas que eu sabia e tudo mais, mas eu sempre estudei, sempre gostei de estudar, né? Chorava quando não tinha aula, quando chovia e aí não podia ir para escola e foi uma fase maravilhosa para mim. Sempre também estudei em escola pública, quando eu terminei o ensino fundamental, aí eu fui para o ginásio, aí acho que eu era a mais nova da sala. Sempre o pessoal falava que... “oh, essa menina nova, pequena tá aqui na nossa turma”. Eu cheguei na quinta série, tinha nove anos, aí nunca perdi de ano, só fiz uma reprovação, uma reprovação não, eu fiz é... recuperação, no período era recuperação e só fiz uma vez e foi de matemática, durante esse período só tive essa recuperação, o resto era tudo aprovado. E aí quando eu concluí o Ensino Médio, para mim era novo ainda essa questão de fazer faculdade, eu não tinha muito conhecimento, não tinha muito acesso à informação, a gente só tinha o que? Só televisão, não tinha questão de redes sociais, celular não tinha também, era difícil. Então eu comecei a fazer o cursinho de pré-vestibular aqui do município; era um curso maravilhoso, que incentivava muito as pessoas que terminavam o ensino médio a ingressar na universidade pública, [o] principal foco era esse. Então eu cursei um ano de pré-vestibular e o curso que eu queria fazer era Farmácia porque eu amava química, me dava bem na disciplina, tirava notas boas e eu falei com a Farmácia. Fiz um teste vocacional aí dentre das... dos cursos pra faculdade, pra universidade, tinha Farmácia e aí eu fiz o vestibular da UFBA; não fui aprovada e foi uma decepção né, também primeira vez, primeira experiência, aí no ano... no próximo ano, repeti de novo, né, fiz para pré-vestibular novamente. Repeti de novo e aí continuei com Farmácia na UFBA e prestei

vestibular na UNEB, de Pedagogia. Na verdade, a Pedagogia foi um incentivo, né, da minha irmã, não era uma, um desejo, não era um desejo meu. Ela falava que... minha irmã mais velha, ela falava que pedagogia era uma área fácil para você ingressar no mercado de trabalho, fácil no sentido assim... de ser mais rápido, no sentido também de passar em um concurso público também, porque era uma área que... bastante forte aqui no município. Aí eu fiz os dois vestibulares, resultado: perdi de novo em farmácia, fui aprovada em Pedagogia. Menina, você não acredita que eu chorava, eu não queria, não queria cursar Pedagogia, achava que, olha a mente da pessoa! Porque a gente, eu não tinha muito acesso à informação, eu achava que o curso de pedagogia não era mais para as pessoas mais jovens, entendeu? E naquela época eu tinha dezessete anos, aí eu queria uma coisa assim mais nova, mais atual e tal e eu achava que Pedagogia não era para mim, apesar de que eu gostava de ensinar crianças. Eu tinha primos que quem ajudava eles nas atividades de casa era eu. Eles diziam que eu tinha paciência para ensinar e minhas irmãs eram grossas, não tinha paciência e sempre eu que ajudava eles nas atividades escolares, né? Aí então cursei Pedagogia e assim... por ir, né? Não sei, é tipo assim: “ah, Deus colocou duas opções, Deus desejou que eu fosse aprovada em Pedagogia, eu não vou negar, vou continuar. Era mais por isso e não por um gosto meu e aí na mesma época eu passei no curso técnico no IFBA lá em Santo Amaro, em... é... eletromecânica, aí eu cursava eletromecânica à noite no IFBA e pela manhã eu ia pra UNEB cursar pedagogia. Aí eu fiz esses dois cursos juntos. Eu era apaixonada por eletromecânica, mas Pedagogia... poxa, menina, as aulas... porque de início, no início do curso é mais teoria, a história da educação e tudo mais. Eu achava uma chatice aquilo, questões de Lei e tudo mais. Então eu não gostava, aí terminei... quando chegou no período do estágio, aí o primeiro estágio que eu fiz foi educação infantil. Gente, primeiro contato com os alunos, primeiro contato com sala de aula foi uma coisa incrível, eu fiquei apaixonada. Quando eu vi os pequenininhos mesmo, aquele afeto

que eles tinham, aquele carinho, aquele contato, sabe? E assim... eu me encontrei ali, na... no curso foi... quando eu fui para sala de aula, quando eu tive aquele contato, eu pensei que aquelas crianças precisavam de mim, de... entendeu? Precisavam de... não somente que eu passasse... que eu ensinasse a eles, né? Que eu ajudasse eles a avançar, a construir o conhecimento deles, assim.... desenvolver. Mas precisava também de um carinho, de afeto, de atenção, precisavam ser ouvidos, né? Que às vezes os pais falam: “Ah, menino cala a boca, ai, eu tô sem tempo”. E assim eu tinha toda atenção para escutar eles. Então isso era maravilhoso para mim, aí depois fiz outro estágio, né? De Fundamental, Fundamental I. Fui pra uma escola em Salvador, uma escola num bairro bastante violento, entendeu? E assim... não foi uma experiência tão agradável, porque eu ficava bastante angustiada com situações que eu via no ambiente escolar, os adolescentes, né, então assim... muitas vezes o professor ele tá ali, mas tá fazendo o seu trabalho, mas às vezes esquece a questão do... da vida pessoal dos alunos e eu percebia isso de forma explícita. Assim, os alunos às vezes não queriam fazer um trabalho com outro, tinha preconceito, “ah, não quero fazer com fulano, porque ele é isso, porque ele é aquilo”. E assim... foi muito difícil, eu tinha feito um projeto para aplicar... para esses alunos, mas diante da situação tive que mudar tudo e fazer uma coisa que atendesse mesmo às necessidades deles e assim... foi uma coisa incrível que eu vivi ali naquela escola, porque no final do estágio os meninos não queriam mais que a gente saísse da escola, que a gente ficasse como professora dele, é... porque às vezes a gente pensa assim: crianças na educação infantil, a gente trabalha mais com a ludicidade e por que o fundamental, a gente não pode levar também isso, para trazer uma coisa mais dinâmica, mais lúdica, mais divertida para as crianças? Porque às vezes o aprender, não é só sentar ali pra você escrever, pra você ler ou prestar atenção, às vezes o aprender também é dialogar, é você conversar, é você construir junto com os alunos, né? Esse processo de ensino-aprendizagem, então eu construí um projeto de

acordo com as necessidades deles, não somente em questões assim... de conteúdos, de aprendizagens, mas também de questões é... das relações interpessoais um com os outros, né? E ele, no final do estágio, eu percebi que uns que não se falavam começavam a se falar com os outros, faziam cartinhas e tudo mais, então foi um período maravilhoso para mim. Tive muitos desafios também né?

Isabela: E você falando assim é muito complexo, a escola determina até certa idade da Educação Infantil e aí passa pra outra etapa, é como se passasse não sei quantos anos depois, só que é só um período de um ano a diferença. É como se a criança pudesse brincar até os cinco, seis anos. Depois não pode, uma criança, um adolescente de dez anos não pode mais brincar. Então é muito complicado mesmo, essa imposição que a escola coloca, a criança tem que ficar sentada, calada, lendo, escrevendo. Não tem, não tem essa liberdade e disposição pra brincadeira e a brincadeira é extremamente importante nesse processo, né? A ludicidade como você mesma trouxe; ela é fundamental na construção. E... parece que você conseguiu de fato desenvolver um trabalho de atrair as crianças, os adolescentes de fato, né? A gente tem que usar nossas armas...

Kátia: Exatamente, a gente tem que perceber também o que... as necessidades deles também, a gente tem que escutar, ver o que eles querem aprender também, às vezes a gente só quer levar o conteúdo, só que levar o conhecimento. Mas o que eles querem aprender também, eu acho que o que marca também a vida da... não só criança como adolescente, por exemplo se uma criança leva lá, um tema aí, eu quero estudar, eu tô com uma dúvida, eu quero aprender um pouco sobre o universo. E você fala: “não, no meu planejamento não tem isso”; mas você pode abrir um período para trazer o que eles querem aprender também, eu acho que isso marca a vida da pessoa. Aí chega lá na fase adulta, ele nunca vai esquecer isso.

Isabela: Eu tava pensando aqui... eu tenho certeza que você foi uma professora marcante na vida de muitos alunos. Por que marca de fato, né? E você lembra da sua primeira professora?

Kátia: Lembro, a primeira professora da Educação Infantil foi Márcia, nunca esqueci, já tive até contato com ela. Hoje somos colegas, né? Mas ela é da... do município, mas eu acredito que ela já tinha se aposentado pelo período e... mas eu tive contato com ela recentemente, eu fiz uma pesquisa também na escola que ela trabalha, né? Antes da pandemia, e aí, depois desse período, acredito que ela já tenha se aposentado, né? Na profissão. Mas ela é uma excelente professora, me ajudava bastante, ela entendia meu jeito tímido, né, mas ela às vezes questionava, “venha fazer isso aqui, venha botar...”, responder atividade aqui no quadro, que não sei o quê. Porque eu não gostava de falar às vezes, ela fazia uma pergunta, e eu sabia e eu não respondia, entendeu? E aí ela sabia que eu... que eu de fato sabia a resposta, mas eu tinha uma vergonha de falar, então ela chamar para eu ir no quadro responder, então isso... eu acho importante; o professor sempre perceber, não somente... também o jeito do aluno e tentar ajudar ele a avançar da forma que ele é, né?

Isabela: Sem a pressão do julgamento, né? Um padrão de aluno, todo aluno precisa ser dessa forma, precisa interagir dessa forma, e aí coloca todo mundo na caixinha e quando uma criança não se encaixa, é como se ela tivesse que ser distanciada do restante da turma, né? Precisa ser distanciada.

Kátia: É exatamente assim. E assim no período da faculdade também, e isso teve... de uma certa forma eu senti que me prejudicou, entendeu? Que assim... eu poderia contribuir muito, deixar a aula mais... mais assim... significativa, não só para mim, mas também como a turma toda. E assim, só no período da faculdade que eu tinha professores que eles instigavam, ele, “olhe eu vou avaliar também a participação”. Aí eu falei: “ah, não posso escapar”, aí eu tinha que começar e isso me ajudou bastante. Eu acho que às vezes

a gente pensa assim, “não, o professor talvez tá querendo me deixar reprimida”, mas não, ele tá ali querendo que você avance, que você fale, que você... independente de... de errar ou não, por que eu acho que você tá numa fase de aprendizado também, né? Então isso me ajudou bastante. Hoje eu já penso ao contrário, hoje eu já participo, hoje eu já falo quando tem até palestras, eu falo alguma coisa, que tenho dúvidas, algumas perguntas. Eu acho que isso já diminuiu bastante esse período de timidez, de não querer falar por medo ou por insegurança, entendeu?

Isabela: Sim, com certeza. Quando a gente não se sente insegura, alcançamos melhor o aprendizado, absorvemos mais. É... agora se for tranquilo para você, podemos tratar um pouco sobre questões de vida pessoal. Então quando você era criança você tinha o sonho de trabalhar em farmácia mesmo ou você tinha algum outro sonho profissional que não passasse pela Farmácia ou pela Pedagogia?

Kátia: Não, na verdade não, Isabela, entendeu? Assim quando eu era criança eu gostava muito de ler, uma coisa que marcava muito era a leitura, eu lia bastante. Mas assim, brincava de tudo, faz de conta, de professora inclusive, jornalista, vendedora, então assim... a fase infantil foi mais uma fase de desejo, de você ver algo que você... ou no outro também, né? E que você desperta aquele desejo seu, entendeu? Mas assim... a questão de cursar Farmácia, surgiu mesmo por um teste vocacional, entendeu? Por eu gostar de uma disciplina que se encaixava, mas assim... depois que eu entrei na Pedagogia, eu me descobri. Hoje eu não saio mais, não consegui sair e eu fiz assim... Outro curso de... o curso técnico de eletromecânica. Era uma área que eu gostava, uma área de cálculo, né? Bastante... e eu concluí os dois juntos, né? Pedagogia e Eletromecânica e no final das contas eu continuei com objetivo e ela não saiu mais de mim. Depois que eu... que ela que ela me achou, não fui eu quem achei. Ela me achou e eu não consegui mais sair dela e até hoje eu continuo. A área que eu amo de paixão mesmo, sou realizada nessa área e continuo, pretendo estar na sala de aula, melhorar o contato, estar na sala de aula.

Isabela: É... e que religião a sua família professava quando você era criança ou adolescente? Tipo, você frequentava algum culto religioso? Qual a importância da religião na sua vida durante, esse... esse processo e durante o seu crescimento?

Kátia: É... eu vim de uma família católica, extremamente católica, todos, os meus avós, todo mundo católico. Só que num período, numa fase da minha vida, quando minha mãe começou a... veio morar aqui em São Francisco do Conde, ela... começou a frequentar a igreja evangélica, Testemunha de Jeová e aí... a gente ficou um período tendo conhecimento sobre esses estudos, sobre essa religião, entendeu, mas assim, foi um período de muito aprendizado, porque até hoje a gente recorda de coisas, que a gente estudava naquela fase, né? Na infância, várias histórias religiosas que até hoje eu me recordo. Foi um período que marcou bastante assim... a minha infância. E assim... seguindo... a gente mudou porque minha família toda é católica e a gente voltou novamente às raízes do catolicismo. E até hoje eu fiz... fiz primeira comunhão, fiz crisma, e assim... pretendo casar também. Eu acho assim minha família toda vem nesse, essa estrutura sabe? De que... seguir toda essa trajetória. Então primos, irmãs, todo mundo segue essa mesma trajetória. A gente frequenta a igreja católica também, todo mundo da família.

Isabela: Ai, nem percebi, tava falando com o microfone desligado. Eu desligo quando você fala porque sua voz sai mais limpinha. Mas assim... o que você poderia estar fazendo hoje profissionalmente falando, se você não tivesse optado por ser professora de educação infantil. Assim o que talvez, provavelmente, se a Educação Infantil não tivesse te encontrado, o que provavelmente você estaria fazendo?

Kátia: Bom, como eu te falei do curso que eu fiz de Eletromecânica, era uma área que eu queria bastante seguir, né? Eu cheguei a... não cheguei a fazer estágio na área, mas é... era uma área também e eu pretendia fazer engenharia elétrica e eu acredito que se.... porque quando eu terminei o curso de Eletromecânica, que eu fiz Pedagogia,

aí eu fui aprovada logo no concurso público. Eu parei assim que eu terminei a pedagogia, aí eu fiquei sabendo do concurso público de São Francisco do Conde, aí então eu me dediquei para ser... para ter essa aprovação, aí eu falei: uma facilidade de trabalho também, na minha cidade, né? E ainda concursada e aí eu parei de seguir o curso de Eletromecânica e fui para outra área. Se não fosse isso, com certeza estaria seguindo os passos do outro curso, né? De eletrônica, eu ia tá procurando estágio ou procurando emprego na área, entendeu?

Isabela: E em sua opinião o que pode ser feito para o trabalho em Educação Infantil ser mais satisfatório? E em termos gerais de políticas públicas a atitudes mais cotidianas, o que satisfaz você no seu trabalho e o que pode deixar você desanimada?

Kátia: Bom, o que me deixou desanimada na área da Educação Infantil? Eu questiono muito em relação à estrutura da escola pública, entendeu? Porque não tem aquele suporte adequado para você fazer um trabalho satisfatório com as crianças. A sala de aula é lotada, a gente tem poucos profissionais e é um corre-corre, de você dar conta de tudo, então acho que falta também tempo de... de tudo mesmo, tempo para criança, como eu trabalho em creche, tempo da criança ter seu período de acolhimento, de ter seu período de alimentação, do sono, de ter seu período de descobertas, né? Porque a gente não tem. E assim... eu queria fazer um trabalho melhor, mas a estrutura da escola não contribui, eu queria ter uma escola com local, assim... livre pra criança descobrir. Com locais de natureza, com a natureza assim... pra criança tá criando, brincando, porque assim também ela aprende. Porque na minha infância, eu tive esse... essa vivência. Eu brincava muito, fazia comidinha de planta, essas coisas, subia em árvores e assim... eu vejo as crianças presas dentro de casa, no celular, nas telas, nos jogos, então eu acredito que a curiosidade, a imaginação, a questão também do criativo, né? A criatividade da criança é mais despertada quando ela vive aquele momento, quando ela tem um período para se descobrir. E quando a gente não traz isso, acho que isso inibe muito esse... esse aspecto

de desenvolvimento da criança, entendeu? Então isso me incomoda muito, eu tento fazer um trabalho melhor com que tem ali acessível para mim na... na escola, mas é uma coisa que me incomoda bastante ainda, em relação à estrutura da escola pública e assim... uma coisa que me motiva muito é tá sempre fazendo melhor, buscando fazer o melhor pros meus alunos e escutar eles também, tem um período para... para gente ter um momento assim... de mais afetividade também e assim... às vezes as pessoas acham, “ah, professora de Educação Infantil é babá”, eu já ouvi falar isso, professora de Educação Infantil só serve para brincar com as crianças e não é assim, não, acredito que Educação Infantil é uma fase de viver as infâncias né? De descoberta, da criança estar desenvolvendo suas habilidades e se descobrindo, criando sua identidade, então a gente precisa ter... ter um conhecimento para despertar isso neles, para que eles possam vivenciar tudo isso. E assim, muitas vezes a gente vê no ambiente escolar que a criança não tem esse... esse mesmo ambiente que eles têm na escola. Eu tinha um aluno que ele chorava para não ir pra casa, ele queria... tive um período que eu levei ele umas duas ou três vezes, eu cheguei a levar ele para casa, porque ele morava vizinho da escola. Então ele grudava no meu pescoço sem querer sair, que ele não queria ir com a mãe porque não queria ir para casa. Porque ele tinha um momento ali, de acolhimento, o momento que você sentava, escutava ele que, você brincava com ele, mas que ele também tava ali se desenvolvendo. Às vezes até observando a criança está aprendendo, às vezes até brincando a criança está aprendendo e na Educação Infantil é assim. A criança aprende brincando, aprende interagindo, aprende dialogando com outro, entendeu? Então eu tenho buscado fazer esse tipo de trabalho, né? Não da educação infantil, não somente possibilitar que o professor leve o conhecimento para o aluno, mas que você traga isso de uma forma que você construa junto com aluno os conhecimentos, como professor mediador e não como o detentor do saber. Entendeu?

Isabela: Com certeza, eu acho... caramba, o pensamento e a visão é muito preconceituosa.

Kátia: É... até os dias atuais, imagine, a gente escuta esse comentário.

Isabela: De babá, de cuidadora.

Kátia: E olha que isso vem também dos pais

Isabela: Limitando todo um trabalho, a pessoa passa anos estudando, tentando encontrar formas de mediação para melhorar o contato com as crianças, pra tudo isso ser limitado a apenas o cuidado, como se você tivesse tido contratada pra ser uma babá, como se todo seu trabalho pedagógico não valesse de nada.

Kátia: E a gente faz um trabalho assim... nesse diálogo com os pais, para explicar essa situação. Sempre faço, quando tem reuniões pedagógicas com os pais, eu sempre mostro o trabalho que está sendo desenvolvido, peço para eles em questão das crianças, o que eles têm aprendido na escola. “O que você aprendeu hoje? O que a pró ensinou hoje? O que você tem... tem... o que é pró fez hoje que você gostou? O que você não gostou?”, enfim, ter essa liberdade de tá dialogando com seus filhos, de tá levando também; questões pra gente trabalhar com eles na escola, entendeu? Então eu sempre tenho... é... tendo essa possibilidade de apresentar os pais esse trabalho pedagógico, para que eles reconheçam que a Educação Infantil não é só brincar, não é só cuidar, mas também tem muitos aprendizados, muito conhecimento ali que os alunos vão levar para vida toda, né?

Isabela: Pois é, é exatamente isso. Isso é até violento, inclusive com as próprias crianças, porque as crianças chegam em casa na maior empolgação, “olha, aprendi isso, olha o que eu sei fazer”. E aí não tem aquele retorno e é por isso que muitos, dependendo da relação com o professor, muitos acabam se apegando muito ao professor, né? Porque a escuta, o cuidado com a escuta, então eles vão estar ali, sempre sendo escutados. E quando chegam em casa com as atividades novas, “olha o que eu aprendi a fazer”. E às vezes olham assim e não dão a mínima atenção. Às vezes a relação com os pais chega até

ser traumática, né? Eu escuto algumas pessoas falando que o maior problema em ser professora é os pais. Acho que a gente precisa...

Kátia: Tem esses fatores também. Mas se você tiver um diálogo com eles, eu acho que esse é o fator principal, entendeu?

Isabela: Isso, a forma como a gente vai mediando, né? Acho que tudo parte da mediação, do diálogo, né? Por isso que as reuniões são tão importantes, as conversas, é um trabalho em conjunto, né? O professor... a professora, não vai tá trabalhando sozinha na escola. Tem toda uma estrutura escolar, tem a estrutura familiar e pra de fato a gente conseguir desenvolver trabalhos potentes, a gente precisa dessa contribuição, do retorno, né? É... você enxerga alguma relação entre o trabalho que você desenvolve na sala de aula e o que você aprendeu na universidade? Tipo, você consegue encontrar relações?

Kátia: Olha, algumas coisas a gente consegue se identificar. Por que a gente precisa da teoria, né? Para se apoiar na prática, então a gente não pode ficar... viver assim... fazer um trabalho solto. A gente precisa ter as diretrizes, a gente precisa ter os referenciais, a gente precisa partir de algo, então assim eu acredito que a teoria sim, contribui bastante, porque sem a teoria, não a prática e de forma... uma coisa se correlaciona com a outra e assim... mas tem coisas que você vai vivenciar mais uma prática. E, por exemplo, quando eu comecei o meu primeiro contato com a sala de aula, eu fiquei um pouco perdida, entendeu? Eu não ia chegar e encontrar algum livro, algum teórico explicando passo a passo pra eu fazer, né? Então eu fui aprendendo com a turma, fui aprendendo com a turma de acordo com a vivência de cada um. Aí a gente vai elaborando nossos planejamentos, nossos planos, nossos projetos, né? E... com os conhecimentos prévios deles também a gente constrói um ramo de conhecimento pra ser abordado na sala de aula. Mas a teoria em si é de suma importância também, porque ela apoia a prática. A gente precisa da teoria pra tá fazendo um trabalho também significativo, um trabalho, é... que traga sim resultados positivos também, não só para nossa... não

só pros alunos, mas para nossa prática também. Porque assim... a gente precisa refletir, as vezes eu faço é... esse período mesmo de pandemia eu refleti muita coisa que eu fiz lá na... na aula presencial e que eu trago para mim como algo que eu vou modificar, que eu vou ampliar, que eu vou fazer de forma diferente, entendeu? E tudo isso partiu de estudos teóricos, principalmente.

Isabela: E como você avalia o curso que você teve na graduação e no Ensino Médio?

Kátia: Vamos supor assim... a graduação ela, a formação inicial do professor, é só o primeiro contato, é só que eu não se fosse assim... o básico, a gente precisa correr atrás para que se a gente querer ser um profissional melhor, ou quer fazer um melhor trabalho, a gente precisa avançar, a gente tem que continuar estudando sempre. Eu acho que conhecimento é tudo e de acordo com as mudanças que vem ocorrendo em nossa sociedade, a gente precisa tá de encontro a isso, né? Então de fato a formação inicial, ela não contempla nossa prática profissional, a gente precisa ampliar muitas coisas ainda, então é necessário mesmo o professor... o profissional, qualquer um que seja, buscar uma formação continuada, se aperfeiçoar mais ainda em relação aos aspectos que você... que são essenciais ao seu trabalho, entendeu? Então muita coisa que eu... muita coisa eu não vi no período da graduação e que houve depois, eu vi tanto na prática, né, que depois eu fui lá buscar. Tinha situações que eu vivenciava com os alunos que eu tinha que pesquisar para aprender, para fazer um trabalho melhor. E assim... e a educação continuada também é, principais fatores que influenciam nesse... no crescimento profissional, né? Eu acredito muito nisso.

Isabela: E assim... qual sua maior dificuldade e sua maior facilidade no seu trabalho na sala de aula?

Kátia: O ano passado, o ano passado não, o ano retrasado, né, que o ano passado foi pandemia. Eu recebi um aluno autista então, assim... foi um desafio imenso, eu tinha muita dificuldade, aí eu parei para pensar... e no período da minha graduação eu não tive nenhum estudo

sobre o autismo, eu tive um leve estudar assim... sobre a educação inclusiva como um todo, entendeu? Então, assim... libras também, eu tinha uma disciplina de libras e uma de educação inclusiva, mas assim... foco no autismo, conhecer o autismo, eu não sabia, não sabia como era o... as atitudes desse aluno, o comportamento desse aluno, como esse aluno poderia reagir? O que eu poderia fazer para acalmar ele em momento de difícil que ele estivesse vivenciando no momento de crise? Então eu precisei ter o apoio da... da família, né? Para conhecer ele primeiro e depois observando ele, ouvindo ele, eu comecei a conhecer suas características mais marcantes assim... do autismo. Mas eu precisei pesquisar, precisei ir... para buscar informação sobre autismo que eu não conhecia, buscar como eu poderia desenvolver um trabalho com ele, né? Como eu poderia criar um... um.. ter um suporte assim... para criar uma fase de interação. Por que as crianças autistas, elas não interagem muito com o outro, entendeu? Então eu tive que criar estratégias pra tá fazendo com que ele se desenvolvesse, com que ele ampliasse suas habilidades dele, com que ele avançasse. Ele era um aluno que, ele não tinha muita sensibilidade ao toque, entendeu? Aí eu tinha que tá... eu não ia deixar isso passar. Se ele não tem sensibilidade ao toque, eu ia evitar ele? Ele ter... não vivenciar isso? Mas eu fui deixando com que ele mesmo se descobrisse e assim, não forçando. Se uma criança que não tem aquele... se ele não se sente bem com algo que ele acha que é nojento, enfim, uma tinta, por exemplo, que no período era. Ele não... às vezes eu fazia atividades com as tintas, para pegar com os dedos e ele não queria, ele sentia nojo, ele pegava o pincel, mas assim... chegou um período que eu fui trazendo objetos que para ele eram significativos como por exemplo, um carrinho, que ele amava carro. Então ele fazia pintura com carrinho, ele botava o carrinho lá na tinta e fazia os percursos dele com a tinta. Logo depois o menino já tava mexendo na tinta. Então eu deixei ele livre pra ele... para ele se descobrir, pra ele ampliar as questões assim... vamos supor, esqueci até agora a palavra, as questões que ele... que é satisfatório

pra ele, vamos dizer assim, né? E ele foi ampliando tudo isso até que ele chegou numa fase, que ele já tava lá com a tinta usando os dedos, enfim, eu não ia permitir, né? Eu acho como professora, deixar uma criança de vivenciar isso, porque ele não gostava, porque ele não se sentia bem e quando chegasse na fase adulta, quando ele passasse por um período que ele precisasse fazer isso. Então falei, “não, vou deixar ele livre no momento certo ele vai lá fazer a pintura dele e ele vai usar as mãos”, para ele avançar nesse sentido, porque a gente precisa criar estratégias para que eles possam se desenvolver mais ainda e não retrair isso, então... foi um desafio mesmo, foi uma coisa que eu não tinha feito antes, que eu não tinha experiência, que eu não tinha conhecimento sobre autismo. E hoje eu tô... eu me ingressei num... numa pós-graduação de educação inclusiva, né? Para aprender mais sobre isso. Porque a gente tá recebendo crianças, é... com necessidades especiais, né, nas escolas. A gente tem uma criança lá com síndrome de down, a gente tem mais outra criança com autismo, então a gente precisa tá preparada para receber esse público

Isabela: E pensa que nunca é suficiente, né? Um componente na universidade de LIBRAS ou de educação inclusiva, ela nunca vai contemplar de fato as necessidades práticas, né? Por isso que é muito importante a gente continuar buscando. Muito legal você tá fazendo o curso de pós-graduação em educação inclusiva. Eu acho que... eu acredito que esse é o caminho, né? E é incrível como a gente aprende com as dificuldades, né?

Kátia: Né, o que menina? A gente sai pra pesquisar, a gente sai para conhecer. Eu ia direto para internet, pesquisar situação de como trabalhar com ele, entendeu? E aí ele também foi me ajudando, fui conhecendo ele e ele foi me ajudando.

Isabela: É... agora a gente vai tratar um pouco sobre questões raciais. E você pode falar um pouco sobre como você se sente sendo mulher e negra.

Kátia: Olha hoje, na nossa sociedade não é fácil, né, ser mulher e não é fácil também ser mulher negra. A gente sofre muito preconceito ainda com isso. E assim... no período... nesse período a gente vê as mulheres ocupando seus espaços, que antes não ocupavam e isso é uma avanço, isso é... uma luta, né, que a gente tem até hoje e assim para mim... eu nunca sofri nenhum tipo de preconceito, nenhum tipo de racismo assim... explícito, nunca senti, mas assim, a gente consegue ver várias situações na televisão, a gente vê várias situações do nosso dia a dia, nosso ambiente de trabalho que às vezes a gente sente sim, entendeu? Então é difícil ainda ser mulher em nossa sociedade preconceituosa e racista. É difícil ser mulher negra também, são várias questões que influenciam, desde as atitudes, comportamento, até os aspectos físicos, né? Então é é um processo ainda de construção, um processo que... de luta e que vamos chegar lá ainda, ou melhor já chegamos. Temos que ocupar os espaços mesmo, né?

Isabela: É, continuar avançando, né? E pra você há diferença entre ser mulher negra e ser mulher branca? Há diferença em ser professora negra e ser professora branca?

Kátia: Olha, eu posso dizer assim... no meio ambiente de trabalho, como eu trabalho em escola pública, eu trabalho com público que é a maioria são mulheres, né, praticamente noventa e nove por cento são mulheres e assim... todas, a maioria também são negras, eu posso dizer assim... que na cidade que eu... que eu moro na cidade, que eu trabalho, é esse público, então eu me reconheço neles, eles se reconhecem em mim. Mas assim... há essa diferença na nossa sociedade. É... no ambiente escolar também, não posso dizer somente com os profissionais que estão ali porque... por exemplo; tenho colegas que já sofreram preconceito em escolas particulares por ser negra, entendeu? Então é uma coisa que acontece nos dias atuais ainda, tá acontecendo hoje ainda, entendeu? E... e assim, são coisas que a gente precisa conhecer, aprender mais, para não... por que preconceito é quando você não conhece algo, aí você cria uma situação também disso, por não conhecer, então eu acredito que temos... que muito

que avançar em relação a isso, a gente tem que ocupar mesmo os espaços, a gente tem... temos que mostrar que estamos aqui e chegamos. E mostrar... mostrar para que viemos e... é isso.

Isabela: E em sua trajetória escolar, em algum momento você estudou sobre a população negra, sobre as mulheres negras?

Kátia: Olha, no Ensino Médio eu tive esse período de formação, né? Eu tinha disciplina que era do estudo da África, não me lembro, não me recordo o nome da disciplina. A gente estudava os aspectos históricos da África também e... e da cultura indígena também. A gente estudava e assim... no meu período de graduação eu só tive uma disciplina, que era educação étnico-racial e trabalhava muita questão histórica mesmo e em relação à prática da sala de aula, a gente tem mesmo que se adequar com que a gente tá vivenciando, né? Porque é diferente do que a gente aprende, eu acho que deveria focar mais, né? Trazer mais essa formação também porque são coisas que a gente vive no nosso dia a dia. Às vezes a gente não sabe nem como pronunciar em relação a isso. A gente não sabe, não tem conhecimento pra falar, a gente não tem conhecimento para agir em determinada situação por não ter conhecimento, entendeu? Então eu acredito que na minha graduação faltou muito essa formação sobre a educação étnico-racial, deixou muito a desejar, né?

Isabela: E no período que você estudava... assim, eu acho que São Francisco do Conde é uma cidade, é um lugar que tem a cultura muito potente, né? Os grupos culturais, a cultura em si. Você perceberia que seus professores ou professoras trabalhavam com essas temáticas na sala de aula? Assim, sem estar tratando no período de consciência negra, períodos temáticos. Tipo assim... no dia a dia era tratada essas questões culturais?

Kátia: Não, era mais no período de consciência negra, era mais é... em datas comemorativas mesmo. Questões históricas e quando acontecia também o período da... do aniversário da cidade; se eu não me engano, tem uma data que comemora alguma coisa, que a gente traz

a cultura são franciscana também nas escolas. O carnaval mesmo daqui, que traz bastante a cultura, os meninos de lama, é... o samba, então a gente discutia muito essa questão histórica do município também. Mas era por período, aí você fazia esse estudo, parava e vinha outras, entendeu, era mais por datas comemorativas mesmo.

Isabela: É, quem sabe um dia a gente consiga avançar um pouco mais nisso também, né? Por que a cultura de São Francisco do Conde... eu sou de Acupe, né? Temos também um polo cultural muito potente, e quem sabe um dia a gente consiga trazer tudo isso pra realidade da escola assim como é nossa realidade cotidiana, né? As crianças vivenciam a cultura, os adolescentes vivenciam a cultura no seu cotidiano, e quem sabe a escola consiga também.

Kátia: Tem é... essa situação já foi discutida em planejamentos que a gente teve na escola, né? Porque só trabalhar isso na consciência negra? Por que trabalhar isso só no carnaval? A cultura de São Francisco, a gente tem o ano todo para estar falando isso. A gente tem situações que a gente vê no nosso dia a dia. Por que a gente não pode trazer também para sala de aula, entendeu? Então a gente tava com essa visão de quebrar mesmo, de criar projetos de identidade mesmo das crianças o ano todo, entendeu, não somente em datas comemorativas.

Isabela: E pra você, existe racismo no Brasil? Você já presenciou ou vivenciou alguma situação em que acreditou ter sido discriminada racialmente?

Kátia: Olha, com certeza existe racismo no Brasil. É óbvio, é explícito de todas as formas, né? E a gente percebe o que? O cabelo, a cor da pele, entendeu? Até a sua... deixa eu ver, se eu lembro a palavra, até o sotaque também, entendeu? Você, de região... entendeu? E assim recentemente eu tava vendo uma... um... no *Big Brother* Brasil, a mulher falando... ela é advogada, mas só por ela ser de um local do interior e ela tem um sotaque nordestino, as pessoas acham que ela é inferior, que ela é imatura, que ela não sabe de nada e não sei o

quê. Então nos dias atuais acontece isso e eu já presenciei situações assim também, entendeu? Já vi situações de pessoas que por ser... uma colega minha me falou também uma vivência dela, né, que ela foi no banco, tava cheia de sacola de mochila, e ela tem a pele mais clara e ela entrou e teve uma pessoa que tava com mochilas também, sacola... e foi revistada por ter a pele mais escura, então é um absurdo, isso parte também da própria pessoa negra, né? O próprio negro também pratica racismo, entendeu? Por não se conhecer, por não se aceitar, por não conhecer a sua identidade, então assim eu trabalho muito isso na sala de aula, para que os alunos se reconheçam, pra que eles construam sua identidade, para que eles tenham, assim... tenham assim algo de si, das suas raízes, entendeu, e não tá vendo algo, fazendo algo do outro ou pelo outro, entendeu? Mas é difícil, são coisas que acontecem mesmo no nosso dia a dia, a gente vê e parece que os dias de hoje tá pior porquê... em cada esquina, em cada local a gente vê coisas absurdas.

Isabela: É... e há crianças negras na sua sala? Meninas? Como você as vê?

Kátia: Olha, meninas negras e meninos, né? Eu tive um aluno que ele... tipo assim, a gente trabalha muito com contação de histórias, então eu sempre trazia as histórias de personagens negros pra eles, né e assim... teve um dia que um aluno falou assim... de três anos, é uma criança muito esperta, bem observadora e aí ele falou... e ele fez essa relação com a história da ovelha negra. Se eu não me engano, o nome era esse. Ele fez uma relação da ovelha negra com ovelha branca e aí ele chegou em casa e comentou isso com a mãe, que “essa história que a pró contou”, da ovelha negra e tal. E aí no outro dia, a mãe me questionou se se ele tinha sofrido algum preconceito, algum... racismo na sala de aula, se algum coleguinha falou da cor dele. Aí eu fui e parei para pensar, eu falei imagine uma criança que tá construindo agora, né? Uma criança inteligente que teve essa relação, uma criança muito esperta, curiosa que teve essa relação, por que às vezes a gente conta uma história ao aluno. Vê o

personagem assim... mas não consegue identificar essas situações e ele conseguiu e passou para família, ele percebeu porque ele tem a pele mais escura, ele é negro, a mãe é e o pai é. E assim, alguém da família dele já tem a pele mais clara, aí ele achou, “ah, fulana é branca e eu sou preto”. Ele falou bem assim: “fulano é branco”, eu não me lembro quem, foi alguém da família que ele citou. “Fulano é branco, porque fulano é branco e eu sou preto?”. Falou com a mãe e contou a situação da história, né? Aí eu falei para ela que eu expliquei a ele também, né? Outro dia que ele chegou na escola, eu expliquei a ele que a gente, que a gente vem... somos a nossa identidade, né? Nosso fenótipo, a nossa... falei em outras palavras, né? Somos parecidos os nossos pais, né? Você é igual ao seu pai, você é igual sua mãe, se seu cabelo é dessa cor, sua mãe tem o cabelo igual ao seu, se sua pele é dessa cor; seu pai e sua mãe tem a pele igual ou parecida com a sua, então você é igual seus pais. A sua existência, sua formação como ser humano parte também da sua família, da sua construção familiar, entendeu? Então assim para mim, não tem só a diferença, entendeu? Apesar de que, a gente vê que crianças de três anos reclamam do cabelo, crianças de três anos possam reclamar da cor da pele, porque ela vive isso também no dia a dia, na sua casa, porque a gente vê crianças, “ah, mãe meu cabelo é duro”, fala dessa forma mesmo; “meu cabelo é duro e de fulana é bom, é liso”. Quer passar alguma coisa no cabelo porque a mãe passa também, entendeu? Mas assim... eu não vejo isso, apesar de existir isso, mas eu não trato isso com diferença, entendeu? Mas se acontecer alguma situação assim, claro que eu vou tá ali mediando, que eu vou tá ali explicando a ele, conversando tudo direitinho.

Isabela: E em que momento da sua prática pedagógica você inclui a temática racial?

Kátia: Olha, lá a gente... planejamos na escola projetos que a gente traz diariamente, não só contação de história, a gente faz... trabalha com a identidade também, para que a criança se reconheça, para que a criança se aceite da forma que ela é, né? E... músicas, a gente traz

também através da cantiga de roda, instrumentos musicais. Porque a gente traz a história, né, desses instrumentos, a questão da cultura da do município também, é a culinária, quando a gente traz a culinária, a gente leva os meninos pra provarem os alimentos. De onde surgiu? Qual a origem? Dos negros que trouxeram isso, a feijoada e tal. Então, trazendo situações do dia a dia deles, né? Alimentos que ele come no dia a dia, a gente traz questões históricas também. Apesar de serem crianças de três anos, de dois anos, que não tem assim um... vamos supor, que não tem uma... uma noção assim... maior de reconhecer essas situações, mas que para eles assim... ali é significativo, o que eles falam, “ah, tal coisa os índios que criaram”. E assim a questão indígena mesmo é... até hoje eu fico abismada com várias situações que acontece, o dia do índio. Recentemente eu vi professores questionando, até mesmo através do ensino remoto, mandando os pais pintarem os alunos de índio em casa e tal, entendeu? E assim são avanços de anos que já tivemos e ainda existe esse tipo de trabalho nas escolas, entendeu? Então eu mesmo quando... eu passei a vida toda, minha infância toda sabendo que os índios moravam numa oca, que os índios, que os índios andavam seminus e tal, que só viviam pescando, plantando. E assim depois que eu comecei a ingressar na faculdade, aí eu tive que colegas que tinham parentes indígenas que estavam na universidade inclusive, entendeu? Então a gente vê outra visão que na verdade sempre existiu, né? E que existe esse estereótipo que o povo ainda cria sobre os indígenas, então na escola a gente precisa tirar isso, a gente não precisa mostrar o índio para uma criança, a gente precisa mostrar o índio lá na sala de aula, o índio lá em seu ambiente de trabalho também né? É importante a gente tá trazendo essas situações para ele, para distorcer toda essa situação de que pintar... de que no dia dos índios tem que tá pintado, né? É complicado, é uma luta ainda que fazemos. Inclusive é difícil, é muito difícil ainda porque eu vejo profissionais mesmo em pleno século vinte e um, com todas as informações que tem aí, né, e fazendo ainda esse tipo de trabalho.

Isabela: Chega até ser ridículo, né? Eu acho... eu me lembro também quando eu estudava, dessas situações, de colocar pena de galinha, de pintar o rosto com tinta guache, às vezes as crianças tem até alergia à tinta, cria irritação na pele, além de machucar o corpo da criança com tintas que talvez sejam tóxicas, ficar com penas de galinha, penas de pássaros, de expor a criança daquela forma. Ainda machuca a historiografia indígena do Brasil. É... gente... eu acho que vi na televisão também, alguns professores pegavam... o estereótipo do índio e pediam pra pintar as crianças e as crianças tinham que tá na tela da aula remota, pintadas com tinta, com penas. Seria muito mais potente apresentar um trabalho verdadeiro, né?

Kátia: Exatamente. Com certeza e assim... eu passei um período com esse pensamento, de que os índios eram assim, só viviam assim entendeu, então pra gente desconstruir isso é... é um processo mesmo.

Isabela: A gente hoje pode dizer que tem, né, uma estrutura onde a gente possa se sustentar, né, tirar o estereótipo, as leis tão aí pra isso. E a gente precisa se debruçar mesmo, o tempo todo, pra poder desmistificar, sair desse processo estereotipado do que é a cultura indígena, do que é a cultura negra. Eu me preocupo muito de verdade quando... quando a gente tá trazendo questões indígenas. Hoje em dia existem muitas... é muito pautado, né, as questões raciais, questões negras, mas ainda sinto um pouco enfraquecido o debate em torno das questões indígenas.

Kátia: Com certeza, demais. Eu mesmo, eu vejo que eu preciso aprender mais também sobre as questões raciais, né?

Isabela: É, acho que a gente tá nesse processo de continuar aprendendo, né, a gente aprende pra nós, a gente aprende pro outro, a gente aprende em conjunto e é isso que vai manter a gente forte pra continuar, né? E assim.... há alguma coisa que você gostaria de dizer que não foi dito? Ou uma pergunta que gostaria de ser respondida que foi perguntada, alguma questão, assim... que seja importante trazer.

Kátia: Eu achei seu trabalho maravilhoso, as perguntas que você fez assim... eu parei pra me recordar de situações que eu vivenciei, tanto na minha vida pessoal, né, como na minha vida profissional, então foi maravilhoso. Eu achei que teve coisas que você nem ia perguntar, que perguntou, que eu tive que ficar me recordando, né? Foi maravilhoso, foi excelente. Não tenho nem o que dizer.

Isabela: Ah, eu que... nossa, foi muito bom conversar com você, gente eu acho incrível como a gente consegue se conectar né, você lá em São Francisco do Conde, as histórias se cruzam, né? A relação da infância, do brincar, o primeiro contato com a professora, da vergonha. A gente consegue criar essas conexões a partir da outra, né? A gente consegue se perceber. Eu acho isso excepcional, a gente não se conheceu pessoalmente, presencialmente ainda, mas ainda vamos ter essa oportunidade. A gente pretende continuar com os encontros e após a transcrição da entrevista eu vou mandar pra você. Aí você vai ver, vai ler, se você acha que tem alguma coisa que é interessante tirar, você solicita a retirada, ou que você queira acrescentar alguma informação, a gente acrescenta também. Porque é isso né, a gente não quer fazer um trabalho só por fazer, não é só isso, a gente quer de fato criar essas conexões de ouvir, a gente sabe o quanto é importante ouvir. As crianças precisam dessa atenção auditiva, a gente também precisa, o lugar da professora negra também precisa dessa escuta.

Kátia: E a gente precisa levar isso para a formação, levar a temática para a formação de profissionais, de professores. Eu acho importante que a UNILAB, ela esteja também... já está na sala de aula, né? Eu já recebi inclusive estagiários lá no trabalho, acho que no período antes da... acho que no ano retrasado. Recebi uma estagiária lá da UNILAB, foi maravilhoso as trocas, entendeu? Ela trouxe várias coisas que eu não conhecia também da cultura africana, entendeu? Então eu acho que precisa também ter essa conexão quando voltar às aulas presenciais também, né? Se vocês quiser também, no retorno das aulas presenciais, a gente poderia também tá fazendo um trabalho

lá... sei lá... fazer alguma coisa para as crianças, né? E eu acho interessante a gente tá sempre nesse ciclo de busca, de avanço e tal e de formações nessa área que até eu também preciso.

Isabela: E era essa a ideia, né? A gente se encontrar na sala de aula, propor atividades em conjunto, a forma como a gente vai se relacionar com as crianças, né? E eu acho muito importante também de fato, a presença da UNILAB tá fortemente em São Francisco do Conde, ao redor, em torno do recôncavo onde está localizada. Isso é fundamental até para poder sustentar a base da UNILAB e para poder criar uma relação de muito mais proximidade com a comunidade, né?

Kátia: Reforçar também a cultura daqui. Eu tenho percebido que a UNILAB tem contribuído bastante com isso.

Isabela: Verdade e esses projetos de extensão, projetos de pesquisas, eles precisam não só estar presentes nesse lugar, eles precisam de fato se estender, né? Vivenciar de fato qual que é a realidade, trazer São Francisco do Conde de fato pra universidade é uma forma de manter a universidade mais viva, é fundamental para a existência da UNILAB. A UNILAB não existe só porque dos estudantes, a UNILAB existe porque São Francisco do Conde existe.

Kátia: [...] A gente aprende bastante com outro mesmo. Eu fiz uma pesquisa mais... no meu TCC foi mais direcionada às tecnologias, ao uso das tecnologias, então assim... hoje nesse período remoto eu percebo quanto aquele período era... era importante. É uma formação e hoje a gente vê o quanto a gente tá perdido, né? A gente teve um período para... eu fiz uma pesquisa para... referente à educação básica e ensino superior sobre o uso das tecnologias e as minhas pesquisas serviram como base para um curso de formação pros professores, mas e os professores.... do ensino superior, mas e os professores da educação básica? Principalmente agora que tá vivenciando um desafio, de estar utilizando as tecnologias... usando as aulas remotas utilizando as tecnologias, né? Muitos aplicativos de aulas que não sabem utilizar, é um avanço e assim... esse trabalho é maravilhoso.

Amei participar da entrevista, mesmo que de forma *online*, né? Eu amei. E assim as questões que você trouxe foram maravilhosas. Eu tá aqui comentando, apresentando para você. Ótimo, desejo muito sucesso na sua pesquisa e na sua vida profissional também.

Isabela: Na verdade, o nosso trabalho, né? É o nosso trabalho.

Kátia: É, é o nosso trabalho, porque eu também faço parte.

Isabela: Realmente, nossa... quem diria que esse formato, né, seria o formato, o único formato viável de trabalho, para estudo.

Kátia: E deu certo né? Tá dando certo. Temos que se adequar com as situações, que estamos vivenciando.

Isabela: Poxa, brigada, mesmo viu, brevemente a gente vai se encontrar. Quem sabe, até [o] início do próximo ano as coisas já estejam mais tranquilas e a gente consiga se encontrar, para propor atividades, a gente também tem essa ideia de escrever artigos, de apresentar, de ouvir vocês em trabalhos, em seminários, porque esse trabalho é a fala das professoras, é a sua fala, então é o que tá dando... é o que tá dando o suporte, é o que tá dando consistência, o que tá dando forma ao trabalho. Então é um trabalho que a gente tá fazendo com muito, com muito... com muito amor mesmo. É bom a gente fazer as coisas com gosto.

Kátia: Ah, eu vou querer, sim. E quando a gente gosta do trabalho, ele flui, dá certo, você se apaixona [...]. E assim eu acho importante; porque às vezes a gente começa o ano letivo abordando várias temáticas em jornadas e seria um tema essencial para formação dos professores, né? As questões raciais, né? Seria ótimo a UNILAB também tá... tá com esse vínculo com a secretaria de educação, trazendo formações também nesse âmbito dos professores; porque eu preciso, não vou mentir, eu preciso, verdade.



POSFÁCIO

*A memória bravia lança o leme:
Recordar é preciso.
O movimento vaivém nas águas-lembranças
dos meus marejados olhos transborda-me a vida, salgando-me
o rostoe o gosto.
[...] mas os fundos oceanos não me amedrontam e nem me
imobilizam.
Uma paixão profunda é a boia que me emerge [...]
Conceição Evaristo, 2008¹*

A motivação para a escrita deste posfácio decorre a princípio, do convite da colega e amiga, professora Míghian Danae, a quem afetuosamente agradeço, como também pela identificação com a temática, impressa nas primeiras linhas que compõem o título do livro. Entusiasmada pelo conteúdo que ora se descortinava, iniciei a leitura, sendo envolvida pelas histórias que sobremaneira me afetaram como mulher negra e professora. A imersão profunda em cada narrativa das professoras me conduziram às reminiscências contidas no ‘acervo’ da minha memória. Como *trailer* de um filme ainda muito vivo, emaranhado de lembranças, cartografadas em

¹ EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. Rio de Janeiro: Ed. Malê, 2008.

afetos, imagens, vozes, pessoas e espaços, presentificados em minha vida pessoal e profissional.

Nossa trajetória de vida é marcada por constantes acontecimentos, os quais vão influenciando e moldando nosso modo de agir e de pensar. De certo que em determinadas situações, é o contexto que nos leva a rupturas ideológicas que permeiam e insistem em se perpetuarem e nos impulsionam por vezes, a superarmos a realidade, produzindo outros efeitos de sentido para a(s) experiência(s) vivida(s).

Assim como nos apresenta Evaristo, na epígrafe desta escrita, as narrativas compartilhadas pelas quatro professoras, se constituem em um *movimento vaivém nas águas-lembranças, que transborda lhes a vida*. Sem se amedrontarem, nem se imobilizarem, lançam o leme e mergulham nos fundos oceanos da memória, deixando emergir suas histórias carregadas de sentimentos e percepções, marcas e atravessamentos da infância, da convivência familiar, das experiências escolares e profissionais, construídas em tempos e momentos diversos.

Nesse exercício retrospectivo as professoras expressam o quanto a conjunção social imbuída por uma compreensão eurocêntrica, contribuiu por vezes para o silenciamento de discussões raciais, sociais e de gênero. Em seus processos familiares e de escolarização, ressaltam alegrias, dificuldades e tensionamentos com os quais se depararam; diferentes violências simbólicas, discriminação e preconceitos que forjaram por vezes as suas identidades. Mesmo diante destas situações e das intempéries da vida, romperam com as ‘águas bravias’, e com os estereótipos atribuídos às suas existências, assumem o protagonismo de suas histórias, se apoderam do seu pertencimento racial, rumo a conquista de seus anseios e aspirações enquanto mulheres negras.

Os caminhos das professoras narradoras para o ingresso na docência, foram trilhados a partir de diferentes contextos e por

distintas razões. E mesmo não sendo para todas o desejo inicial, passa a ser representado posteriormente como uma escolha consciente, mesmo que conflitante em alguns momentos. Um investimento que revela a identificação, a busca pelo aprimoramento, e a implicação do SER PROFESSORA NEGRA, que vai sendo construída através dos dilemas, vivências, convivências e vicissitudes, que definem os percursos da própria formação, da identidade docente, declarada de forma potente em suas falas.

O sabor das águas doces e salgadas se mistura, instaura novos sentidos que se interseccionam com o Ser e o Fazer docente na Educação Infantil. Ao compreenderem a sua posição enquanto professoras negras, as narradoras ratificam a necessidade da escola romper com o silenciamento e com as diferentes formas de opressões estruturais das quais ainda é reprodutora. O olhar lançado especificamente para as suas salas de aula, possibilita às docentes capturarem percepções, sensações, experiências, histórias que atravessam a vida das crianças e as afetam em diferentes graus de intensidade. Um contexto que incide diretamente na representatividade dos seus corpos que se renova cotidianamente, e amplia o eco dos seus gritos: é preciso “mudar a curva”, trilhar caminhos transformadores, pautados em uma relação dialógica construída a cada dia.

Neste cenário, fortalecem as ações cotidianas por meio de práticas de resistência, que estimulem outros movimentos múltiplos e contínuos por uma educação que caminhe na contramão de situações e comportamentos preconceituosos e racistas ainda presentificados no ambiente escolar. Compartilham os seus fazeres como professoras da Educação Infantil, enfatizando práticas educativas e pedagógicas mais libertadoras, que abram as janelas para aprendizagens outras, ancoradas em conteúdos e atividades com vivências qualitativas no trato com as diferenças. Que estimulem a curiosidade, a interação e propiciem às crianças o seu reconhecimento étnico racial e a potencialização dos seus repertórios culturais, seus contextos e

vivências, diferenças e identidades distintas, de maneira a ampliarem positivamente sua autoestima e autoconfiança.

A cartografia inscrita nas “rotas de navegação” possibilitou às professoras negras, transcenderem tempos e espaços, ao revisitarem as suas histórias por meio das narrativas. Convictas dos caminhos que percorreram e que ainda trilham, dos seus fazeres, ressignificam experiências, saberes e modelos engessados, internalizados durante seus processos de vida e de escolarização. Recriam-se em suas potencialidades, como “[...] as plantas, que na estação da seca se imobilizam e brotam nas primeiras chuvas com uma quantidade inesperada de folhas novas”² (Bosi, 1994, p. 38).

Destarte, nestas linhas conclusivas, faço um convite a você leitor/leitora, que mergulhou nas águas profundas das histórias aqui narradas: percorra as suas itinerâncias, permita que as folhas presentes nos seus oceanos de vida, fecundem raízes profundas que rompam com a modelagem e subvertam a ideologia da homogeneidade. Renove as suas folhas a cada dia chuvoso ou ensolarado, deixe-as ramificar para que possam florescer uma educação que seja, de fato, inclusiva, emancipatória, plural e antirracista para todas as crianças.

Carla Verônica A. Almeida, Salvador (BA), março de 2025

²BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

APRESENTAÇÃO DAS AUTORAS

Isabela Carolina Santos de Sá dos Reis é quilombola de Acupe e professora da rede municipal de Santo Amaro (BA). Possui graduação em Pedagogia (2023) e Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês (2020). Atua como professora formadora no curso de Licenciatura em Educação Escolar Quilombola do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR/UNILAB – Malês/BA).

Desenvolve pesquisas voltadas à Educação Não Escolar, à Educação Escolar Quilombola e às Relações Étnico-Raciais, com ênfase nas expressões da cultura popular do Recôncavo Baiano. É coordenadora das atividades pedagógicas e ações educativas e culturais da Associação Cultural Nego Fugido, localizada no Acupe (Santo Amaro, BA).

Coordena as atividades formativas do Laboratório de Sensibilidades, da secretária local do Programa Universidade para Todos, na extensão de Acupe (Santo Amaro, BA), vinculada ao Polo Valença. Atuou como consultora pedagógica do projeto Peles Pretas, Máscaras Pretas (SP/BA/SE) e bolsista no projeto Corpo Encruzilhada: Tradições do Recôncavo Baiano (UNILAB, Campus dos Malês/BA), entre 2017 e 2018. Também participou como pesquisadora em início de carreira do Programa de Formação e Mentoria em Pesquisas sobre Equidade na Educação, do Centro Lemann, entre 2022 e 2023.

Míghian Danae Ferreira Nunes é natural de Itabuna (BA), possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) (2003), especialização em História, Sociedade e Cultura pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) (2008), mestrado em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), na linha de História da Educação e Historiografia

(2012), e doutorado em Educação, na área de Sociologia da Educação, também pela FEUSP (2017).

Foi por 15 anos professora de educação infantil na rede pública. Possui experiência de pesquisa na área da Educação, com ênfase em Educação Infantil, atuando nos temas: educação das relações étnico-raciais, raça, gênero, estudos sociais da infância e pesquisa com crianças.

Participa do Núcleo de Estudos Africanos, Afro-Brasileiros e Indígenas da UNILAB (NEAABI) e é membro da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN). Atualmente é professora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), IHLM – Campus dos Malês, em São Francisco do Conde (BA), além de coordenadora da Ibeji: Rede de Pesquisadoras Negras em Infâncias.

Integra a Comissão Nacional para a Educação das Relações Étnico-Raciais e Ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira (CADARA - MEC). É autora do livro Exu: dois amigos e uma luta, publicado pela Arole Cultural.